

# **AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO**

estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003

ANEXOS





UNIVERSIDADE  
FERNANDO PESSOA  
WWW.FPPT

**DISSERTAÇÃO MESTRADO**

ARQUITETURA E URBANISMO

# **AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO**

estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003

ANEXOS

**PROJETO DE DISSERTAÇÃO**

ANA RITA MOREIRA

**COM ORIENTAÇÃO DE**

PROF. DOUTOR LUÍS PINTO DE FARIA



## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>ANEXO I</b> CURRÍCULO DE ALCINO SOUTINHO   CRONOLOGIA.....	01
<b>ANEXO II</b> LISTA DE OBRAS DE ALCINO SOUTINHO.....	14
<b>ANEXO III</b> CONVERSAS.....	28
<b>ANEXO IV</b> FICHAS INDIVIDUAIS DAS CASAS.....	131

## **ANEXO I CRONOLOGIA DE ALCINO SOUTINHO**

CRONOLOGIA TEMÁTICA DE ALCINO SOUTINHO (INICIADA POR LAURA SOUTINHO,  
COMPLETADA POR ANDREA SOUTINHO, RESUMIDA POR JORGE FIGUEIRA, FINALIZADA PELO  
AUTOR)

## ATIVIDADE DIVERSA NO ÂMBITO PROFISSIONAL E DISCIPLINAR

- Bolseiro em Itália pela Fundação Calouste Gulbenkian para investigação sobre Museologia em 1961.
- Professor Associado Jubilado de nomeação definitiva da FAUP.
- Assessor da Administração do Porto de Lisboa para o Reordenamento da Zona Ribeirinha entre Algés e a Matinha entre 1996 e 2002.
- Presidente do Centro Português de Design entre 1998 e 2001.
- Membro da Associação Portuguesa de Designers.
- Membro do Conselho Científico da Escola Superior de Arte e Design (ESAD).
- Membro do Comité Científico da Revista Housing, Itália.
- Consultor do CRUARB (Comissariado para a Recuperação Urbana da Área Ribeira Barredo) - Câmara Municipal do Porto entre 1993 e 1997.
- Membro da Comissão Consultiva para a atribuição de Bolsas de Estudo de Especialização nos diversos domínios da actividade própria do serviço de Belas Artes, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Representante da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) para a Comissão de Acompanhamento dos estudos ao abrigo da Resolução do Conselho de Ministros nº36/92-Estudo da Fachada Flúvio-Marítima do Rio Douro - Comissão de Coordenação da Região Norte.
- Presidente da Assembleia Geral da Coop. de Actividades Artísticas Árvore entre 2003 e 2006.
- Presidente da Assembleia Geral da Ordem dos Arquitectos entre 1999 e 2002.
- Membro do Júri nos seguintes concursos públicos:
  - .Sala de Leitura da Biblioteca Municipal do Porto
  - .Reordenamento das Margens do Rio Tâmega após a construção da Barragem do Torrão
  - .Concurso de ideias para louças e equipamentos sanitários, Fundação de Serralves
  - .Valorização da Igreja de Santa-Clara-a-Velha

02

- .Remodelação dos Banhos de S. Paulo para a nova sede da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP)
- .Novas Instalações da Secção Regional Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP), Porto
- .Novos Mercados do Porto, Câmara Municipal do Porto
- .Concurso para o Logotipo da Nervir (Núcleo Empresarial da Região de Vila Real)
- .Concurso para a Residência do Embaixador de Portugal em Brasília
- .Concurso para Ampliação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- .Teatro Constantino Nery, Matosinhos
- .Centro Cultural de Gaia, Vila Nova de Gaia

## **DISTINÇÕES**

- Prémio AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte) – 1984.
- Prémio Europa Nostra - "International Federation of the Protection of Europe's Cultural and Natural Heritage " – 1982.
- Seleccionado para o Prémio Europeu "Mies Van der Rohe" – 1991.
- Medalha de Mérito da Câmara Municipal de Matosinhos – 1988.
- Medalha de Mérito Municipal da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia – 1992.
- Condecorado, pelo Presidente da República, com a Comenda da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada – 1993.
- Medalha de Honra (Ouro) da Câmara Municipal de Matosinhos – 2007.
- Cidadão Honorário da Câmara Municipal de Matosinhos – 2007.

## **OBRAS PUBLICADAS**

- Internationale Bauausstellung, Alemanha 1980 - Bairro da Maceda, Porto.
- Wonen Tabk, Holanda 1985 - Projecto de Remodelação da Biblioteca-Museu Amadeo Souza-Cardoso em Amarante.

- Obradoiro, Espanha, 1985 - Projecto de Remodelação da Biblioteca-Museu Amadeo Souza-Cardoso em Amarante.
- A.M.C. (Architecture - Mouvement - Continuité), França 1985
- Biblioteca-Museu Amadeo Souza-Cardoso em Amarante.
- Lotus International, Itália 1985 - Biblioteca-Museu Amadeo Souza-Cardoso em Amarante.
- Páginas Brancas (Revista da ESBAP/FAUP), Portugal 1986 - Habitação Unifamiliar em Ofir – Esposende.
- Jornal "Expresso", Portugal 1986 - a propósito do Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- A.M.C. (Architecture - Mouvement - Continuité), França 1988 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- Obradoiro, Espanha 1988 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- Publicação sobre a EAAE Workshop XVIII, Espanha, 1988.
- Jornal de Notícias, Portugal 1988 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos, a propósito de uma exposição na Casa de Serralves sobre desenhos da Câmara de Matosinhos.
- Casabella, Itália 1989 - Habitação Unifamiliar em Ofir, Esposende.
- Via Latina, Portugal 1989 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- Lotus International, Itália 1989 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos e Habitação Unifamiliar em Ofir, Esposende.
- Architecti, Portugal 1989 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- Lápiz, Espanha 1990 - Entrevista.
- Architectures à Porto (Editions Mardaga), França, 1990 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos, Biblioteca-Museu Amadeo Souza-Cardoso em Amarante e Habitação Unifamiliar em Ofir, Esposende.
- Interni, Itália 1991 - Habitação Unifamiliar em Ofir, Esposende.
- European Masters/3 Architecture II (Ediciones Atrium), Espanha 1991 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.
- European Masters/3 Arquitectura de Casas (Ediciones Atrium), Espanha 1991 - Habitação Unifamiliar em Ofir, Esposende.
- Architecti, Portugal 1991 - Adaptação do Pátio das Nações a Floor da Bolsa de Valores do Porto, Palácio da Bolsa - Porto.

- Via Latina, Portugal 1991 - Texto a propósito do Concurso de Ideias para a Valorização da Igreja de Santa Clara a Velha em Coimbra.
- Zodiac, Itália 1992 - Departamento de Engenharia da Cerâmica e do Vidro da Universidade de Aveiro.
- d'A (d'Architectures), França 1992 - Paços do Concelho de Matosinhos.
- Revista Sábado, Portugal 1993 - Reitoria da Universidade Nova de Lisboa.
- Revista Sábado, Portugal 1993 - Sede do Banco Fonsecas e Burnay no Porto.
- "Matosinhos, Paços do Concelho" (Edição Única da Câmara Municipal de Matosinhos), Portugal 1993.
- Arquitectos (Revista da AAP), Portugal 1993 - Reitoria da Universidade Nova de Lisboa.
- DBZ Deutsche Bauzeitschrift, Alemanha 1994 - Departamento de Engenharia da Cerâmica e do Vidro da Universidade de Aveiro.
- Boletim do Colégio dos Arquitectos da Galiza, Espanha 1994 - Conjunto da obra.
- Boletim do Colégio de Arquitectos de Bari, Itália 1994 - Conjunto da obra.
- Casas Atlânticas, Espanha 1996 – Habitação Pinto de Sousa em Ofir.
- Anuário de Arquitectura e Design, Portugal 1996 – Bolsa de Derivados do Porto.
- Casabella, Itália 1997 - Departamento de Engenharia da Cerâmica e do Vidro e Departamento de Química da Universidade de Aveiro.
- A e V, Espanha 1998 - Departamento de Engenharia da Cerâmica e do Vidro e Departamento de Química da Universidade de Aveiro.
- Espaços, Portugal 2000 – Conjunto da Obra.
- Arquitectura e Vida, Portugal 2000 – Habitação em Albergaria-a-Velha.
- Projectos Adiados, Portugal 2000 – Polo da Maia.
- Arquitectura Portuguesa Contemporânea, Portugal 2001 – ETA de Lever e Bolsa de Derivados do Porto.
- Guia de Arquitectura Portuguesa, Portugal 2001 – Câmara de Matosinhos.
- Arquitectura e Vida, Portugal 2001 – Conjunto da Obra.
- Casas+Interiores Norte, Portugal 2002- Habitação Pina Vaz em Ofir.
- Formas Urbanas, Portugal 2002 - Projecto de Inserção do Metro do Porto na Zona Urbana de Matosinhos.

- L' Identità plurale, Itália 2002 – Obras Diversas .
- Architeti, Portugal 2003 – Centro de Estágios do Futebol Clube do Porto.
- Jornal Expresso, Portugal 2003 – Quinta das Sedas Lote 1.
- Anteprojectos, Portugal 2003 – Entrevista.
- Cadeiras Portuguesas Contemporâneas, Portugal 2003 – Design de Mobiliário.
- Arquitectura e Vida, Portugal 2003 – rubrica “Ateliês”.
- Arquitectura e Vida, Portugal 2004 – Estação do Metro de Brito Capelo, Matosinhos.
- Arquitectura Ibérica, Portugal 2004 – Biblioteca Municipal de Matosinhos.
- Arquitectura Ibérica, Portugal 2004 - Centro de Estágios do Futebol Clube do Porto.
- 30 Exemplos (Arquitectura Portuguesa no Virar do Sec. XX) – Manuel Graça Dias, Portugal 2004 – Quinta das Sedas Lote 1 e 2.
- Arquitectura e Construção, Portugal 2005 – 14 habitações em Óbidos.
- Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974, Portugal 2005 – Habitação no Barreiro.
- Alcino Soutinho, Giancarlo Mainini, Itália 2005.
- Habitar Portugal, Portugal 2006 – Lote 1 e 2 da Quinta das Sedas.
- Anuário de Arquitectura 11, Portugal 2008 – Museu do Neo-Realismo.
- Arquitectura e Vida, Portugal 2008 – Habitação em Afife.
- Arquitectura Ibérica 27, Portugal 2009 – Habitação no Porto.
- Villas e Golfe, Portugal 2009 – Vários.

06

## **CONFERÊNCIAS E DEBATES**

- Intervenção, como convidado, no Simpósium Museopoli, Faculdade de Arquitectura/Instituto Politécnico de Milão, 1985.
- Seminário Concreta 85 - Comunicação sobre recuperação de edifícios.
- Segundas Jornadas da Física e Tecnologia dos edifícios - O comportamento da envolvente dos edifícios. Comunicação "A linguagem da arquitectura", Faculdade de Engenharia, Porto 1986.

-Comunicação e debate na Escola Técnica Superior de arquitectura da Corunha, Corunha 1988 - EAAE Workshop XVIII, "O lugar da tecnologia na arquitectura criativa".

-As Cores do Corpo, Colóquio na Fundação de Serralves.

Comunicação "Um espaço para o corpo", Porto 1990.

-Seminário sobre edifícios inteligentes, promovido pelo INESC, "Do projecto à integração de serviços avançados", Porto 1990.

-Encontro Nacional de Design organizado pelo ESAD (Escola Superior de Artes e Design), "O Design de equipamento de interiores", Porto 1990.

- Ciclo de Lições na Faculdade de Arquitectura / Instituto Politécnico de Milão, Milão 1990.

-Mesa Redonda para a discussão das propostas apresentadas no Concurso de Ideias para a Valorização da Igreja de Santa Clara a Velha, em Coimbra, realizada na Cadeia da Relação, Porto 1990.

-Comunicação no Encontro sobre as Arquitecturas Institucionais, Santiago de Compostela, 1990.

-Participação, como convidado, no debate público sobre a Candidatura Portuguesa à Exposição Internacional de 1998 (Expo 98), organizada pela Urbe, Lisboa 1991.

-Conferência no Colégio Oficial dos Arquitectos da Cantábria, "A Escola do Porto", Santander 1991.

-Seminário sobre Conservação, Recuperação e Consolidação de Monumentos e Edifícios Históricos, organizado pela Ordem dos Engenheiros da Secção Regional dos Açores, 1992.

-Noites de Arquitectura, Conferência na Associação Nacional dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1993.

-Participação, como convidado, na Sessão Europeia de Saúde e Segurança na Construção, organizada pela Inspeção Geral do Trabalho - Ministério do Emprego e Segurança Social, Vila da Feira 1993.

-Rotary Clube do Porto, Foz - Palestra sobre "A Arquitectura da Foz e a Cidade do Porto", Porto 1993.

- Ciclo de Colóquios "A Cidade e os Homens", organizado pela Sedes (Associação para o desenvolvimento económico e social), Porto 1993.
- Conferência na Triennale de Milano, Itália 1994.
- Conferências no Colégio de Arquitectos de Bari, Itália 1994.
- Conferências na Faculdade de Arquitectura de Nápoles, Itália 1995.
- Conferências no Fórum de L'Architecture de Biel, Suíça 1996.
- Conferência no Colégio de Arquitectos da Corunha, Espanha 1996.
- Conferências no Convento da Arrábida, Portugal 1996.
- Conferência no encontro "Desafios Imobiliários", Porto 1996.
- Debates sobre o Porto na Fundação Eng. António Almeida, Portugal 1997.
- Conferência Internacional de Cidades Portuárias e m Punta D' el Leste, Uruguai 1997.
- Conferência na Faculdade de Arquitectura de Munique, Alemanha 1998.
- Conferência na Universidade de Trás-os-Montes, Portugal 1999.
- Conferência sobre o Porto na Cooperativa Árvore, Portugal 1999.
- Conferência sobre a "Arquitectura das Instituições", Como Itália 1999.
- Conferência sobre a "Arquitectura dos Espaços Públicos", Mendrisio Suíça 1999.
- Conferência sobre a "Qualidade de Vida e a Reabilitação Urbana", Lisboa Portugal 1999.
- Conferência sobre "Arquitectura e Psicologia Ambiental", Porto Portugal 2000.
- Conferência sobre "Arquitectura da Cidade Balnear", Veneza Itália 2002.
- Conferências na Faculdade de Arquitectura de Nápoles, Itália 2002.
- Conferências na Faculdade de Engenharia de Nápoles, Itália 2002.
- 8ª Conferência Internacional de Cidades Portuárias em Dalian, China 2002.
- Conferência sobre "O Metro de Superfície do Porto", Porto Portugal 2003.
- Seminário internacional "La casa dell'uomo tra artificio e natura", Nápoles Itália 2003.
- Conferência na Universidade Lusíada, Famalicão, Portugal 2005.
- Conferência na Faculdade de Engenharia do Porto, Portugal 2005.
- Conferência na Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusófona, Portugal 2007.

## EXPOSIÇÕES

- Architectures à Porto organizado por Opus Incertum, Clermont-Ferrand, 1987.
- Alcino Soutinho-Uma Obra,Galeria Diferença,Lisboa,1987.
- Alcino Soutinho-Uma Obra,Fundação de Serralves, Porto,1988.
- Exposição de Projectos de Arquitectura não realiza dos 10 Arquitectos, Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, Porto, 1989.
- Exposição Mundial de Design em Nagoya-Português fólio, organizado pela Associação Portuguesa de Design, 1989.
- Móveis e Candeeiros de Alcino Soutinho, Galeria Vantag, Porto, 1989.
- Salon International du Meuble,organizado pelo Instituto do Comércio Externo de Portugal, Paris 1989.
- Architectures Publiques, organizado por Mission Interministérielle pour la Qualité des Constructions Publiques e Centre de Création Industrielle du Centre Nationale d'Art et de Culture - Centre Georges Pompidou, Paris 1990.
- Alcino Soutinho, Uma Obra, organizado pelo Centro Cultural do Alto Minho, Galeria Barca d'Artes, Viana do Castelo, 1990.
- 1ª Trienal de Arquitectura de Sintra como Arquitecto convidado, Sintra 1990.
- Arquitectura Portuguesa Contemporânea - Anos 60-A nos 80, Fundação de Serralves, Porto 1991.
- Europália, Architectures au Portugal, Bruxelas 19 91.
- Design de Mobiliário Alcino Soutinho/Álvaro Siza Vieira, organizado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Galeria Municipal de Exposições, Alverca 1993.
- Bienal Internacional de S. Paulo, integrado na representação portuguesa, S. Paulo, Brasil 1993.
- Exposição de Design na Galeria Vantag, Porto 1993.
- Exposição de Portugal em Frankfurt, 1997.
- Exposição em Seregno Itália, 1999.
- Exposição no Centro Cultural de Belém do Empreendimento do Bom Sucesso, em Óbidos, 2004.

- Exposição na Alfândega do Porto do Empreendimento do Bom Sucesso, em Óbidos, 2004.
- Exposição na C. M. de Matosinhos, 2007.
- Exposição “A vossa casa” na Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, Porto 2009.
- Exposição “Realismo confortável” na Fundação EDP - Porto, 2014.
- Exposição “Um edifício, muitos museus - Alcino Soutinho e o Museu do Neo-Realismo” no Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, 2019.

## **CONVITES PARA CONCURSOS**

- Plano de Reabilitação do Centro Histórico de Chaves, 1985.
- Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Adaptação do Convento de Refóios, 1987.
- Projecto Global de Tratamento e Recuperação das Ruínas de S. Paulo, Macau 1989.
- Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, 1990.
- Sede no Norte do Banco FONSECAS e BURNAY, 1990.
- Ampliação da Assembleia da República, 1992.
- Torre para a Teledifusora de Portugal (TDP), 1992.
- Remodelação e Valorização do Museu Grão Vasco, Viseu 1993.
- Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, 1993.
- Centro Nacional de Sementes Florestais, Amarante 1993.
- Núcleo Central do Polo da Maia do Parque de Ciência e Tecnologia do Porto, 1993.
- Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), 1993.
- Anfiteatro da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, 1993.
- Concurso para a Elaboração dos Projectos dos Conjuntos Habitacionais para Matosinhos - Auditório Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1996.
- Concurso Limitado para o Projecto do Pavilhão Polidesportivo do Campus de Campolide da Universidade Nova de Lisboa, 1996.
- Concurso do Metro do Porto, 1996.

- Concurso de concepção/construção para a Estação de Captação de Água do Lever, 1997.
- Concurso Internacional para a Construção do Grande Espaço Coberto para Assembleias e Presbitério do Recinto de Oração do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, 1998.
- Concurso de concepção/construção para a ETAR de Sobreiras, Porto 1998.
- Concurso de concepção/construção para a Central de Compostagem Lipor, Maia 1998.
- Concurso para a Elaboração do Projecto de Recuperação e Readaptação da Quinta das Janelas, Óbidos 2003.
- Concurso para a Elaboração do Projecto de Recuperação e Readaptação da Quinta de Val Pereiras, Ponte de Lima 2003.
- Concurso para a Elaboração dos Lotes 6, 7 e 8 dos Terrenos da Efanor, Matosinhos 2005.
- Concurso para a Elaboração de um Empreendimento Turístico, S. Pedro de Moel 2009.

## **CONCURSOS PREMIADOS**

- Como Arquitecto em regime livre, obtém o primeiro lugar nos seguintes Concursos:
  - .Monumento aos Calafates (em co-autoria com A.Siza e A.Amaral) – Porto 1959, 1º prémio
  - .Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos, 1980, 1º prémio
  - .Plano de Pormenor da Zona Costeira entre a Granja e Espinho, 1985, 1º prémio
  - .Reutilização do Antigo Hospital Distrital da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, 1985, 1º prémio
  - .Sede no Norte do Banco Fonecas e Burnay, 1990, 1º prémio
  - .Finalista do Prémio das Comunidades Europeias Mies Van der Rohe, 1991, Barcelona
  - .Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, 1992, 1º prémio
  - .Elaboração dos Projectos dos Conjuntos Habitacionais para Matosinhos, 1995, 1º prémio

- .Remodelação e Ampliação da Camara Municipal de Seregno em Itália, 1999, 1º prémio
- .Plano de Pormenor do Pinhal Menéres em Vila do Conde, 2001, 1º prémio
- .Concurso para a Elaboração do Projecto de Recuperação e Readaptação da Quinta das Janelas, Óbidos 2003, 1º prémio
- .Concurso para a Elaboração do Projecto de Recuperação e Readaptação da Quinta de Val Pereiras, Ponte de Lima 2003, 1º prémio
- .Concurso para a Elaboração dos Lotes 7 e 8 dos Terrenos da Efanor, Matosinhos 2005, 1º prémio
- .Concurso para a Elaboração do Parque de Estacionamento LuisI, Vila Nova de Gaia 2008, 1º prémio
- .Concurso para a Elaboração do Parque de Estacionamento e Arranjos Exteriores do Centro Cívico de Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Gaia 2008, 1º prémio

## **ATIVIDADE PEDAGÓGICA**

Em 1984/85 presta Provas Públicas para a obtenção do título de Professor Agregado do 2º grupo de disciplinas da ESBAP, tendo sido aprovado por unanimidade.

- Durante este período de tempo é encarregado das disciplinas de:
  - .Construção - 1º ano
  - .Construção - 2º ano
  - .Construção - 3º ano
  - .Construção - 5º ano
  - .Projecto - 4º ano
- Após ter efectuado o contrato como Professor Auxiliar da FAUP, é membro do Conselho científico até 1990/91, altura em que, por estatuto, os seus membros passam a ser eleitos.
- Professor Acompanhante do Doutoramento em curso dos Assistentes Arquitectos António Madureira e Francisco Guedes.
- Nomeado, em diferentes ocasiões, para acompanhar estagiários e para

integrar Júris de Provas Públicas, de "Relatórios de Estágio" na ESBAP e de "Seminários de Pre-profissionalização" na FAUP.

- Nomeado para integrar o Júri, como Arguente, na Prova Pública da Assistente Arquitecta Maria José Casanova, na FAUP.

- Membro do Júri, como Arguente, na Prova Pública de Doutoramento da Assistente Arquitecta Maria Dulce Loução, na FAUTL.

## **ANEXO II LISTA DAS OBRAS DE SOUTINHO**

LISTAGEM DATADA DO CONJUNTO DA OBRA DE ALCINO SOUTINHO

- 1958 - Conjunto 4 habitações na R. S. João de Brito
- 1959 - Concurso para o Projecto para o Monumento aos Calafates
- 1960 - Casa dos Magistrados
- 1962 - Bombeiros Voluntários de Marco Canaveses
- **1963 - Habitação unifamiliar em Matosinhos**
- 1963 - Habitação Unifamiliar em Gondomar, António Pereira da Silva
- **1963 - Habitação unifamiliar em Paços de Brandão**
- **1963 - Projecto de uma casa de férias na Praia Suave-Mar**
- 1963 - Monumento a Miguel Torga
- 1964 - Complexo habitacional rural em Mouramorta
- 1964 - Complexo habitacional rural na Régua
- 1964 - Complexo habitacional rural em Barqueiros
- **1964 - Habitação unifamiliar em Rio Maior**
- 1964 - Complexo habitacional rural na Torre D. Chama
- 1964 - Complexo habitacional rural em Mirandela
- 1964 - Conjunto de 2 habitações na Rua do Lidador
- 1964 - Conjunto de 3 habitações, Arca D'Água
- 1965 - Complexo habitacional em Bragança
- 1965 - Complexo habitacional em Sto. Tirso
- 1965 - Complexo habitacional em Amarante
- 1965 - Complexo habitacional em Esposende
- 1965 - Complexo habitacional na Póvoa do Varzim

- 1965 - Complexo habitacional em Vila do Conde
- 1965 - [Habitações em Mafamude]
- 1968 - Plano de Pormenor da Zona da Cerca, Amarante
- 1968 - Anexos de Habitação, Vila Nova de Gaia
- **1968 - Habitação Unifamiliar em Vila Nova de Gaia**
- 1970 - Museu Amadeu Souza Cardoso e Biblioteca Albano Sardoeira
- 1971 - Pousada de D.Diniz em Vila Nova de Cerveira
- 1972 - Edifício dos Paços do Concelho de Amarante
- 1972 - Habitações económicas em Barcelos
- 1972 - Plano de Pormenor em Vagos
- 1973 - Adaptação a estalagem do Castelo de S. João da Foz
- 1973 - Cantina da ESBAP
- 1973 - Complexo Turístico da Ilha da Boega
- 1973 - Complexo habitacional em 5 de Outubro
- 1974 - Centro Comercial Lima 5
- 1974 - SAAL, Bairro da Maceda
- 1976 - SAAL Serralves
- 1977 - Reordenamento da Praça Teixeira de Pascoaes
- 1977 - Conjunto habitacional da Cooperativa Havitovar
- 1974 - SAAL, Bairro da Maceda
- 1978 - Moradia na Rua Linhas de Elvas, Porto

- 1978 - Plano de Pormenor da Quinta dos Frades
- 1978 - Palco Polivalente para espetáculos ao ar livre - Palácio de Cristal
- 1978 - Plano de Pormenor para a unidade turística da Torreira
- 1979 - Adaptação e ampliação da Casa do Curro para os Paços do Concelho de Monção
- 1979 - Posto de Turismo, Porto
- 1979 - Posto de Turismo, Lamego
- 1979 - Plano de Pormenor da Zona a Norte da EN15 Amarante
- 1979 - Parque de Estacionamento Subterrâneo, Amarante\*
- 1980 - Habitação Eng. Amaro da Costa
- 1980 - Instalações administrativas da empresa têxtil Eurel
- 17 • **1980 - Habitação unifamiliar, Portimão**
- 1980 - Antepiano do conjunto turístico de S.Pedro - Maceda
- 1980 - Concurso para o Monte Picoto
- 1980 - Internationaler Wettbewerb “Wohnpark am Lutzowplatz”, Berlim
- 1981 - Edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos (Concurso 1980)
- 1981 - Intervenção no Centro Histórico de Sines
- 1981 - Novos programas habitacionais para o centro urbano de Santo André de Sines
- 1981 - Posto abastecedor de combustíveis - Santo André de Sines
- 1981 - Projecto de ampliação da b boite Twin's
- 1982 - Restaurante Max Burger
- 1982 - Instalações do Banco de Portugal

- 1982 - Ampliação de uma Clínica Oftalmológica no Campo Alegre, Porto
- **1984 - Habitação unifamiliar em Ofir- Pinto de Sousa**
- 1984 - Plano de Pormenor da Zona Costeira entre a Granja e Espinho (Concurso)
- 1984 - Habitação unifamiliar em Fão Esposende
- 1984 - Recuperação de um conjunto de edifícios em Amarante
- 1984 - Equipamento mobiliário e decoração do Hotel Santa Luzia
- 1984 - Remodelação e ampliação de Habitação na Avenida dos Combatentes
- 1984 - Estação dos CTT da Lixa
- 1984 - Centro Comercial Invil
- 1985 - [Mobiliário Pousada da Ria]
- 1985 - [Habitação unifamiliar em Maia - Coronel Ingrácio Antunes]
- 1985 - Recuperação e ampliação de uma habitação unifamiliar no Bairro Marechal Gomes da Costa
- 1985 - Reutilização do Antigo Hospital Distrital de Viana do Castelo (Concurso 1985)
- 1986 - Habitação Cunha Barros
- **1987 - Habitação unifamiliar, Barreiro**
- 1987 - Bloco Habitacional em Amarante
- 1988 - Departamento de Engenharia Cerâmica e do Vidro da Universidade de Aveiro
- 1988 - Remodelação e ampliação de uma habitação em Guimarães
- 1988 - Instalações da Cooperativa Árvore, Porto
- 1988 - Instalações Administrativas da fábrica Rodrigues e Irmão, Lda., Guimarães
- 1988 - Instalações das Edições Asa

- 1988 - Stand Cortal
- 1988 - Estudo de Recuperação e Adaptação do Mosteiro de Tibães
- 1988 - Remodelação e ampliação de uma habitação em Albergaria-a-Velha
- 1988 - Projecto de arruamentos e arranjos exteriores do Campus Universitário da Universidade de Aveiro
- 1989 - [Cadeira para Comboio]
- 1989 - [Auchan]
- 1989 - Bloco Habitacional, Guimarães
- 1989 - Habitação unifamiliar em Valença do Minho
- 1990 - Remodelação e ampliação de habitação na Avenida Marechal Gomes da Costa
- 1990 - Adaptação do Pátio das Nações a Floor da Bolsa de Valores do Porto
- 1990 - Departamento de Química da Universidade de Aveiro
- 1990 - Habitação unifamiliar em Guimarães
- **1990 - Habitação unifamiliar, Albergaria-a-Velha**
- 1990 - Remodelação e ampliação de uma habitação na Av. dos Combatentes
- 1990 - Casa Museu Guerra Junqueiro
- 1990 - Sede no Norte do Banco Fonsecas e Burnay (Concurso 1990)
- 1990 - Habitação unifamiliar em S. Mamede
- [199-] - Casa Eng. Francisco Senas
- 1991 - Conjunto de Edifícios para Habitação, Comércio e Escritórios, Matosinhos - Mocar
- 1991 - Solar da Viscondessa das Devesas

- 1991 - Conjunto de Edifícios para Habitação e Comércio na Rua de Tânger
- 1991 - Conjunto de Edifícios para instalação dos Serviços da Companhia de Seguros Bonança
- 1991 - Plano e Projecto da Marginal Norte da Póvoa de Varzim
- 1991 - Habitação unifamiliar em Leça da Palmeira
- 1992 - Concurso para Torre Teledifusora
- 1992 - Concurso para a Novafacar em Matosinhos
- 1993 - Banco Central de Investimentos- Lisboa
- 1993 - Concurso para a ampliação do ISCTE
- 1993 - Concurso para o Polo Industrial e Tecnológico da Maia
- 1994 - Museu de Santa Joana
- 1994 - Conjunto Habitacional para a Urbanização de Quires
- 1994 - Bolsa de Derivados do Porto
- 1996 - Plano de Urbanização do Cais de Gaia
- 1996 - Ampliação da Câmara Municipal de Felgueiras
- 1996 - Reordenamento da Praça do Município de Felgueiras
- 1996 - Companhia Anglo portuguesa de Caolinos - Urbanização da Rua do Alto do Viso - Senhora da Hora
- 1996 - Reitoria da Universidade Nova de Lisboa (Concurso 1993)
- 1996 - Concurso para o Auditório Municipal de Famalicão
- 1996 - Concurso para o Polidesportivo da Universidade Nova de Lisboa
- 1996 - Concurso para o Metro do Porto

- 1997 - Museu do Carro Eléctrico do Porto
- 1997 - Urbanização e Edifícios da Quinta da Calçada
- 1997 - Adaptação da fábrica Ach. Brito a conjunto habitacional
- 1997 - Reservatório de Pedrouços
- 1997 - Habitações unifamiliares na Quinta do Lago
- 1997 - Conjuntos Habitacionais de Lavra 1, Lavra 2 e Perafita - (Concurso 1995)
- 1997 - Concurso para a Etar de Sobreiras
- 1997 - Concurso para o Santuário de Fátima (convite)
- 1997 - Conjunto Habitacional para a Rua Marechal Saldanha
- 1997 - Castelo do Prado, Matosinhos
- 1998 - Banco de Investimentos - Porto
- 1998 - Habitação unifamiliar em Canidelo
- 1998 - Clínica Polivalente
- 1998 - Concurso para o Centro de Compostagem Lipor
- 1999 - Projecto de Urbanização Turística do Eco Resort, Tróia
- 1999 - Conjunto habitacional na Av. Manuel Teixeira Ruela, Matosinhos
- 1999 - Complexo Multiusos da Arrábida
- 1999 - Conjunto Habitacional na Rua do Farol
- **1999 - Habitação unifamiliar em Ofir**
- 1999 - Loteamento em Vilar do Paraíso
- 1999 - Edifício de Habitação e comércio na Rua Sousa Aroso, Matosinhos

- 1999 - Concurso para a Piscina Atlântica, Figueira da Foz
- 1999 - Concurso para Empreendimento EDP na Marginal do Porto
- 1999 - Concurso para o Museu de Tecnologia do Mar
- 1999 - Centro de Estágios do Futebol Clube do Porto
- 1999 - Bloco Habitacional, Castelo da Foz
- 1999 - STCP Brito Capelo
- [19--] - Litografia Maia
- [199-] - [Habitação unifamiliar Dr. José Fernando]
- 2000 - ETA de Lever, Vila Nova de Gaia (Concurso 1997)
- 2000 - Biblioteca Municipal de Águeda
- **2000 - Moradia na Rua Júlio Dantas, Porto**
- 2000 - Habitação unifamiliar, V. N. de Gaia
- 2000 - Praça Matosinhos - Procapital [Empreendimento Centro Atlântico]
- 2000 - Edifícios de Habitação na Quinta das Sedas
- 2000 - Reconversão Urbana do Largo entre a Rua Chã e a Rua do Loureiro no âmbito do Plano de Reconversão Urbana do Porto 2001
- 2000 - Teatro/Auditório, Biblioteca e Sala de Exposições da Camara Municipal de Matosinhos
- 2000 - Palco para o Festival das Comunidades
- 2000 - Conjunto habitacional na antiga Fábrica de Redes
- 2001 - Ampliação da Faculdade de Belas Artes do Porto
- 2001 - Remodelação da Casa do Passal (Fund. Aristides Sousa Mendes)

- 2001 - Reutilização do Antigo Hospital Distrital de Viana do Castelo a Escola Superior de Arte e Design
- 2001 - Santuário de Nossa Senhora do Amparo, Mirandela
- 2001 - Centro Cultural de Alfândega da Fé
- 2001 - Edifícios de Habitação na Quinta das Sedas, lote 2
- 2001 - Centro Comercial em Algés
- 2001 - Plano de Urbanização em Custóias
- 2001 - Bloco de Escritórios, Porto
- 2002 - Clínica Oftalmológica Ribeiro Barraquer
- 2002 - Conjunto de Edifícios Terciários na Exponor – AEP
- 2002 - Edifícios de Habitação na Quinta das Sedas, lote 3
- 2002 - Plano e Projecto da Frente Marítima de Vila do Conde
- 2002 - Projecto de Inserção do Metro do Porto na Zona Urbana de Matosinhos
- 2002 - Remodelação da Sede da Sociedade Numismática Portuguesa
- 2002 - Plano de Pormenor do Pinhal de Menéres, Vila do Conde (Concurso 2001)
- 2002 - Remodelação da Sede do Barclays Bank, Porto
- **2002 - Habitação Unifamiliar, Porto**
- 2002 - Bloco de habitação na Av. Brasil
- 2002 - Museu do Neo-Realismo
- 2002 - Bloco habitacional em Matosinhos Sul
- 2002 - Complexo Habitacional na Rua da Venezuela
- 2002 - Recuperação de uma habitação unifamiliar em Touguinhó

- 2002 - Recuperação de um conjunto de moradias em S. Paio de Antas
- 2002 - Câmara Municipal de Seregno
- 2002 - Mosteiro de Jesus / Museu de Santa Joana, Aveiro
- 2003 - Museu do Futebol Clube do Porto
- 2003 - Edifício de Escritórios, Águeda
- 2003 - Edifício de Comércio, Escritórios e Habitação, Alfândega da Fé
- 2003 - Parque de Estacionamento Subterrâneo e Reordenamento da Praça Teixeira de Pascoaes
- 2003 - Remodelação Exterior do Hotel Tuela
- 2003 - Sociedade Protectora dos Animais
- **2003 - Habitação Unifamiliar, Afife**
- 2003 - Concurso para a Sede da Lombardia
- 2003 - Concurso para a Ampliação da Faculdade de Letras de Lisboa
- 2004 - Cobertura da Rua Brito Capelo
- 2004 - Edifício de Comércio e Habitação na Rua da Constituição
- 2004 - Recuperação e Readaptação da Quinta das Janelas, Óbidos (Concurso 2003)
- 2004 - Recuperação e Readaptação da Quinta de Val Pereiras, Ponte de Lima (Concurso 2003)
- 2004 - Bom Sucesso, Óbidos
- 2004 - Plano de Pormenor da Antiga Gist Brocades
- 2004 - Projecto de Loteamento de terreno em Lavadores- Seca de Bacalhau, Vila Nova de Gaia

- 2004 - Ponte Pedonal em Lever
- 2004 - Edifício Terciário na Boavista
- 2004 - Concurso para o Instituto Bacteriológico Camara Pestana
- 2005 - Projecto de Urbanização Turística do Eco Resort – 2ª Fase
- 2005 - Edifícios de Habitação para os Lote 7 e 8 dos Terrenos da Efanor (Concurso)
- 2005 - Conjunto de 26 Habitações Unifamiliares, Óbidos
- 2005 - Conjunto de 28 Habitações em Banda, Óbidos
- 2005 - Conjunto de 2 Edifícios de Habitação em Nevogilde
- 2005 - Recuperação e Adaptação de 2 Edifícios na Praça do Infante
- 2005 - [Empreendimento na Granja - Vila Nova de Gaia]
- 2005 - Unidade Geriátrica, Vila Nova de Gaia
- 2006 - Habitação Unifamiliar, Afife
- 2006 - Habitação Unifamiliar, Porto
- 2006 - Torres de Escritórios, Matosinhos
- 2006 - Conjunto de 5 Edifícios de Habitação na Antiga “Gist Brocades”, Matosinhos
- 2006 - Concurso para a Universidade Aberta, Seixal
- 2006 - Concurso para um Edifício na Rua Damasceno Monteiro
- 2006 - Concurso para Central de Camionagem, São João da Madeira
- 2007 - Edifícios de Habitação para o Lote 4 da Quinta das Sedas
- 2007 - Edifícios de Habitação para a Rotunda da Fonte Luminosa
- 2007 - Readaptação da Ampliação da Camara Municipal de Felgueiras

- 2007 - Plano de Pormenor para a zona do Campo de Futebol do Espinho
- 2007 - Concurso para a Remodelação da Fábrica do Álcool, Açores
- 2007 - Concurso para Empreendimento Poligreen
- 2008 - Parque de Estacionamento Luís I, Vila Nova de Gaia (Concurso)
- 2008 - Parque de Estacionamento e Arranjos Exteriores do Centro Cívico de Vila Nova de Gaia - (Concurso)
- 2008 - Conjunto de 12 Habitações Unifamiliares, Óbidos
- 2008 - Loteamento para 16 Habitações Unifamiliares
- 2009 - Auditório Municipal de Matosinhos
- 2009 - Loteamento S. Mamede Infesta
- 2009 - Arranjos Exteriores e Jardins da Zona Envolvente à Biblioteca de Águeda
- 2009 - Conjunto de 40 moradias em Ponta Delgada
- 2009 - Conjunto de 10 moradias, Matosinhos
- 2009- Concurso para Plano de Pormenor na Amareleja
- 2009 - Concurso para Escola em Felgueiras
- 2009 - Concurso para Empreendimento Turístico Gestoliva, S. Pedro de Moel
- 2010 - Habitação Unifamiliar em S. Mamede Infesta
- 2010 - Conjunto de 40 moradias em Ponta Delgada
- 2010 - Conjunto de 10 moradias, Matosinhos
- 2010 - Concurso para a Escola Agrária
- 2010 - Concurso para a Escola Luís Verney
- 2010 - Concurso para o Templo Água Vida

- 2010 - Concurso para o Parque de Estacionamento Pirâmide, Oeiras
- 2010 - Concurso para Parque de Estacionamento, Almeirim
- 2010 - Concurso para Cooperativa, Paredes
- 2010 - Concurso para o Plano da Marginal de Caminha
- 2010 - Concurso para o Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos
- 2011 - Museu da Língua Portuguesa
- 2011 - Moradias em Palmares, Lagos
- 2011 - Bloco habitacional na Av. Brasil
- 2011 - Concurso para as Piscinas Municipais, Marinha Grande
- 2011 - Concurso para as Piscinas Municipais
- 2011 - Concurso para a Biblioteca Municipal de Grândola
- 2011 - Templo Lisboa IJCSUD
- 2012 - Concurso para a Quinta Marques Gomes, V. N. de Gaia
- 2012 - Concurso para a Etar de Matosinhos
- 2012 - Concurso para o Túnel de Águas Santas
- 2012 - Concurso para o Loteamento do Bairro do Aleixo
- 2012 - Habitação José Júlio S. Carvalho

Lista disponível para consulta em: <http://arquivoatom.up.pt/index.php/alcino-soutinho>

Pertence à Fundação Instituto Marques da Silva e foi realizada pelo escritório do Arquiteto Alcino Soutinho.

**NOTA:** Algumas datas de obras correspondem à data de início de processo, o que pode diferir da data de conclusão da obra bem como da data nos processos camarários. Encontram-se diferenciadas a negrito as habitações unifamiliares estudadas.

## **ANEXO III CONVERSAS**

SELEÇÃO DE EXCERTOS DE CONVERSAS INFORMAIS REALIZADAS PELO AUTOR A FAMILIARES,  
AMIGOS, COLABORADORES E PROPRIETÁRIOS DAS CASAS

## **CONVERSAS FAMILIARES**

## EXCERTOS DAS CONVERSAS COM ANDREA SOUTINHO

(13 de maio 2019, no escritório da arquiteta na Rua da Paz, Porto)

(Autor: Quais são as referências que encontra presentes no trabalho do seu pai?)

*Em termos de referências, e de facto em termos de concretização, Alvar Aalto está bastante marcado na obra do meu pai, mas eu acho que em termos de consulta, eu vi o meu pai sempre toda a vida recorrer foi o Le Corbusier e o Louis Khan. Eu acho que estes três eram de facto em quem ele se inspirava. É evidente que eu acho que os italianos também o influenciaram de alguma forma, mas terá sido mais numa determinada época. Se virmos assim no percurso geral, acho que são esses três.*

(Autor: Ele visitou obras desses autores, procurava essas referências?)

*Visitou, visitou bastantes obras duns e doutros.*

(Autor: Sobre a política, o seu pai foi militante do PCP?)

*O meu pai foi apoiante do PCP, mas nunca foi militante. Ele esteve preso na altura porque foi acusado de pertencer ao “mundo juvenil”. E foi por essa razão que o meu pai não acabou o curso em 57, porque foi preso, é verdade. Ele era acusado de pertencer ao movimento de unidade democrático - o “mundo juvenil” e fazia. O meu pai esteve preso sete meses, se não estou em erro. Acusavam-no se ser contra o regime, era o que bastava para o condenar. Era um homem de convicções.*

30

---

(29 de novembro 2019, no escritório da arquiteta na Avenida Fabril do Norte, Matosinhos)

(Autor: Sobre o trabalho desenvolvido na presente dissertação de mestrado.)

*Tem de assegurar no seu trabalho, que as casas que o meu pai projetou primeiro são as dos Magistrados em Santa Maria da Feira e as da Rua São João de Brito no Porto. Apesar destas últimas já estarem muito alteradas. Estuda uma seleção delas, as que estão mais originais, digamos assim, que estão de facto.*

(Autor: Sobre as três fases que o autor identifica como períodos / momentos na arquitetura de Alcino Soutinho)

*A primeira (fase) ligada ainda muito à Escola, a segunda é os anos oitenta puros. No caso das dos anos oitenta eu acho que há, até pode ser injusto relativamente às pessoas, pode ser mal entendido, mas acho que há uma maior liberdade por parte do arquiteto.*

*A partir dos anos 90, por exemplo na casa Pina Vaz, há regras do próprio loteamento, nestas duas primeiras, no caso do Pina Vaz e do Pedro Soares Bicho há condicionantes, há uma limitação muito grande por causa do lote. E isto também é um loteamento que têm regras, é aquele loteamento à volta da Fundação Cupertino Miranda. Nas últimas duas, a do António Santos e a do Couto dos Santos, que são no fundo as últimas, não vou dizer que há mais intervenção da parte dos donos das casas mas há mais vontades próprias.*

*Evidentemente, são saltos muitos grandes. O meu pai nos anos 70 praticamente não fez nada relacionado com habitações unifamiliares. Estas todas (segunda fase) são quase todas dos anos 80.*

(Autor: Os colaboradores tiveram interferência nos diferentes processos de concepção do projeto, como o processo criativo, construtivo?)

*O tempo é importante. Para além da parte dos computadores terem influência, é inevitável, eu acho, que também têm a ver com o enquadramento cronológico. No fundo já é no século XXI, estas duas últimas casas. No caso do António dos Santos (casa da Rua Rodrigues Semide), por parte do meu pai houve sempre uma grande vontade de utilizar o betão, e no fundo houve aí a oportunidade de usar o betão branco. Há este facto, maior intervenção, eventualmente também dos colaboradores, mas também dos donos das obras.*

(Autor: Sobre a percepção de como os clientes entendem a arquitetura.)

*Todos com formação superior. A casa de Paços Brandão não sai tanto do contexto económico, é mais do contexto social. Mas todas as outras eram casas com os proprietários com graus superiores e talvez com um entendimento mais correto da própria arquitetura.*

(Autor: Pelo que percebi, a sua mãe começou no início de vida como casados colabora com o seu pai.)

*No início sim, quando eles se casaram a minha mãe ia muito às obras com o meu pai.*

(Autor: Depois a Sr.<sup>a</sup> Arquiteta formar-se e começou a acompanhar o seu pai?)

*Exato, comecei até antes de me formar. Eu lembro-me, por exemplo, de ir com o meu pai à obra de Cerveira, e nessa altura nem sequer estava na faculdade.*

32

(Autor: Terá ficado aí o “bichinho” da arquitetura?)

*Talvez. Quando ia à obra de Cerveira, ia também à obra de Amarante com o meu pai e aí nessa altura nem pensava em ir para arquitetura. Pois não sei se estaria ali alguma coisa.*

(Autor: Como se desenvolvia o processo, nessa altura? Misturavam as coisas ou era casa é casa, escritório é escritório?)

*Em casa também se falava de trabalho. Quando eu comecei a trabalhar com ele evidentemente, era natural, muitas vezes falávamos. Evitávamos um bocadinho. Uma coisa que aproveitávamos imenso para falar, e trocar ideias era durante as viagens, quer fossem de comboio, quer fossem de carro. As viagens, eu acho, que eram praticamente sempre a falar de trabalho.*

(Autor: As viagens eram mais do que referências, eram ferramentas de trabalho, mais do que ver uma revista de arquitetura, ler um catálogo técnico!?)

*Eram muito mais enriquecidos.*

(Autor: O comunismo no início da vida do jovem Soutinho associado à Escola.)

*Não é bem o comunismo, é mais no sentido de ser contra o regime. Eu acho que o meu pai, entendo-o sempre, como um democrata e não como um comunista. Porque no fundo o comunismo é uma ideologia um bocadinho extremista, coisa que o meu pai não era absolutamente nada. Aliás, quando se fala em comunismo, era porque na altura o único partido que existia contra o regime era o partido comunista, ou se era A ou se era B. E o meu pai, até segundo ao 25 de abril, pelo menos a ideia que eu tenho, é que o meu pai sempre foi simpatizante e votava no partido comunista, mas nunca esteve envolvido no partido comunista. Esteve sempre fora do partido e criticava imenso algumas coisas do partido comunista. No fundo, não acho que era em termos de ideologia, era mais, em termos nacionais, poder ser uma voz e uma presença importante contra o regime. Mais um partido de esquerda do que propriamente o comunismo. O meu pai sempre foi independente. O meu pai também criticava imensas coisas, do regime comunista, que estava implementado na União Soviética. Achava que haviam imensas coisas que não estavam corretas, até mesmo a prisão que existia nesses países, é impensável. Eu acho que no fundo o meu pai verdadeiramente é um democrata, no fundo a favor da igualdade de todos mas numa forma equilibrada, sem extremismos.*

(Autor: A sua formação como arquiteta, como foi, sendo filha de Alcino Soutinho?)

*Logo a seguir a licenciar-me pensei em tirar uma pós-graduação na Corunha, ligada ao património e a recuperações. Iam uma série de colegas que combinámos, depois só dois é que fizeram. Eu estava determinada a ir, íamos à quinta feira, ficávamos lá sexta e sábado, voltávamos no sábado à noite. Mas eu estava entusiasmada com isso, mas quem me influenciou a não fazer foi o Eduardo Souto Moura. Teve um conversa comigo, disse assim: “Andrea ouvi dizer que tu queres ir tirar um curso, uma pós-graduação*

*para a Corunha”. Eu disse “sim, sim” e ele “ tu estás doida (gargalhadas), tu tens o melhor professor aqui à tua porta, ao teu lado, com quem podes aprender diariamente, tudo aquilo que ele sabe pode transmitir-te da melhor forma e vais para a Corunha aprender coisas que não te interessam para nada, secalhar não vais aprender nem metade do que aqui a trabalhar com o teu pai.” E eu comecei a pensar e pensei, realmente tem toda a razão, o quê que eu vou fazer para ali, é ficar com um título só.*

(Autor: As obras são todas em território nacional, só existindo uma fora de Portugal, em Itália com colaboração dos seus colaboradores italianos.)

*Sim sim, com o Andrea Liverani, o Enrico Almeida e o Lucca Dubini. Sim só tem essa só, que acabou por não ser construída, tudo por questões políticas. O meu pai desinteressou-se completamente disso. O Álvaro Siza, quando o meu pai ganhou o concurso ele dizia assim: “Alcino aviso-te já que em Itália, não vais construir” e ele dizia “oh lá começa tu” e ele “vai ver”. Quando o meu pai começou o projeto de execução, o Álvaro dizia: “nem acredito que vás construir em Itália”. Mas acabou por o projeto ficar pela cave (gargalhadas).*

34

(Autor: Alcino Soutinho era um homem pragmático e pouco teórico?)

*Só o era quando lhe pediam. As memórias descritivas eram simples e completas, absolutamente telegráficas (gargalhadas). Eu acho que me transmitiu isso também, detesta rodeios, floreados, e ele também não assim.*

(Autor: A frescura e juvenilidade que Laura Soutinho possui. Se a sua mãe não tivesse existido na vida do Soutinho, ele provavelmente teria outro percurso!?)

*É completamente verdade. O meu pai era um bocadinho “bicho do buraco”. A minha mãe sempre foi uma pessoa que gostou muito da vida social e de conviver, e o meu pai por vontade dele ficava mais vezes em casa. E quando a minha mãe foi trabalhar para*

*a (Cooperativa Artística) Árvore, por exemplo, puxava imenso o meu pai, para ir aqui e acolá. E acho que isso teve uma grande influência na atividade profissional do meu pai.*

*E acho que o meu pai, o facto de ter casado com a minha mãe, e depois teve-nos a nós, deu-lhe outra responsabilidade, que eu acho que o meu pai... Não é dizer que o meu pai era irresponsável, mas o meu pai tinha trinta anos, vivia em casa dos pais, fazia uma casa aqui, deixava fluir. Quando decidiu casar com a minha mãe, sustentar uma casa, foi quando foi trabalhar para as Caixas Económicas (Federação de Caixas de Providências) e começou a ter o escritório mais ativo. Até nisso, a minha mãe teve influência.*

(Autor: Quem eram os mestres de Alcino Soutinho?)

*O meu pai tinha sempre presente três livros, até estou a olhar para eles. Que acho que estavam quase sempre ao alcance. O Alvar Aalto, o Le Corbusier e o Louis Khan, e talvez menos o Frank Lyord Whright. Consultava, eram sempre recorrentes. O Alvar Aalto é a grande referência numa determinada altura mais ligada à primeira fase, do ponto de vista volumétrico, do ponto de vista de composição é tudo Alvar Aalto.*

*Aqui (segunda fase) há uma completa referência a Itália.*

(Autor: A “contaminação” no bom sentido dos projetos contemporâneos existe, ou seja, que se desenvolviam em paralelo às habitações unifamiliares no escritório?)

*É inevitável.*

(Autor: O acrescentar de pormenores, como por exemplo, um friso na fachada do Banco da Boavista, entre outros, que tornavam o edificio ainda mais “identitário”, foi algo que os colaboradores contaram sobre o arquiteto Soutinho, também concorda?)

*O projeto de execução é muito importante em termos de pormenorização, como é óbvio. Sim e isso é verdade, ele chegava ao escritório e desenhava em cima dos projetos já acabados.*

*Sobre as viagens ainda, havia o projeto da Biblioteca de Águeda, que tinham um projeto que estava em desenvolvimento, isso foi em 1997. Fomos fazer uma viagem magnífica a Berlim, fomos visitar, ainda por fora, porque não estava completamente concluído, o Museu Judaico do Libeskind, e de facto, pelo menos para mim e para o meu pai, foi uma obra surpreendente. E lembro-me do meu pai dizer durante a viagem assim: “estou a pensar em Águeda e vou mudar aquilo tudo” (gargalhadas). Quando chegou deu de facto uma reviravolta, e é o projeto que hoje existe. Não é completamente evidente, mas de facto foi mesmo importante. As viagens tinha influência nas obras, não há dúvida nenhuma.*

*E é verdade, esses acrescentos. O meu pai tinha muita consciência dos remates, mas isso já tem a ver com a parte construtiva. A composição e a construção, as duas coisas, sempre em simbiose.*

36

(Autor: Alguns conhecidos, amigos e colegas de profissão identificarem o legado de Alcino Soutinho pelo lado da construção, como o Arq.º Jorge Figueira, o Arqt.º João Rapagão...)

*Sim. O meu pai tinha essa particularidade muito engraçada que nós as vezes até nos ríamos e brincávamos com ele. Mesmo no início na conceção dum projeto, que acaba por ser a parte mais criativa, o meu pai tinha sempre a preocupação das questões construtivas, dizia assim: “não isso nem pensar, porque depois não vai ser possível, vai dar problemas de infiltrações, de manutenção.” No início, e nós até dizíamos: “já estás a fazer o projeto de execução” (gargalhadas). De facto, estava sempre presente e não facilitava. Às vezes até diria que poderia prejudicar a parte criativa e estética em detrimento da parte construtiva. Isso para ele era fundamental.*

*Tenho uns textos que elaborei quando o meu pai partiu que gostava de lhe mostrar. Obrigada.*

---

*E tudo começou assim*

(Texto de autoria da Arqt.ª Andrea Soutinho, cedido pela própria no dia 30 de novembro de 2019)

*A melhor forma de perpetuar a memória do meu pai é contar histórias...*

*Vou contar uma história*

*E tudo começou assim...*

*D. Hugo*

*Carlos Malheiro Dias*

*Professor Bento Jesus Caraça*

*Pedro Homem de Mello*

*Que, por feliz coincidência, foram algumas ruas dos escritórios que conheci ou ouvi falar e a que estes homens de cultura deram nomes, seja da história, da ciência ou literatura*

*E... que, acabaram, sem saber, e sem nós sabermos, por intervir, ou não e, silenciosamente, em todas as fases de concepção e produção*

*Anos primórdios de 70 Rua D. Hugo*

*D. Hugo, bispo do Porto, tão importante na consolidação do burgo, foi o homem a que deu nome à rua onde o meu pai iniciou a sua actividade profissional, porque dos outros escritórios partilhados com outros colegas noutras ruas, não tenho grande memória, embora possam ter tido grande significado na sua formação .....*

*Foi neste escritório que nasceu o embrião do projecto de Amarante. Grande oportunidade e uma vontade de ferro de “fazer bem” .....*

*Anos 70/80 Carlos Malheiro Dias*

*Carlos Malheiro Dias, monárquico e comendador da Ordem de Santiago, são as únicas circunstâncias que o ligam ao meu pai. A monarquia, por via indirecta da minha avó e a comenda concedida pelo então Presidente da Republica Dr. Mário Soares. De resto, e tão só o livro “ A Mulata”, cuja decadência da sociedade é retratada, embora distante no tempo e no espaço. E, é, na consciência de todas essas circunstâncias decadentes do regime em que vivia, que surgem obras como Cerveira e a consolidação de Amarante, rompendo já, com antecedência, com todos os cânones e parâmetros do que então era o pensamento da reabilitação do património. Sem grandes exibicionismos... Com serenidade, como sempre, mas com determinação. Quer uma quer outra, têm um vínculo de modernidade que manifestam uma atitude de abertura, pensamento e liberdade, relativamente às pré – existências, que até à data não existia. E, sempre com referências... Nesta época Alvar Aalto mais, e Louis Khan, menos, eram definitivamente as suas grandes referências.*

*E, finalmente, Matosinhos. Uma oportunidade... Construir uma sede de um município em democracia plena... Acompanhei todos os momentos à distância. Tudo foi pensado, desenhado e executado. E sempre com referências... O Egipto, o templo de Hatshepsut, ícone da arquitectura, foi, sem dúvida, a “referência” subjacente, senão à concepção, seguramente à finalização do projecto.*

*E, Matosinhos foi definitivamente a obra da vida do meu pai.*

*Outros projectos se elaboraram em Carlos Malheiro Dias, no decorrer da glória de Matosinhos, desde casas até equipamentos, como é o exemplo de Aveiro, e mais tarde o Banco BPI, na Avenida da Boavista, que teve uma importância muito especial, pelo seu significado; um edifício sede de um Banco com importância e referência nacional, e na principal artéria urbana do Porto. E ainda, a Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, “borboleta que aterra sobre o morro de Campolide”, a Maia, “a construção de um pedaço de cidade no meio do nada”, entre outros.*

*O escritório cresceu, a informática instalou-se e a mudança era irreversível....*

*Anos 90 Bento Jesus Caraça*

*Bento Jesus Caraça, matemático, e também, tal como Carlos Malheiro Dias, comendador da Ordem de Santiago. Mas, a este homem outras afinidades o ligam ao meu pai; os dois foram perseguidos e presos pela PIDE.*

*Neste escritório, aconteceram talvez as maiores transformações, e também a maior produção...*

*Paralelamente às encomendas institucionais, entre as quais se destacam a Casa Museu Guerra Junqueiro, mais uma oportunidade de reabilitação, e ainda por cima no Porto, o desenvolvimento do Centro Cívico de Matosinhos, com a Biblioteca e Galeria de Exposições, a Biblioteca de Águeda, que mais uma vez, teve na viagem a Berlim referências importantes do Museu Judaico, em Berlim*

*Aqui, começa também o boom da imobiliária, e a tentativa de criar arquitectura corrente com qualidade, pensada, bem concebida e bem construída. Todas as críticas certas que até então se pronunciaram sobre a má qualidade e especulação imobiliária, tiveram na época oportunidade, através de empresas respeitáveis, de provar que era possível construir edifícios habitacionais comercialmente atractivos, mas que respondiam a todos os padrões de qualidade. É neste escritório que se constroem a Quinta das Sedas, Amorins, Etc*

*Anos 2000 Pedro Homem de Mello*

*Mais uma vez, as referências à monarquia, Pedro Homem de Mello oriundo de uma família que lhe inculuiu ideais monárquicos, católicos e conservadores, tal como o meu pai, e apesar de reconhecida por numerosos críticos, a sua vasta obra poética, está injustamente votada ao esquecimento.*

*A experiência da Rua Pedro Homem de Mello, é talvez, a mais positiva, do ponto de vista da produção versus convivência, de entre todos os outros ateliers, e também a construção de um espaço para trabalhar. Tudo foi concebido para um espaço ideal de trabalho e reflexão da Arquitectura. Talvez, também, pelo número diversificado de colaboradores, ( inventávamos festejos para todas as ocasiões) conjugado pela diversidade de projectos. Foram tempos, de trabalhos de consideráveis dimensões, com desafios que, ainda, punham em prática o exercício da Arquitectura, e que, ainda, nos era permitido reflectir, exacerbando ideologias, como o Museu do Neo realismo,*

*questionando usos como a Biblioteca de Águeda (revisitada), ou revisitando origens no Museu da Língua Portuguesa e Auditório de Matosinhos, etc...*

*E a, sempre, presente, e desvalorizada, mal entendida ( porque mal representada), imobiliária (persona non grata da arquitectura), mas a principal responsável da paisagem urbana nacional.*

*Mas, sem nos apercebermos, todos os desafios se desmoronaram, apressadamente, sem aviso. E, vieram os concursos públicos, essas sanguessugas, ávidos de ideias e vazios de princípios.*

*Foi, o princípio do fim. E, depois, a crise, essa, sim, o fim... E o fim do meu pai, adormecido na tristeza e no esquecimento, tal como Pedro Homem de Mello, juntos e esquecidos, até um dia...*

---

*Em primeiro lugar*

*(Texto de autoria da Arqt.ª Andrea Soutinho, cedido pela própria no dia 30 de novembro de 2019)*

40

*As crianças gostam de posicionar pessoas, acontecimentos, lugares... Em primeiro lugar vem a minha mãe, em primeiro lugar vem o meu gato Salomão, em primeiro lugar vem a minha primeira viagem de avião, em primeiro lugar vem a minha casa de Ofir, etc, etc..*

*Para os adultos, tudo é mais difícil... São tantos os primeiros lugares, ou às vezes, infelizmente, os últimos lugares.*

*Nunca gostei de o fazer, mas após o desaparecimento do meu pai, voltei à infância, irremediavelmente...*

*O meu pai, foi em primeiro lugar PAI, mas em segundo, um companheiro de vida... Ensinou-me quase tudo. Não sei se andar ou falar, não me lembro. Lembro-me, acima de tudo, de todos os dias ao longo de 24 anos da partilha de conhecimentos, histórias, experiências e momentos inesquecíveis, construtivos e sempre divertidos.*

*O escritório sempre foi local de diversão, mesmo em alturas menos boas. Com trabalho, pesquisa, maquetes... Sempre o lugar, o desenho, a construção...*

*Mas, o que é que vem em primeiro lugar? Claro, que o lugar...Temos que ir lá, filha, dizia sempre....E quando chegava, a ideia surgia e era sempre a que ficava...Com dúvidas, porque quem não duvida, não pensa. E ele pensava, e duvidava, e mais que tudo, partilhava! Ideias, conceitos e referências. Sempre sem grandes teorias!*

*E o desenho? O desenho é ferramenta! Faz parte do nosso dia-a-dia! É a desenhar que se constroem ideias!*

*E a preocupação pela construção? Não vem em primeiro lugar também? Claro que sim! Era um chato! Quando começávamos a trabalhar, num projecto em fase de concepção, questionava logo todos os problemas construtivos, longevidade, manutenção, limpeza.*

*Oh, filha, o que me interessa é que as pessoas sejam felizes no espaço em que habitam! Esta é uma frase que me acompanhou nestes 24 anos.*

*Mas então, PAI, o que é que vem em primeiro lugar?*

*É A ARQUITECTURA!*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM LAURA SOUTINHO

(27 de novembro 2019, em casa de Alcino e Laura Soutinho na Foz do Porto)

(Autor: As amizades que existia entre o casal Soutinho e os proprietários das habitações unifamiliares, por exemplo, o caso de Rio Maior e amiga Fernanda Barbosa.)

*Os pais da Fernanda eram os meus padrinhos. A irmã dela e ela eram as minhas melhores amigas. Nós tínhamos um grupo em Lisboa que se separou todo. Foi cada um para seu lado, quando casámos, uma ficou em Rio Maior, outra para Setúbal, outra em Viseu e eu fiquei no Porto.*

*Ainda li uma carta do teu pai (fala para Andrea Soutinho) à dias. Uma carta minha para o teu pai a dizer, estive em Rio Maior a passar o fim de semana e vim tão impressionada que não imaginas a tristeza em que vive o Chico e a Fernanda. Estão rodeadas só de velhas, que eram solteiras, viúvas, donas da farmácia com quem eles viviam mesmo. E portanto passaram ali um mau bocado. O Chico morreu novo.*

(Autor: Como foi a sua infância? As viagens entre Portugal e África e a relação com Lisboa.)

*Eu sou um bocadinho uma cidadã do mundo. O meu pai era militar, conheceu a minha mãe em África, casou com ela. Ela era novíssima, tinha 17 anos. Entretanto ele acabou a Comissão de Serviço e veio para Lisboa com ela, ela teria 19 anos nessa altura. Eu nasci em Águeda, onde saí um mês depois. O meu pai estava a tirar o curso na Escola de Sargentos, o curso de oficial. Águeda para mim é como se não existisse. Depois fui para Lisboa onde estive até aos três anos. O meu pai nessa altura decidi voltar a Moçambique, aliás a minha mãe queria ir visitar as irmãs e a mãe que estavam lá. E eu fui para Lourenço Marques onde estive até aos treze anos, estive 10 anos lá. Entretanto o meu pai veio para Portugal, e eu e a minha mãe ficamos com a minha avó. Aos treze anos voltei para Lisboa, onde estive até aos 16. A Fernanda e a Mimi (proprietária da casa de Rio Maior e a irmã) assistiram ao meu nascimento, porque o meu pai e o pai delas tiraram o curso juntos. E alugaram uma casa, em Águeda, as nossas mães não se conheciam. Eles os dois alugaram uma casa em conjunto, a minha mãe tornou-se amiga da Olívia, eu nasci e ela ficou minha madrinha. Elas eram muito mais velhas que*

eu, a Fernanda e a Mimi, e eu nessa altura, aos três anos perdi-lhe um bocado o rasto. Quando regresssei aos treze anos para Lisboa elas nessa altura já estavam na faculdade. A Mimi é mais velha sete anos e a Fernanda uns cinco anos. Quando regresssei a Portugal, elas decidiram tomar conta de mim. Foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. É que elas eram mais velhas, mas como o meu pai e a minha mãe achavam que elas eram já meninas da faculdade, meninas com outra cabeça, entregavam-me e eu passei a andar sempre com elas. E acabei por ser muito amigas delas, mesmo. A Mimi casa com um amigo do meu marido. Eu na altura teria 21 anos, ela tinha 28 estava solteira e quando o Alcino ia a Lisboa para me ver acabamos por nos encontrar com um amigo do Alcino, com quem ela se envolveu, e acabou por casar com ele. Ele era Oficial da Marinha Mercante e acabou por ir viver com ele para Setúbal. Eu perdi-lhe o rasto, tenho tanta pena, não imagina como tenho pena. A gente envolve-se na cidade onde vive, tem filhos, tem netos, eu perdi-lhes um bocado o rasto.

Tive dos treze aos dezasseis em Lisboa, e aos dezasseis o meu pai resolveu voltar a África, coisa que eu não queria nem a minha mãe. Eu já estava muito entrosada em Lisboa, queria lá saber de África. Eu disse dois anos em África ponto final e ele aceitou. Portanto dos dezasseis aos dezoito estive novamente em África e aos dezoito regresssei outra vez a Lisboa. Nessa altura, regresssei com um namorado que tinha em África, com quem namorei anos, que deixei para casar com o Alcino.

(Autor: Conhece-o em Ofir, num café?)

É completamente verdade, depois acabei por vir para o Porto e perdi um bocado o rasto. Ainda há dias, um amigo meu ligou e estivemos a falar que o nosso grupo de Lisboa todo desapareceu.

(Autor: O grupo de amigos de Lisboa eram seus amigos apenas e o grupo de amigos do Porto seriam amigos do Soutinho?)

Quando eu vim para o Porto não conheci absolutamente ninguém. Eu vim para aqui um bocadinho às cegas. Eu conhecia mal o meu marido, não conhecia o Porto e não conhecia ninguém.

Ele de vez em quando ia a Lisboa ver-me. Eu quando vim para o Porto os meus pais não acharam muita graça, diziam: “vais para uma cidade que não conheces, não conheces ninguém”. Mas o Alcino foi absolutamente incedível. Disse-me logo:

*“nunca mais te largo, podes ficar descansada que te vais adaptar lindamente”, e é verdade, adaptei-me. O Alcino tinha um grupo que era muito fechado, olhe por exemplo um desses amigos era o José Mário Branco, que era casado com uma irmã do Alexandre Alves Costa.*

(Autor: Era um grupo ligado às artes portanto.)

*Eram todos arquitetos, tirando o Zé Grade que era escultor. Eu comecei a dar-me com eles, só com eles.*

(Autor: Acompanhava com eles e as esposas deles?)

*Andei sempre com eles, e acabei por ser grande amiga de todos. Aliás ainda estes dias o Alexandre Alves Costa vai lançar um livro dedicado ao Alcino. Eles receberam-me bem, embora ache que havia assim um certo mau estar por parte do Alcino em casar com uma rapariga que vinha de Lisboa.*

*Depois além disso eu não tinha nada a ver com estas gentes. Em tudo, na maneira de pensar, na maneira de vestir.*

(Autor: Foi das primeiras mulher a usar calças no Porto.)

*Eu usava e o Alcino não se importava, mas senti isso um bocadinho. Mesmo a família do Alcino, principalmente a mãe, achava que o filho ia ser o homem mais infeliz do mundo com uma que tinha vindo de Lisboa, uma flauzina. E foi o oposto. O Alcino é muito mais velho que eu. Eu acho que ele já nem contava muito casar, estava na vida dele de solteiro.*

(Autor: Ele ia para Ofir com o irmão e a cunhada certo?)

*Não. Ele ia para Ofir com um colega dele, da Escola de belas Artes que se chamava Rui Leal. Nessa altura Ofir não existia, e começou a convidá-lo. Nem havia os banhistas, era pouco movimentado, mas haviam algumas famílias que compraram casas antigas e ficaram ali por Fão. O chamado Ofir não existe, Fão é que é vila. Depois quando fizeram aquele empreendimento do hotel e tal é que começaram a chamar-lhe Ofir. E o Rui Leal começou a convidar o Alcino, para quando chegava as férias em Agosto, ir com ele para Fão. Eles eram muito amigos, era arquiteto, colega dele da Escola. Ele tinha uma casa que compraram para passar férias, não tem nada a*

*ver com família. A família comprou umas casas antigas, que ainda existem, só para ir lá passar férias. O Alcino foi para lá antes de me conhecer, mais de 10 anos antes. Ele ia lá e normalmente diziam com muita graça, que eles só regressavam ao Porto quando “começava a pingar a telha”, ou seja começava a chover (gargalhadas). As aulas começavam muito mais tarde e eles deixavam-se ficar por lá.*

*O Alcino entretanto era para casar com uma outra rapariga, sabe disso? Ele namorava uma colega dele, que era filha do arquiteto Viana de Lima. Ele na altura, segunda me dizem, o Alcino já tinha acabado o namoro com ela, e ela vai para Espanha e morre. E eu acho que o Alcino nessa altura ficou um bocado chocado, isto foi em 1959. Entretanto ele candidata-se a uma bolsa à Gulbenkian, vai para Itália, onde está mais de seis meses e quando regressa foi quando eu praticamente o conheci. A minha família é de Fão, os meus treta avós, eu tinha lá uma casa antiga onde nós nunca íamos, tinha uma caseira mas nunca lá íamos. E um dia disse à Mimi, à Fernanda e à minha prima Raquel, que foi sempre criada comigo assim “oh meninas porquê que não vamos passar férias a Fão? Temos lá a caseira, ela faz-nos a comida, e está tão na moda”. Foi nessa altura o boom de ofir, fizeram o hotel... e elas lá disseram “vamos lá”. Fomos só nos as quatro e o meu namorado. Eu tinha com ele já uma relação um bocadinho complicada. No ano anterior já tinha feito uma tentativa de acabar com ele, cheguei a acabar e os meus pais insistiram porque gostavam imenso dele. Entretanto vou para Fão, e ele vai comigo mas como ele tinha que vir fazer umas cadeiras a Lisboa... foi nessa altura que conheci o Alcino. Tive ali um drama complicado quando acabei com ele, até com os meus pais. Comecei a namorar o Alcino, uma situação complicada, ele no Porto, eu em Lisboa, não foi fácil.*

(Autor: Ele ia visitá-la? Como?)

*Eu acho que só vim ao Porto duas vezes, era mais ele que me visitava. Vinha de comboio. Entretanto a última vez que vim ao Porto já estava casada com ele, embora ninguém soubesse. Nós casamos clandestinamente. A minha filha diz que tenho muitas histórias, porque de facto a minha vida dá uma história. O Alcino trabalhava em posição liberal e disse-me várias vezes, que se recusava terminantemente a ser funcionário público. Não queria, tinha o escritório dele com o Sérgio e o Pedro Ramalho. Mas o Alcino depois percebeu que só me podia trazer para o Porto se eu arranja-se emprego, porque eu não trabalhava. Ele disse “bem vou ter que te arranjar*

*um emprego, porque sem emprego não consigo trazer-te para o Porto.” E entretanto ele começou a arranjar emprego, e em novembro, “se estiveres disposta a isso vamos casar sem dizer nada a ninguém”. Casamos pelo civil no dia 30 de dezembro. A única pessoa a quem disse que estava casada foi a minha mãe. Nesse dia vim com o Alcino para o Porto e no dia seguinte estive em casa do irmão dele, ele à noite ia sempre levar-me a casa do irmão. Ele só dizia: “que ridículo nos sermos casados e teres que ires dormir a casa do meu irmão.”*

(Autor: Já na casa da Circunvalação em Matosinhos?)

*Não, eu fui dormir à casa de São João de Brito, aquelas primeiras casas que o Alcino faz. O que nós tínhamos pensado era ver se conseguíamos ficar com este casamento feito e virmos para o Porto, quando ele arranja-se emprego, só que a minha sogra não achou graça nenhuma. Disse ao Alcino que só me recebia se ele casasse pela igreja. E o Alcino disse-me: “oh Laura vamos ter que casar pela igreja.” E eu disse: “ok, vamos lá casar ela igreja” (gargalhadas). Ele arranjou emprego em fevereiro e nós casamos em março. Em março é que vim pelo Porto. Casada pela igreja vestida de noiva, uma festa fantástica que os meus pais fizeram em Lisboa, foi imensa gente aqui do Porto. Na véspera de casar cortei o vestido. Na altura os amigos do Alcino, achavam que o vestido comprido era uma coisa que já não estava a dar, e como eles eram todos muito progressistas, achavam que os anos 60 já eram a viragem. E o Alcino escrevia-me a dizer: “não quero que vás de vestido comprido”. A minha mãe queria o vestido comprido. Que dilema (gargalhadas). E eu mesmo na véspera, fui jantar com o Alcino e com os amigos todos do Porto, e convenceram-me a cortar o vestido. Cheguei a casa à meia noite e cortei o vestido e fui de vestido curto (gargalhadas). A minha sogra passou-se, era completamente diferente.*

*O meu marido nessa altura estava a trabalhar nas Caixas da Federação de Providência. Nessa altura, ganhava muitíssimo bem, portanto aquela história que ele dizia que íamos ter imensas dificuldades, eu queria lá saber, eu queria vir para o Porto para a beira dele, depois via-se.*

(Autor: E a Sr.<sup>a</sup> Doutora Laura o que fazia nessa altura cá?)

*Eu? Nada, era uma querida menina que não fazia rigorosamente nada (gargalhadas). Passeava, conhecia o Porto. Eu ia todos os dias com o Alcino, depois do almoço. Eu só*

*tive filhos muito mais tarde, o que também foi outra coisa maravilhosa. Portanto eu quando cheguei ao Porto, nós andávamos sempre juntos, inclusivamente ia sempre para as obras com ele. Aliás fui, anos e anos, eu só deixei de ir quando passou a ir a Andrea. E nessa altura, tive dois anos sem ter filhos, e tive uma vida fantástica, passeávamos sem ter as crianças, e fizemos uma vida ótima. Eu depois do almoço ia todos os dias para o café São Lázaro. Eles iam para o Lobito, mas depois tiveram um desentendimento qualquer, eu já não sou desse tempo, deixaram de ir ao Lobito e quando nós casamos foi quando decidimos ir ao café São Lázaro, que era ao pé da Escola de Belas Artes. E portanto de toda a gente, nós fomos os primeiros a ir, eu e o Alcino, o Zé Grade, o Alexandre, o Sérgio, o Siza. Depois toda a gente começou a ir para lá, o Zé Rodrigues, o Jorge Pinheiro, os quatro vintes, o Pacheco Pereira. Eu digo que o São Lázaro foi a minha escola, eu convivi com eles diariamente. O Alcino tinha que ir trabalhar e eu ficava no café e continuava a conviver com os artistas.*

(Autor: Chegou a tirar um curso de decoração correto?)

*É verdade sim.*

47

(Autor: Se as circunstâncias tivessem sido outras, teria sido artista também, arquiteta ou artista plástica?)

*Eu tinha um ódio aos estudos. Eu acho que o facto de ter andando sempre a mudar de sítio, mudar de escola... Houve ali não sei o quê que não correu bem. O Alcino quando me conheceu ainda me tentou convencer a voltar a estudar. Mas estava fora de questão, e não fui mesmo. Trabalhar era uma coisa que estava fora dos meus esquemas, não é que eu me recusasse a trabalhar, não era isso. Eu depois ajudei o Alcino muito, passei a tratar das finanças, das coisas que ele precisava no escritório e que se pudessem tratar cá fora eu tratava.*

(Autor: Era a colaboradora, não arquiteta?)

*Exatamente. Comecei a fazer-lhe uma coisa, que depois foi muito útil, que foi começar a fazer o espólio dele. E ainda fiz para o Álvaro Siza, ainda à dias estivemos com ele e estive a mostrar-lhe coisas que tinha sobre ele que ele não tinha. Tudo o que eram notícias dos jornais, todas as conferências, onde ele ia ou onde ele participava, eu juntava e organizava tudo. O Alcino passava a vida a dizer-me: “deita-me isso fora,*

*porquê que estás a guardar tudo?” E eu disse: “oh Alcino (eu tenho a mania de colecionar tudo) deixa-me eu gosto de guardar”. Ele dizia para deitar isso tudo ao lixo e eu dizia sempre: “não deito nada”. A mãe dele, estava eu casada à pouco tempo, telefonou-me e disse: “Laura Maria, eu gostava que viesse cá que encontrei no quarto do Alcino uma série de desenhos e de coisas dele e não sei o quê que havemos de fazer a isto”. Eu disse ao Alcino, e ele disse-me: “diz à minha mãe para deitar tudo ao lixo”. E eu disse: “não vou dizer nada disso à tua mãe, vou buscar, os desenhos todos dos modelos da escola”, que agora está guardado e ainda bem porque ele queria deitar fora. Quando ele teve que fazer a agregação, em 1985, à Escola de Belas Artes ele diz-me: “se não tivesses guardado as coisas todas, eu não conseguia neste momento entender onde é que participei, o quê que teria feito...”. E continuei sempre a guardar, guardei toda a vida, ainda agora guardo.*

(Autor: Sempre foi uma mulher muito bela, cuidada, e muito à frente do seu tempo.)

*Eu era tão vaidosa, o meu marido ralhava tanto comigo, eu ia para a praia mas nem sequer ia molhar os pés. Estamos a falar em solteira, e ele irritava-se e dizia: “desculpa lá, mas isto não tem sentido nenhum, vais para a praia mas vais tomar banho.” (gargalhadas).*

(Autor: Onde moraram?)

*Nós morávamos na Rua da Alegria. Dois ou três meses da Andrea nascer, eu mudei-me para as casas da parte de trás das torres. Quando eu casei com o Alcino nós alugamos um apartamento muito pequeno nas torres, depois nasceu a Cláudia, e depois fiquei grávida da Andrea, a casa já era pequena. Estavam-se a construir as casas da parte detrás, e dizemos à Misericórdia que íamos passar para essas casas e passámos. E agora estou aqui (apartamento na Foz do Douro) nesta casa há vinte e três anos. A casa estava fechada à dois anos, não a tinham vendido, o prédio estava praticamente todo habitado. A minha filha mais velha veio viver para aqui, e começou a convencer-nos a vir viver para aqui. A Rua da Alegria entretanto começou a ter muitos problemas, de droga, de prostituição.... Depois fui ver várias casas e o Alcino como gostava muito do mar, era a grande paixão dele. Ele não se entusiasmou muito em mudar de casa, eu fartei-me de chorar quando saí da rua da Alegria, estava habituada, as minhas filhas foram muitíssimo felizes, tinham um grupo de gente que ainda hoje têm...*

(Autor: As viagens que fizeram com o grupo de amigos do Alcino da Escola.)

*Era engraçado, porque eles tiravam fotografias à arquitetura, eu tirava fotografias às pessoas. Mas depois o Alcino até me pedia para tirar a alguns pormenores dos monumentos e da arquitetura. O Álvaro Siza um dia disse assim: “eu tenho que falar com a minha irmã porque ela têm que fazer uma exposição das tuas fotografias.”*

(Autor: O quê que os pais de Alcino Soutinho idealizavam para ele?)

*Ele não era para ir para a Escola de Belas Artes, os pais tinham idealizado para ele outra vida. Ele quando era miúdo dizia que gostava de ser sapateiro. Mas chegou a uma altura ele acabou o liceu e os pais queriam metê-lo numa escola comercial, para tirar um curso. O irmão não, achavam que tinham que ir para o liceu, mas o Alcino ia para a escola comercial. E na altura, houve uma professora que falou com a minha sogra e disse, acho que faz uma grande asneira porque o seu filho desenha muitíssimo bem, tem capacidade, eu acho que ele devia ir para o liceu e acho que depois devia ir para a Escola de Belas Artes. Quando o Alcino entrou para Escola de Belas Artes eu entrei para a escola primária (gargalhadas).*

49

(Autor: A viagem à Grécia.)

*Essa viagem foi histórica, foi a primeira viagem que fizemos todos juntos depois do 25 de abril. Nós eram treze na altura, foi a primeira viagem que o Távora fez connosco e a mulher. A Tucha tinha andado connosco em Belas Artes mas depois quando casou com o Távora abandonou a Escola e não acabou o curso. Ela é Menéres, e nós quando fizemos esta viagem estávamos todos com muito receio, porque a Tucha era uma senhora muito ligada à Foz e não estávamos muito habituados a lidar. Portanto não sabíamos muito bem como é que ela ia reagir à viagem, mas foi fantástico e nessa altura decidiu voltar para a Escola, e voltou e acabou o curso. Foi nessa viagem que ela realmente deu uma volta à vida dela, depois ainda foi professora no Garcia da Horta.*

(Autor: É a “lisboeta de fazer parar o trânsito” tal como Soutinho referiu na autobiografia.)

*Ele também era, sempre muito bem apresentado, muito bem vestido, por mim (gargalhadas). O Alcino era uma pessoa muito simpática e tinha uma coisa com ele,*

era uma pessoa muito modesta. Não tinha nada a mania que era vedeta. O Alcino aliás, pelo aquilo que me apercebi, e uma coisa engraçada são as cartas que ele me escreve quando namorávamos, que eu vou preservar sempre até depois da morte. O Alcino quando eu o conheci, era uma pessoa completamente diferente, era uma pessoa mais reservada, era uma pessoa mais triste, muito sempre com a pedra no sapato. Ao princípio fiquei assim, bem com quem é que eu vou casar... (gargalhadas). Não era feliz, era uma pessoa muito pessimista. Eu acho que depois dele casar comigo, de eu ter vindo para o Porto, e dele ter abandonado a casa dos pais, já tinha 33 anos nessa altura, acho que se tornou uma pessoa completamente diferente e depois com o nascimento das filhas tornou-se uma pessoa bem disposta, alegre e despachado. Ele tinha os pais conservadores, e a mãe era uma pessoa um bocadinho austera. E o facto dele ter saído daquele ambiente.... Passou a ser outra pessoa, feliz, porreiro. Mas em relação a promover-se não, nada disso. Eu é que dizia: “oh Alcino, tu por amor de deus, vai, faz...”. Quando convidavam para ele participar em revistas ou para fazer, isto ou aquilo, ele dizia: “ai não me apetece, dá muito trabalho, que chatice, não quero”. Quando a Andrea começou a trabalhar com ele, mal entrou na Escola, passou ela a dar-lhe cabo da cabeça. “Oh pai manda, vai, se estão a pedir faz.” Desde o primeiro dia que ela foi para a Escola foi sempre trabalhar com o pai e eu entretanto em 1985, estava muito descansada na minha casa e vieram perguntar se eu não queria ir dirigir a parte cultural da Árvore. E eu na altura, disse: “nem pensar, era o que me faltava, divirto-me tanto”. Foi quando abriu a Nasoni, uma galeria que abriu, nesse ano em 1985, nas galerias Paris que revolucionou o mercado das artes aqui em Portugal. Os artistas da Árvore saíram todos para lá, a Árvore ficou deserta. Eles conseguiram levar desde o chofer à mulher a dias, levaram tudo. O diretor, nessa altura, era o Domingos Pinho, o Zé Rodrigues também devia estar. Vieram cá a casa propor-me a juntar-me a eles. Diziam que eu conhecia bem a casa e é verdade, porque eu já colaborava com eles há muito tempo. Eu colaborava com a Marina, a mulher do Ângelo de Sousa, o Jorge Pinheiro, o Alcino... nós tínhamos um grupo que ia fazendo algumas coisas. E como lhe digo que estava no São Lázaro e conhecia toda a gente, conhecia os artistas todos, conhecia bem a Árvore, era sócia da Árvore há uns anos até. Eu não aceitei logo e o Alcino nessa altura deu-me cabo da cabeça, disse assim: “fazes muito mal em não aceitar, vais adorar trabalhar lá, gostas imenso da Árvore, tens imenso jeito para aquilo e as tuas filhas já não precisam de ti, vai à tua vida”. Elas

51 tinham entrado na faculdade nessa altura. Eu primeiro disse que não, depois decidi que ia experimentar seis meses e se gostasse ficava. Toda a gente dizia, ela não vai conseguir, está habituada a ter a vida flauteada, não se vai adaptar. Mas eu acabei por adorar e dei uma volta naquilo, fui eu que iniciei as exposições com arquitetos. A partir daí fiquei anos e anos e fiz imensas coisas. O Alcino dizia-me: “elas não precisam de ti, vai trabalhar” e foi um bom incentivo. O Alcino dizia-me sempre: “se não fosses tu eu não tinha chegado onde cheguei”. A partir do momento que comecei a trabalhar na *Árvore* passei a ter milhares de conhecimentos, eu dei uma volta na *Árvore* enorme, pus aquilo de pantanas. O Zé Rodrigues queria fazer obras na casa, o Alcino fez as obras, as pessoas começaram a achar piada, comecei a fazer exposições diferentes e as pessoas aproximaram-se e conheci este mundo e o outro, desde presidentes da República, artistas, políticos, escritores... E o Alcino, era eu que puxava por ele. Dizia-me “Laura não me apetece, e eu desculpa mas vens comigo”. O talento dele está lá e ponto final, mas ele nunca teria... apesar de conhecer as pessoas que conhecia e fazer as coisas que fazia se não tivesses sido eu realmente... Ele escreveu-me uma coisa engraçada enquanto ainda éramos solteiros. Eu era uma pessoa muito complexada e com muitos problemas. E ele dizia que não percebia porquê que eu era assim, dizia que eu era muito vaidosa, eu própria dizia que era muito complexada e era... Ele tirou-me essas minhocas da cabeça completamente, mas dizia-me uma coisa engraçada: “tu julgas que sou eu que te vou ajudar, mas vais ver que com o tempo vais ser tu que me vais ajudar a mim”.

Sabe quem é o Nuno Portas? Havia um colaborador do Alcino que quis entrar num concurso e como ainda não estava inscrito e não podia assinar o projeto, pediu ao Alcino: “Soutinho não se importa de assinar o projeto, este prédio eu quero concorrer e não posso assinar”. O Alcino disse-lhe que sim e tudo bem, e assinou. Depois o júri quando abriu as cartas para identificar de quem eram os trabalhos aparece o nome do Alcino num trabalho. O Portas era o presidente do júri, e o Portas disse: “olha lá desculpe ele deixou a Laura? Isto não tem nada a ver com o Soutinho (gargalhadas). Lá explicaram que era o projeto dum colaborador. Eles diziam na brincadeira que quem fez o projeto da Câmara de Matosinhos não foi o Soutinho fui eu. Ele apresentava-se como eu sou o marido da mulher do arquiteto Alcino Soutinho. Teve muita graça.

(Autor: Como se correspondiam no tempo em que estava em Lisboa e o Alcino no Porto?)

*Nós correspondiam-nos sempre por cartas. Não havia telefones, os telefones eram por período, e a mãe dele não estava para aí virada e a minha mãe também não (gargalhadas). E portanto era sempre por carta e às vezes ele ia a Lisboa ter comigo. Não era fácil, porque na altura, Porto - Lisboa a distância era muito maior. O Porto era uma cidade mais triste, mais suja, mais europeia do que Lisboa. Eu quando cheguei aqui notei uma diferença muito grande, hoje em dia não tem nada a ver, o Porto é bom.*

(Visualização dos projetos e fotografias das habitações unifamiliares projetadas por Alcino Soutinho e algumas acompanhadas por Laura Soutinho.)

(Autor: Sobre a Casa de Rio Maior.)

*A Francisca e o Fernando vem dos meus tempos de Lisboa, desde o tempo que eu namorava o tal rapaz. Depois a Fernanda acabou por casar com o Francisco mas eu não casei com o Fernando, depois casei com o Alcino. E então quando o Francisco decidiu fazer uma casa fez com o Alcino.*

*O Alcino quando foi ver o terreno dizia ao Francisco: “Francisco este terreno é terrível para fazer aqui qualquer coisa”. Era difícil a implantação no terreno. Deve ser a única casa de Rio Maior com interesse (gargalhadas).*

(Autor: Sobre a casa de Vila Nova de Gaia.)

*Essa casa eles devem-me a mim (gargalhadas). Ele veio ter com o Alcino, mas o Alcino não o conhecia. Eles eram primos, mas o Alcino não se dava com a família de Gaia. E na altura o Alcino era da Federação de Caixas de Providências, e faziam uns empréstimos. Eles pediam um empréstimo e depois tinham muitas facilidades para fazer as casas. A casa da minha cunhada Maria Helena, do irmão do Alcino também foi assim. Existe lá um azulejo pequeno que mostra isso. O Zé Soutinho meteu também um projeto. Entretanto ele sabe que o Alcino está na Federação das Caixas e pede ao*

*Alcino se pode ir lá a casa que queria conversar com ele. O Alcino disse-lhe que sim evidentemente. O Zé veio lá a casa com a Maria Custódia a mulher, e ia apresentar um projeto.*

*Sabe o quê que vai acontecer com as casas? Há dias estava a falar com o Álvaro Siza, e realmente é incrível a maior parte das pessoas que fizeram casa com arquitetos nos anos 60 70 estão todos a vender as casas e as casas a serem destruídas. Eu acho que vão destruir todas as casas do Alcino, a da minha cunhada vai ser vendida. Eles não querem a casa. O Pinto de Sousa vai vender. A casa do Couto dos Santos já foi vendida a um francês. Aquelas de São João de Brito destruíram por completo. Eu acho que agora vai começar tudo a ser vendido, não sei o quê que vai acontecer. Vai ser uma desgraça total. O Álvaro também já tem uma data deles destruídas. Porque sabe como é, quando se chega a uma determinada idade ninguém quer estar em vivendas. Eu e o Alcino também chegamos a uma altura em que pensamento ter uma vivenda, mas depois, pensamos melhor, e questionamos: “vivenda?” A vivenda é muito grande, são os assaltos, os jardins, dão muito mais trabalho... Depois as vivendas normalmente tem escadas e não dá.*

53

(Autor: Sobre a casa de Matosinhos.)

*Está preservada mas é uma casa muito difícil de viver. A casa para aquecer é impossível, porque é toda aberta. Eu já tinha falado a uns anos atrás, ao Alcino. Quer dizer ele era muito novo quando fez a casa, foi quando nós casamos. A casa, na minha opinião, onde está a cozinha devia ser a sala de jantar toda. E a cozinha era à frente. Devia ser o quarto da empregada, a cozinha e o quarto de banho de serviço. Porque na sala de jantar não cabemos lá dentro, é uma coisinha pequena ridícula. Quando existiam jantares de natal andávamos todos uns em cima dos outros. E o Alcino depois também concordou, era ter feito a sala de jantar onde existe a ampliar para a zona onde está a cozinha, ganhava esse espaço. Eliminar aquele quatinho que não serve para nada, e ter feito a cozinha e o quarto da empregada. Outra coisa que o Alcino apreendeu quando foi viver comigo, é importantíssimo ter uma despensa dentro de casa. Os arrumos são muito importantes numa casa. Temos sempre coisas para*

*arrumar, umas malas de viagens, coisas de arquivos que se têm que arrumar, é uma chatice. Isso ele depois aprendeu comigo e disse tens toda a razão.*

*O Pádua Ramos veio de Moçambique, com o sétimo ano, era filho dum ferroviário, mas que tinham muitas dificuldades, na altura, para pôr o filho a estudar arquitetura em Lisboa. Viviam em Lourenço Marques e através duma amiga, pediram à minha sogra se não se importava de lhe alugar lá um quarto na casa, que também vinha para a mesma escola. E a minha sogra aceitou, portanto o Pádua viveu com o meu marido durante anos e com o meu cunhado. Viveu com eles, tirou o curso com eles. Na altura era o menino querido do Carlos Ramos, era um engraxador. E quando o Alcino e o Álvaro chegaram ao fim do curso e o Alcino apresentou a tese, o Carlos Ramos passou-se dos carros porque disse que não tinha dado pela passagem do Alcino e do Álvaro pela escola, e não deu mesmo, ele só reconheceu no fim. Por isso é que lhe deu o 20. Quando o Alcino foi preso ele começou a afastar-se.*

(Autor: Sobre a casa de Paços de Brandão.)

54

*O Alcino fez este projeto ainda quando namorávamos. Lembro-me que era uma mulher ligada ao negócio das sucatas, pagava tudo em notas vivas.*

(Autor: Sobre a casa de Portimão.)

*O Zé Grade, irmão do Filipe da Glória Grade é que levou o Alcino a fazer esta casa. Esta casa foi feita porque o irmão quis fazer uma casa, e o Zé disse: “vais fazer uma casa e vai ser o Alcino a fazer a casa”. Nós fomos porque o irmão era casado com outra rapariga que morreu num desastre de automóvel. E depois o Grade casou com esta mulher com quem está e o Zé odiava-a. Ele agora está cego e surdo, não tem filhos e o quê que vai acontecer a essa casa? Vai ficar na família dela.*

*Essa casa chamava-se o Agosto Azul porque o Alcino fez isso depois de ter vindo da Argélia. Na Argélia há todas as cores e os terraços e portanto vem daí. E o título vem*

*do escritor, Teixeira Gomes, era diplomata, era do Algarve e têm um livro que se chama Agosto Azul. A casa é fantástica, lindíssima, têm ao pé só casas feias.*

(Autor: Sobre a casa Pinto de Sousa.)

*Adoro essa casa. Vamos lá muitas vezes jantar. E tem outra coisa fantástica, que o Pinto de Sousa tem imenso bom gosto, e tem coisas antigas magníficas. Os tapetes são desenhados pelo Alcino, os sofás... Depois eu conheço umas pior mas conheço.*

(Autor: Sobre a casa do Barreiro.)

*Era um gajo do partido comunista. Sei perfeitamente quem eram mas nunca fui a essa casa. Sei que foi a Adriana que pediu ao Alcino para fazer essa casa. A Adriana era uma grande amiga nossa, que era amiga da mulher do Joaquim Matias. A casa é muito engraçada porque é muito diferente do resto. Porque eu comecei a trabalhar em 85 e deixei de ir às obras e passou a minha filha a ir. Ela era professora do liceu, são pessoas civilizadas, não são pessoas para estragar.*

55

(Autor: Sobre outras obras da autoria de Alcino Soutinho.)

*Há muitas coisas que o Alcino fez mas que ele não diz, umas não assinou porque não podia assinar; era só colaborador, por exemplo uma delas é o escritório da Sonae, ali na Maia, e depois ainda há umas casas no Porto e outra casa em Gaia que como está completamente degradada, o Alcino não dizia que era dele.*

(Autor: Sobre a relação do casal com os clientes.)

*O Alcino mesmo depois de estar a trabalhar na Árvore e já não ir com ele, o Alcino mantinha sempre uma ótima relação com os clientes, até uma relação de amizade. E depois quando as pessoas acabaram de fazer as casa, essas pessoas que no fundo*

*tinham hábitos de vida diferentes, quer dizer um tipo até de bom gosto, outras vezes duvidoso. Eles acabavam por pedir ao Alcino para os ajudar na decoração da casa. Pediam ajuda e muitas vezes iam comprar as mobílias que o Alcino desenhava para outros sítios. Mesmo isso fez com que ficassem com uma relação muito próxima e convidavam o Alcino para ir jantar ou assim e eu também ia. Por isso acabei por conhecer as pessoas e ficar muito próxima também de todas as casas.*

(Autor: A sua relação com a arquitetura e as artes teve influência com o seu marido?)

*Não teve nada a ver com o Alcino. Eu quando entrei na Fundação Ricardo Espírito Santo para tirar o curso de decoração, tinha colegas lá dentro que entretanto tinham um grupo todo ligado à Escola de Belas Artes de Lisboa. Uma grande amiga que eu tinha, uma rapariga chamada Lídia, conhecia muita gente da Escola e acabei por começar a andar com um grupo só de gente da Escola das Belas Artes. Nós acabamos por andar num núcleo sempre ligado às artes, o meu grupo era um grupo de arquitectos só. Quando cheguei a Lisboa, um dele é o Manuel da Bernarda, hoje é um ceramista muito conhecido mas que é arquiteto, é dono da SPAL. Telefonou-me à dias a dizer: “oh Laura morreu o nosso último amigo”. Eu tinha um grupo de arquitetos com quem saia todos os fins de semanas, íamos ao cinema e tudo isso. E quando cheguei a Lisboa e disse: “meninos eu comecei a namorar um arquiteto mas é do Porto”. E eles disseram assim: “ai sim, mas olha lá como é que se chama?” E eu disse: “Alcino Soutinho”. E eles: “nós sabemos muito bem quem é.” “Vocês sabem quem é?” Perguntei eu porque era gente muito mais nova, na ordem dos vinte e um anos como eu. “Mas como é que vocês sabem quem ele é?” “Sabemos porque a última revista de arquitetura que saiu, saí com a uma casa dele”, onde vêm as casas de São João de Brito.*

*Muito gosto em a conhecer. Como diz a Andrea teve que ouvir muitas histórias.*

## **CONVERSAS AMIGOS E COLABORADORES**

## EXCERTOS DA CONVERSA COM ANTÓNIO MENÉRES

(18 de maio 2019, na Fundação Marques da Silva aquando da exposição do Arq. Fernando Lanhas)

(Autor: Como era a sua relação de amizade com Alcino Soutinho?)

*Tenho muito gosto em falar consigo, que anda a estudar a obra do Soutinho. Porque eu sei que não vou durar 120 anos. E aliás tenho alguma dificuldade em ouvir, já não ouço como ouvia e por isso terá de falar alto ao longo da nossa conversa. Eu ouço todas as pessoas, excepto, e não estou a brincar, a minha mulher (gargalhadas) porque têm uma voz muito meiga.*

*A nossa convivência propriamente, começou em 1948. O Soutinho morava aqui no Porto. Nasceu em Gaia mas estava hospedado num quarto na Rua Anselmo Brancão. Julgo que era sozinho sem os pais. Em Anselmo Braancamp, lá em cima do lado esquerdo. Dá-me ideia que era só, mas também não posso precisar se seria com os pais. Eu não sei ao certo, mas tenho a vaga ideia que haviam outros colegas que moravam também lá. Também não sei bem porque nunca calhou de ir lá a casa.*

58

(Autor: Como foi viver numa época em que a política e a PIDE tinham uma presença marcada na sociedade?)

*A atual geração não sabe o mundo que era, porque haviam os informadores da PIDE, e só por vir um indivíduo dizer que a coisa está mal, tinha problemas. Eu felizmente tenho uma amarga lembrança, porque o meu pai esteve preso, ou 60 ou 90 dias e eu digo isto porque bastava dizer mal duma pessoas que eles prendiam. O meu pai era funcionário dum exportador do Vinho do Porto - da casa Cockburn's Smith - na altura em que a Alemanha estava quase a ganhar a guerra. E o meu pai era o caixa da casa, a pessoa de confiança dos ingleses. E como tal ia à cave, ao cofre, à caixa forte e havia uma empregada de limpeza que limpava o andar de cima e não sabia o que havia em baixo. E resolveu dizer que havia uma estação de rádio, e que o meu pai conseguia comunicar com outro. O meu pai foi preso, eu tinha 12 anos. Foi com cabelo preto e chegou com cabelo branco e foi de tal forma horrível a forma como chegou a casa onde vivíamos - pousou a maleta que tinha com ele, foi ao galinheiro e pôs as galinhas cá fora. O meu pai nunca se meteu em política e eu aqui à uns anos na Torre do Tombo, vi o processo*

*do meu pai e não tem nada, não é fundamentado em nada. Sou contra ditaduras quer de esquerda, quer de direita. As ditaduras são tremendas, porque é tudo suspeito. A gente mexe assim é suspeito, mexe doutro modo é suspeito.*

(Autor: Alcino Soutinho também cumpriu pena, enquanto estudante e terá sido o motivo que o levou a concluir os seus estudos no ano seguinte ao previsto inicialmente.)

*Era muito difícil, porque bastava uma desconfiança... Eu julgo que ele não era militante. Porque militante, por exemplo, era o Arnaldo. Sabe o Arnaldo Araújo, esse era militante mesmo, ele disse-me. Tinha tamanha confiança em mim, como ele andou no Inquérito comigo. Eu já sabia mais ou menos, mas ele disse-me. Há gente muito boa, de bom coração que o era. É a convicção deles.*

*De modo que com o Soutinho, cruzávamo-nos nas mesmas salas, mas quer dizer o meu grupo de Matosinhos era o Siza. Fazíamos a viagem de elétrico, todos os dias, éramos da mesma turma. Depois muitas vezes, havia um dia por semana que acabavam às quatro e lanchava em casa do Siza, e no quintal havia uma espécie de uma estufa, que o pai transformou numa sala de estudo para ele e para os irmãos. De modo que tinha uma louça e a gente estudava geometria descritiva ali. O grupo do Soutinho era o grupo do Porto, talvez com o Fernando Seabra, quer dizer as pessoas aproximavam-se por afinidades de vizinhança. Nós que vínhamos de longe, nós de Matosinhos éramos: o pintor Francisco Meneses, muito amigo do Siza, o próprio Siza, eu... Com o Soutinho nós éramos muitos amigos, mas como cada um tinha o seu grupo... O amigo que se tornou ainda mais próximo do Soutinho foi o Siza.*

(Autor: Recorda-se de mais amigos do Soutinho?)

*Assim amigos do Soutinho, já não me recordo, mas recordo doutra história. É que o Soutinho namorou com a filha do Viana de Lima, não sabia? É quando houve o acidente, isso lembro-me eu, diz-me ele “só há uma coisa que me tranquiliza, é que eu tinha retomado o namoro com a Sílvia” (filha do arquiteto Viana de Lima). Havia de se ter zangado com ela, a gente tinha vinte e três ou vinte e quatro anos. Eu nem sei se a Laura sabe disso... Mas o Viana gostava muito do Soutinho.*

(Autor: O Soutinho trabalhou com Viana de Lima, Carlos Loureiro e outros arquitetos que terão sido professores na Escola.)

*É, eu trabalhei com o Távora, e com o Andersen, o Soutinho também.*

*Quando fui ao hospital Santo António, ele estava lá, e o Siza também porque tinha partido um braço. E eu estava em casa, moro em Cedofeita, na Rua Anibal Cunha e como sei que o Siza é viuvo e a filha nem sempre está, eu fui lá. E um médico urologia de Matosinhos, passou por mim no corredor e disse-me: “os arquitetos estão todos aqui”, e eu lá perguntei “quem é que está cá mais?” E era o Soutinho. Ele perguntou-me “não é do seu clube?” E eu disse “é sim”. Eu fui lá vê-lo, ele estava a ler um livro policial e a Laura estava com ele, e uma das filhas.*

(Autor: Sobre a excelência do desenho, do detalhe, do pormenor e os métodos construtivos.)

*Para nós, foi muito importante o arquiteto Rogério de Azevedo. Aliás se me perguntarem de que professores me recordo com mais afinco um deles é ele. Bem também o Fernando Távora, com quem trabalhei, mas o Rogério de Azevedo era um homem que num primeiro contacto era um homem “caladão” sempre com a beata. Ele ficava na sua secretária e nós alunos cada qual num estirador, tínhamos de nos levantar e chamar “Oh mestre” - era sempre mestre, e ele lá vinha ao nosso lugar. E depois trabalhou com o Marques da Silva. Foi importante para nós termos estas noções de construção, que chegamos a dar aulas. Eu dei aulas de construção e projeto na Lusíada. Saber como se constrói é importantíssimo. Foram professores espetaculares, durante anos, eram aulas práticas onde os professores traziam os ensinamentos do dia-a-dia da construção.*

*Foi um prazer, gosto sempre de recordar. As conversas são como as cerejas, uma leva à outra.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM HELENA BARRANHA

(24 de maio 2019, no Instituto Superior Técnico, Lisboa e Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira)

(Autor: Sobre as três fases/ períodos/temáticas do arquiteto Alcino Soutinho)

*Os textos que existem sobre o Alcino Soutinho em relação ao tema da habitação remetem bastante para as obras multifamiliares, as de maior escala ou a Pinto de Sousa em Ofir.*

*É interessante referir isso e analisar, pois nos museus também aconteceu bastante. Vai reparar que lá no Museu (de Vila Franca de Xira) existe uma parede onde estão expostos os vários projetos construídos e não construídos de museus, e nos últimos ninguém diria que são do Soutinho ou dum arquiteto do Porto. Um projeto que ele fez ainda na faculdade, muito marcado pelo movimento moderno, o CODA também. É engraçado que descobrimos um projeto ligeiramente anterior ao CODA - ainda dos anos 50 - que têm uma linguagem muito diferente, muito mais Le Corbusier — deve ter sido na altura em que o Távora começou a difundir o trabalho do Corbusier na Escola do Porto. Mas estes últimos realmente são impressionantes, porque é muito diferente. Ele faz um percurso muito próprio, e eu gosto particularmente dessa liberdade de pensamento que ele assumiu. Outros arquitetos como o Siza assumem outras linhas de pesquisas e das quais não saem muito.*

(Autor: As referências arquitetónicas nacionais e internacionais.)

*Ele ainda chega a esses arquitetos (internacionais) durante o tempo da Escola do Porto, porque o Fernando Távora começa a ser assistente lá. Na altura até a Escola não tinha dinheiro para lhe pagar, e ele aceitou nos dois primeiros anos ser assistente voluntário. E vai influenciar imenso uma geração que era um pouco mais nova. Influenciou até pela sua maneira de estar... O arquiteto Távora era muito especial, viajava bastante, ele trazia livros que não existiam cá, livros que não entravam nos círculos de distribuição. E nessas revistas apareciam as obras desses grandes arquitetos: Frank Lyord Whright, Le Corbusier, Alvar Aalto. E é portanto ainda no contexto académico que o arquiteto Soutinho recebe essas influências e que também adquire o ânimo das viagens, que aliás vai ser algo que alimenta toda a vida. Viaja*

*muito, Europa e outros continentes, viajou muito por todo o mundo. Para ver arquitetura e dá-lhe um contacto direto, não só com as grandes obras da história da arquitetura, porque ele via catedrais, ele via monumentos, centros históricos, mas também visitava obras dos arquitetos que ele admirava: Le Corbusier, Frank Lyord Whright, Louis Khan, Alvar Aalto.*

(Autor: Serão as referências mais evidentes internacionais?)

*Sim. É uma coisa que ele assume.*

(Chegada ao Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira)

*O Soutinho tinha alguns amigos do grupo aqui do Neo-Realismo, haviam pessoas que estavam na associação promotora e conheciam o Soutinho e o trabalho dele nos museus, nomeadamente, a Casa-Museu Guerra Junqueiro no Porto e o Museu de Amadeu de Souza Cardoso em Amarante, então acharam que seria a pessoa ideal para fazer este projeto. A estruturação dos espaços e as referências contemporâneas que se encontram aqui neste edifício também são visíveis no edifício dos Paços do Concelho de Matosinhos.*

62

(Autor: Como era a personalidade do arquiteto Alcino Soutinho?)

*Muitas vezes é referido em entrevistas “o arquiteto que tinha os pés bem assentes no chão”, o seu sentido de pragmatismo é fantástico.*

(Autor: Quais seriam as ferramentas de exposição dos trabalhos, nomeadamente os que se encontram expostos no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira?)

*As ferramentas que ele se munia para expressar o projeto foram também elas evoluindo, no início seriam apresentados em 2D, perspetivas, e depois passa para modelo virtual. Acompanha sempre os seus projetos de memórias descritivas interessantes na explicação do desenvolvimento dos espaço. Ele tinha uma preocupação, em várias memórias descritivas dizia que um museu não pode ser entediante, têm que cativar os utilizadores. Existem poucos esboços sobre as suas obras, os seus projetos, porque o arquiteto os destruía.*

(Autor: Sobre as viagens.)

*Há uma parte da exposição dedicada à demonstração dos museus que ele visitou e se inspirou para a sua arquitetura. Arquitetos como Louis Khan, Frank Lyord Whright, o próprio Schinkel - gostava muito do museu Altes Museum em Berlim, vemos, por exemplo, na escada. Percebemos como o influenciou imenso. A sequência que estamos a ver de slides e referências são: o Museu de Arte Kimbell em Fort Worth, no Texas, Estados Unidos, o Menil Collection do Renzo Piano, depois a seguir vai aparecer a Chinati Foundation de Donald Judd, Renzo Piano em Houston. Ele foi duas vezes ao Texas e nessas duas vezes ficou muito impressionado com os museus que viu sobretudo os do Louis Khan - o Yale Center, que ele também visita nessa altura que vai ao Texas e vai a Yale. Esta questão da luz natural ter várias maneiras de entrar. Portanto havia uma quantidade gigantesca de slides não identificados, alguns estavam em dossiês com indicação dos países (Estados Unidos...) depois micas e micas cheias de slides, e portanto foi um trabalho grande conseguir selecionar e situar as obras. E também as fotografias do tempo de Itália entre (19)60 e (19)61, foram difíceis de identificar.*

*Uma adaptação dum palácio feita por Franco Albini, cria aquela museografia incrível. Agora vamos ver o Altes Museum do Schinkel, a escada é uma peça altamente escultórica, o museu é de (19)32 salvo o erro. E é uma arquitetura muito sóbria do século XIX, muito classicista. Nesta sequência existe um plano da fachada e um plano recuado antes de termos acesso ao interior, e quando entra ainda têm a escada, a fazer um recuo. E esta escada têm um sentido escultórico que ele vai também depois trabalhar em alguns projetos (como por exemplo o próprio Museu de Vila Franca de Xira). Muito interessante ver as fotografias de viagens porque de facto encontramos muitas coisas nas obras construídas.*

(Autor: Sobre os cadernos de viagens com desenhos e apontamentos dos museus que Alcino Soutinho visitou em Itália.)

*Uma das coisas mais engraçadas dos seus esboços é a capacidade de desenhar às várias escalas, o que revela a sua capacidade como arquiteto. Ele fazia comentários muito engraçados, às vezes até um bocado críticos em relação a certas coisas que via. “Barroquismo moderno” e três pontos de exclamação, “isso claramente têm coisas bem vistas”, “bem feito, o conjunto é que chateia na primeira sala”, “arco montado dentro do próprio museu” - isto é no Castello Sforzesco, “falta de perspectiva”, são*

*alguns dos apontamentos e comentários muito engraçados que escreve nesses dois cadernos de viagem. Há um museu em que ele diz assim: “tantas vitrinas, tanto vidro, este museu mais parece um negócio de vidraceiro” (gargalhadas). Eu ri-me muito a ver esses blocos de esquissos, que estavam em paradeiro incerto, foi a Doutora Laura que os conseguiu descobrir numa arrecadação da família para a exposição e depois a Fundação Marques da Silva digitalizou tudo para pudermos estar aqui expostos.*

*Gostei muito, obrigada, que o Soutinho seja recordado, porque nunca é demais.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM ROBERTO CREMASCOLI

(3 de junho 2019, no escritório do arquiteto na Rua de Santa Catarina)

(Autor: Apresenta o estudo das habitações unifamiliares que o arquiteto Alcino Soutinho projetou.)

*É interessante o estudo que faz porque até ao momento existem poucos estudos da obra do Soutinho, apenas estudos isolados de alguns projetos. Deve estudar a Casa de Ofir do Pinto de Sousa seguramente, o verdadeiro domínio enquanto arte total corresponde às primeiras obras do Soutinho. Deveria haver um texto geral do conjunto das casas, e depois um especial enfoque numa seleção de três casas que corresponderão a mudanças formais. O programa se já está definido, as três deveriam representar e expressar diferenças formais. Afife, deveria entrar, no seu último “tempo”. A casa do Pinto de Sousa também deveria constar do estudo e uma do primeiro período, por exemplo, a de Matosinhos ou de Vila Nova de Gaia. Se são três casas, eu escolheria uma da primeira fase, digamos, uma da fase 60-70 ou Francelim (Matosinhos) ou José (Vila Nova de Gaia), depois é a Pinto de Sousa e uma nos anos mais próximos, que pode ser a de Afife ou do António Santos (Rua Rodrigues Semide, Porto).*

*O estudo da habitação unifamiliar é interessante porque tem a dimensão do doméstico, a dimensão do objeto controlado.*

(Autor: Sente que existe a informalidade de uma imagem que é “fixa” ou, por outro lado, entende que há uma imagem que se vai moldando à medida do tempo e das influências exteriores, na arquitetura de Alcino Soutinho?)

*O Soutinho tem a vertente da experimentação. O Soutinho praticamente trabalhou só em Portugal e então esta vontade de experimentar é maior.*

*São poucas as pessoas que se dedicaram ao estudo do Soutinho, só eu, o Jorge Figueira...e depois outras pessoas que o conheceram como o Sérgio Fernandez, o Alexandre Alves Costa.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM NUNO LACERDA

(9 de junho 2019, no escritório do arquiteto na Rua do Campo Alegre, Porto)

(Autor: Explica o objetivo do trabalho.)

*A casa Pinto de Sousa terá de constar no estudo, uma mais recente e uma das primeiras acho que era o mais pertinente e interessante de estudar. Para que possam existir pontos de ligação e comparação. E de facto estudar habitações com alguma distância temporal permite estudar fatores de mudança e que poderão dar comparações muito interessantes. A habitação unifamiliar, para mim, mais interessante é a Pinto de Sousa em Ofir. Aliás é a que escolhi para falar com o Soutinho no meu livro, e a que mais marca a sua obra nas habitações.*

(Autor: Como era a sua relação com Alcino Soutinho?)

*Nós tínhamos uma relação próxima, ele foi meu professor de projeto e depois deu construção algum tempo. Mas comigo foi professor de projeto de 4.º ano se não me engano. Ele era fantástico.*

*No livro (Arquitectura e modos de habitar - conversas com arquitectos) eu retrato muita da admiração que tenho pelo Soutinho, e demonstro também o seu lado mais brincalhão, que era na verdade como ele era. Algumas histórias que nos contam, que só ele poderia saber e os clientes é algo muito interessante. Histórias de quem está a falar de coisas que lhe aconteceram e são coisas normais, que muitas vezes não têm o interesse devido. Ele dava aulas na Faculdade de Arquitetura, e combinamos no meu gabinete lá da faculdade. Foi maravilhoso.*

*O tempo adquire outro valor às histórias. E com o tempo, estas conversas entre o arquiteto e as histórias com clientes vão ser mais valorizadas, e até o próprio percurso do arquiteto é enaltecido com o tempo.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JORGE FIGUEIRA

(24 de julho 2019, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

(Autor: Como entende a obra de Soutinho em relação às habitações unifamiliares, as influências são fatores marcantes e presentes?)

*A mim parece-me evidente que as obras do anos 60, como tu dizias à pouco, têm muito a ver com uma certa cultura da Escola e da chamada terceira via, numa tentativa de fazer arquitetura moderna com elementos tradicionais. E ele claramente é um homem desse momento, como aliás a intervenção em Cerveira (Pousada de Vila Nova de Cerveira). A habitação, a mais famosa, é a Pinto de Sousa em Ofir em (19)84. É uma casa muito particular porque ele integra um conjunto de discursos que são feitos à volta da crítica da arquitetura moderna, do regresso a uma certa monumentalidade ou uma certa quase “decoração”, ou a dum sentido quase clássico, que depois a Câmara de Matosinhos vai ser isso, e desse ponto de vista, cria quase um “choque”. A casa de Ofir - que é feita quase nessa altura - é uma casa extraordinariamente climática no sentido em que parece uma casa dos anos 30, uma casa retro. Portanto significa que o Soutinho tinha uma consciência, que as coisas estavam a mudar obviamente e que ele próprio estava empenhado nessa abertura à mudança.*

(Autor: O 25 de abril terá sido o momento na libertação de mentalidades, da opressão das formas e da arquitetura, concorda?)

*Eu acho que durante os anos 60 a ideia da terceira via, que está presente, por exemplo, no caso do Alves Costa, estas casas do Soutinho, as obras do Távora até meados dos anos 60, são relativamente partilhadas e consensuais. Depois essa via, como diz o Siza, começa a ser banalizada nomeadamente por uma arquitetura turística do Algarve etc etc... O Siza abandona completamente os telhados, e essa formulação mais “conservadora”. E começa a esticar a corda e começa a fazer coisas mais experimentais, no final dos anos 60 e inícios do anos 70, antes do 25 de abril. O Banco de Oliveira de Azeméis, o Banco de Vila do Conde. Não têm a ver com o 25 de abril,*

*essa parte não têm a ver. O SAAL depois têm a ver com o 25 de abril. Mas essa radicalização da arquitetura, começa antes. Ele vai para Barcelona e faz parte dos congressos, ele percebe que há figuras novas. Percebe que há o Rossi, que há o Venturi, que há provavelmente os Five Architects. Ele próprio começa a esticar a corda, no sentido de fazer uma arquitetura mais dura, mais experimental. E isso é o caminho do Siza. O Soutinho, que é obviamente uma personagem diferente, vai no sentido que eu diria numa certa assunção duma arquitetura burguesa. Ou seja, um homem ligado até ao partido comunista, mas vai no sentido dessa arquitetura. Duma arquitetura em que uma casa é uma casa.*

(Autor: Uma casa represente o seu cliente / proprietário / família / personalidade, sente que esse o objeto desenha essa personalidade(s)?)

*Exatamente. As casas têm um rosto. O que é muito engraçado nesta casa Pinto de Sousa é a simetria, é uma certa monumentalidade, um sabor quase retro que podia ser dos anos 20 ou 30. Mas não uma arquitetura modernista, não há aí pilotis, acaba por ter um peso e isso é fundamental.*

*O Soutinho foi meu professor também, de construção. Lembro-me muito bem das conversas que tive com ele. E ele era um homem que toda a gente dizia e é verdade, sabia construir e construía muito bem, talvez de todos os do Porto fosse alguém que tivesse um conhecimento mais técnico da própria construção. E além disso ele gostava que as obras dele, como é evidente nesta casa, e em outras como a Câmara, por exemplo, transmitissem essa tectónica, essa firmitas, essa ideia de peso.*

(Autor: A forma como se entende a arquitetura, podem existir vários entendimentos e interpretações pelos diferentes pares e público em geral, concorda?)

*Os arquitetos têm que falar para si, para si próprio e para a sua classe mas depois também tem que falar para o público, para uma comunidade. Quando se trata duma Câmara, que foi a primeira Câmara construída no período democrático, ou projetado, ele é muito feliz nisso. De facto consegue que no interior haja aquela ideia de espaço*

*aberto e da entrada livre pelo espaço de dentro. Mas ele percebe que têm de representar uma certa autoridade, representar o poder autárquico, neste caso. E desse ponto de vista, essas casas, é o lado moderno é o lado progressista digamos assim, porque de repente entra-se nestes pilares onde ele repõe, isto também é uma coisa que, aliás, o Eduardo Souto Mouro diz muitas vezes, ou dizia, que na verdade mesmo antes do Siza no Pavilhão da Expo 98, o primeiro português a resgatar os azulejos que os brasileiros tinham levado, tinham recriado na arquitetura brasileira, foi o Soutinho nesta obra. O que também é engraçado no Soutinho, é que ele é muito sensível às influências, encontra esses pilares nas obras do Alvar Aalto, que é uma figura que mesmo que não seja a figura já... por exemplo aqui, isto já não é orgânico... mas ainda há reminiscências dessa cultura. Que é muito o que os arquitetos também fazem neste processo de “colagem” - um bocado duma coisa, um bocado doutra.*

(Autor: Alcino Soutinho e outros arquitetos da mesma altura, num certo momento diz que as casas são experiências “ruinosas”, seriam mesmo?)

69

*Isso é relativamente comum, as casas têm um orçamento muito caro, porque exigem um acompanhamento constante, que exige muito trabalho que dificilmente é pago. Os arquitetos fazem casas por uma questão de experiência, de estatuto e de prestígio, não para ganhar dinheiro.*

(Autor: Alcino Soutinho projeta para os seus clientes, em relação às habitações unifamiliares, estes eram amigos e familiares. Era comum primeiro projeta-se para amigos e familiares e depois é que se alcança outros clientes?)

*É algo comum, entre todos os arquitetos.*

(Autor: O 25 de abril foi um “processo” e um momento de charneira na arquitetura do Soutinho, concorda?)

*Sente-se uma certa ansiedade de mudança. Os anos 70 são muito bons, do ponto de vista da teoria, os Rossis, os Venturis, o Brutalismo.*

(Autor: Sente a presença de algumas correntes expressivas como o Brutalismo e o Regionalismo Crítico na obra de Soutinho?)

*O regionalismo crítico é uma invenção do Frampton, escrita pela primeira vez em 1980. Ele diz que existem em alguns territórios, nalgumas cidades, nalguns países, nalguns arquitetos, uma cultura em que há uma adaptação a um contexto regional, em termos de materiais, mas que é crítica no sentido em que não é uma cópia. Escrevendo isso em 80, remete para a experiência dos anos 60 e um pouco dos anos 70. E os arquitetos portugueses, no final dos anos 70 e início dos anos 80 estão a mudar; e o Soutinho também está a mudar. O Soutinho, como é patente nesta casa de Portimão, e depois claramente em Ofir (Pinto de Sousa) percebe que não pode haver telhado, não pode haver estas madeiras todas trabalhadas, e uma certa “secura” mas também um certo gosto ornamental e monumental. Isso é o caminho que ele vai seguir. Aliás ele também tem uma preocupação, nunca falei com ele sobre isso, mas ele também têm uma preocupação que é uma preocupação da Escola, que é não imitar o Siza. É muito difícil para os arquitetos do Porto, não imitarem o Siza. Eles eram amigos e familiares. A Câmara de Matosinhos é clara, aquilo não é uma obra do Siza. Mas a ideia da fachada em curva, com pórtico, a ideia da cúpula, a ideia dos azulejos nos pilares. Tudo isso é uma invenção do Soutinho. E esta casa Pinto de Sousa, o Siza também estava um bocadinho, nessa altura, a trabalhar... tinha visitando Viena na Áustria, tinha visitado Adolf Loos, portanto podemos dizer que há aí um certo parentesco. Um certo traço comum, podia ser o Adolf Loos. Mas no Soutinho, talvez, o que une a casa de Ovar do Siza e a casa de Ofir do Soutinho seja o Adolf Loos, provavelmente. Mas em qualquer dos casos eu acho que é um desenho que vai diretamente à fonte - Adolf Loos, ele não faz isto via Siza, bebe do mestre diretamente. Repare que, depois desta fase (primeira fase) que são obras de Escola, são obras da terceira via, são obras do “Távora”, ele aqui (segunda fase) está claramente a procurar o seu caminho e a ter uma identidade própria como arquiteto. Em que claramente o Siza, tenta ter sempre pequenos segredos, pequenas coisas virtuosas... O Soutinho é mais pragmático, mais terra a terra. É*

*arquiteto e têm um sentido poético da arquitetura, mas é mais direto e mais linear nesse sentido.*

(Autor: Explicação da terceira fase na arquitetura de Soutinho, a casa Pina Vaz, a casa da Rua Júlio Dantas, a casa da Rua Rodrigues Semide e a casa de Afife.)

*Há aqui uma questão que é muito sensível. Isso é relativamente natural, o arquiteto dos anos 60 não é um arquiteto do final do século. Os problemas são outros, a filha começa a trabalhar com ele, as modas mudam, os materiais mudam. Mas há arquitetos que mantêm algum traço comum, há arquitetos que partem e fazem coisas radicalmente diferentes.*

(Autor: Sente que existe uma imagem de “marca” que outros arquitetos cultivavam - como o Siza - contrária à linguagem e forma de fazer arquitetura de Alcino Soutinho?)

71

*O Siza primeiro nos anos 60 fazia uma obra depois fazia outra outra, outra obra, etc. E portanto ia mudando de obra para obra. Às vezes fazia duas ou três ao mesmo tempo, mas a construção com gera escalonar. A partir de certa altura, há um arquiteto como o Siza que está a fazer, vinte obras e dez projetos ao mesmo tempo. E portanto é natural que a pormenorização e alguns temas estejam completamente contaminados, até estejam completamente copiados, até copy and paste. Por uma questão de economia de meios, quando se está a fazer vários projetos ao mesmo tempo, não há qualquer possibilidade de uns estarem mais à frente que os outros. Eu escrevi sobre isso no Museu Nadir Afonso, e é claro que quando se entra no museu sente-se como se estivéssemos em Serralves, ou em Camaro no Brasil... Porque há essas cumplicidades, do arquiteto que está a trabalhar, é humano a cima de tudo, e não desliga dos projetos que têm. O Soutinho nomeadamente neste período, têm obras de qualidade, é fácil perceber que os anos 60 são uma coisa, os anos 80 são claramente outra coisa e os anos 2000 são ainda outra coisa. E é bonito e é verdade que ele tenta pertencer sempre ao seu tempo. Digo isto no sentido positivo e negativo, também nas modas. Nos anos 60 fazer telhado, o fazer as madeiras, o fazer o abrigo, o fazer horizontal, é fundamental,*

*fazer a topografia, é fundamental e ele faz isso. Nos anos 80 endurecer e monumentalizar, dar até um certo luxo do ponto de vista ornamental e material é obrigatório e ele faz isso bem. Depois a partir dos anos 2000, há uma espécie de regresso dum modernismo que ele também vai assumi-lo, provavelmente também os colaboradores são outros, e neste momento não é possível nem fazer telhados, nem fazer monumental à maneira da Câmara de Matosinhos.*

*Hás de ver o e-book que apresentei à Fundação Marques da Silva, apesar de ser um texto pequeno está sucinta esta ideia de divisão temporal, e a minha tese de doutoramento onde o Soutinho é uma figura total.*

*O Soutinho têm uma importância a nível nacional, apesar de os seus projetos serem estudados mais aqui por pessoas do Norte.*

*Era uma figura muito querida.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM LUCA DUBINI

(26 de julho 2019, no escritório do arquiteto na Rua do Duque da Terceira)

(Autor: Sobre a inexistência ou raridade de publicações, livros e estudos aprofundados sobre o arquiteto Alcino Soutinho.)

*Por acaso eu a Andrea e um arquiteto de Nápoles, que trabalhou com o Soutinho, estamos agora a tentar fazer a monografia.*

*Trabalhei com ele 10 anos, de 1994 a 2004. Trabalhei já num período mais recente da obra do Soutinho.*

(Autor: Concorda com a divisão temática e temporal em três fases e a escolha das habitações unifamiliares?)

*Para mim também concordo com essa divisão temática. Estas casas (segunda fase), vejo influências italianas.*

73

(Autor: O 25 de abril para Alcino Soutinho.)

*Quando ele fez a Câmara de Felgueiras, ele tinha feito já outros projetos do género, tirando Matosinhos. E quando fomos entregar o projeto - eu por acaso fui com ele - e eu disse assim “então Soutinho vamos entregar este projeto à Câmara”, que era um licenciamento, e ele já tinha entregue outros, mas noutra período. E ele diz-me assim: “quando entreguei outros projetos, antes de (19)75 eu ia à Câmara e sabia que aquilo provavelmente não ia ser construído, ia ser apenas mais um pedido, agora tenho a certeza que se não acontecer nada de mais no projeto, a competência da Câmara vai ser aprovar o projeto.*

(Autor: Pela notoriedade dele?)

*Não, não, pelo período que se estava a viver. Havia dificuldade em se construir as coisas antes de (19)74. Estou a falar de obras públicas, não de casas em particular. Mas o sentimento era “não sei se vou construir o que vou entregar agora numa Câmara Municipal.*

*Tentando justificar este segundo período que apresentas, já havia a certeza que o projeto ia em frente... quase como uma libertação. Alguma libertação terá a ver com esta segunda fase de certeza, alguma vontade de tentar expressar a bagagem que trouxe de Itália, que foi uma referência importante.*

(Autor: O Soutinho falava muito de Itália consigo em particular por ser italiano?)

*Ele regressava a Itália, por causa das viagens de turismo, ou para visitar amigos que ainda tinha lá. E depois nós ganhamos um concurso para uma Câmara Municipal perto de Milão e então nós os dois íamos de vez em quando com alguma frequência. Um projeto interessante. Começou-se a construir a praça, a garagem, e como houve uma mudança do partido político que estava na Câmara o projeto estagnou. Até pediram ao Soutinho para fazer em vez de três pisos e já havia projeto de execução acabado e a obra já estava adjudicada. “Afiml já não precisamos dos três pisos, que estavam elevados do chão, mas precisamos dum auditório enterrado” diziam eles na Câmara e era outro projeto por completo. E eu acho que aí ele tentou -porque ele era bastante diplomático nestas coisas - e a firmeza chegava-lhe sempre no fim quando punham em causa a capacidade dele como foi o caso. Depois acabaram por ser os nossos engenheiros (da empresa com que trabalhamos) a acabar a parte de arquitetura, mas já não era o projeto do Soutinho. Eu recuso-me a ir lá ver, até fica próximo da casa da minha mãe mas não vou lá.*

*O Siza disse ao Soutinho “se conseguires construir em Itália vais ser o primeiro” porque ele também já tinha tentado várias vezes, só está a conseguir agora, nos últimos anos, em Nápoles.*

(Autor: Como se desenrolava o processo, o desenvolvimento do projeto em escritório?)

*O Soutinho tinha um carisma, um carácter, mesmo na primeira fase projetual, sentia-se que era ele a guiar sempre os projetos. Mas na verdade, aqui (terceira fase) a equipa envolvia-se e influenciava os próprios projetos. Deixava-se estimular para as sugestões exteriores, mas obviamente a última palavra seria a dele. A primeira era dele, nem que fosse um esquisso, um desenho, depois deixava desenvolver e até deixava amadurecer o projeto nas mãos do colaborador. Eram escritórios com uma certa hierarquia, a distribuição dos projetos eram feitas para três ou quatro colaboradores que já estavam*

*à mais anos no escritório, que depois se baseavam em dois colaboradores para desenharem mais.*

(Autor: Eram equipas mais ou menos de três?)

*Sim, mas não era claro. Ele não nomeava ninguém de chefe. Até era engraçado, a forma como se desenvolvia o projeto. Eu estive em dois escritórios, em Bento de Jesus Caraças e no Aviz. O escritório de Bento de Jesus Caraças era um apartamento, na sala era a sala de escritório, na cozinha era a sala de reuniões e depois tinham o gabinete e a biblioteca era num dos quartos, e no outro quarto era uma sala de corte e maquetes. Mas o primeiro era engraçado porque todos fumavam e era um nevoeiro (gargalhadas). A aproximação dele era feita, não havia uma hierarquia de lugar no escritório mas depois ele começava o projeto e aproximava-se da pessoa que ele achava que tinha que entregar o projeto, e havia essa aproximação numa primeira fase e depois naturalmente essa pessoa dizia “vamos desenhar isto e aquilo e fazer maquete”, e depois essa pessoa seria “a guia” de todo o projeto. Não era uma hierarquia definida pelo Soutinho, ele não verbalizava “ficas tu responsável” mas sentia-se isso. Era percebida entre todos, não havia uma definição. E com o passar dos anos e com a experiência que cada um adquiria, o arquiteto começava a passar na mesa dele.*

*No primeiro ano só brincava, era por ser italiano e falávamos muito sobre isso. Havia muito respeito e como era o último chegado tinha de passar por essa fase.*

(Autor: A encomenda por parte dos clientes e o processo que desencadeava, como era?)

*O cliente chegava ao escritório, o Soutinho tinha a capacidade de perceber se o projecto ia em frente ou não. Principalmente nos projetos grandes, ele sabia que ia em frente ou não (gargalhadas). Havia uma coisa engraçada, ele fazia sempre desconto no projeto. Nós dizíamos: “Oh Soutinho, mas você porque faz descontos? Já tem 70 anos e ainda faz trinta por cento de desconto?” (gargalhadas) E ele dizia que é importante porque depois chegava mais trabalho, mais coisas. Depois não precisava porque os clientes voltavam.*

*Mas sim havia aquela primeira aproximação do programa, da reunião, que normalmente era feita só no gabinete dele, às vezes também chamava a Andrea. E depois disso havia a visita ao local, que já fazia também com a Andrea e outro*

*colaborador, tirava fotografias, fazia os primeiros esboços. A partir daí havia aproximação ao projeto, com os esboços, até às vezes nas primeiras viagens, no carro, as primeiras impressões. Que é algo muito à Escola do Porto, topografia do terreno.*

*Depois desenvolvia-se os primeiros esquemas no computador (já não era ele, ele indicava apenas o que queria). Eu entrei em 94, na passagem do estirador para o computador.*

(Autor: Os desenhos feitos a computador são diferentes dos desenhos à mão/estirador, estes eram mais demorados, ricos e continham uma outra riqueza, concorda?)

*O Soutinho desenhava tudo à mão. Quando pusemos os computadores no escritório, ele pegava numa régua e media a partir do monitor. E nós dizíamos: “O que está a fazer?” E ele dizia: “Estou a medir.” E nós dizíamos: “Oh Alcino isso não é igual, se faz um zoom perde a escala.” Quarenta anos a desenhar e a riscar vegetais, e de repente os projetos passam a ser desenvolvidos no computador. E essa passagem não foi fácil para ele. Ele pedia sempre para imprimir para ter esse controlo. Mesmo nos concursos, ele sempre acompanhou, nós fazíamos diretas à noite e ele estava lá até às quatro da manhã. Trazia uma garrafa de whisky e chocolates ficava ali ao nosso lado. Até dizíamos para ele não vir, mas ele queria.*

*Por isso há essa passagem entre o desenho à mão e o computador que pode justificar essa diferença no desenho. O controlo que ele tinha quando desenhavam tudo à mão, e os vegetais eram ferramentas de trabalho, e rodava e mudava. Aqui (habitações da terceira fase) o colaborador já tinha mais liberdade de mexer no esquisso. Porque no fundo ele fazia um esquisso, “a casa, aqui vamos fazer o telhado, aqui vamos fazer esta abertura... e agora passa isto para computador”. Antes era: começar com a planta, estudar as proporções, as funções principais, o percurso, entramos aqui, do lado temos o quarto, e era muito de trabalho de atelier. As pessoas ficavam sentadas a ver o trabalho a começar, as coisas tinham tempo de amadurecer. O computador veio tirar muito disso. Quando se projetava, falamos de casas, começava sempre com um volume muito compacto, muito sólido, na passagem mesmo para o computador, numa volumetria como ele dizia sempre “com os pés bem assentes na terra”. E eram blocos, eram volumes bastante sólidos, pesados. Depois nas duas vertentes (estirador e computador) havia sempre uma fase, que chegava no fim dos projetos, que punha alguns pormenores, algumas alterações nos projetos, que podem ser para nós, um*

pouco bizarras. Mas que tinham a ver com ele. Por exemplo, no Banco de Investimentos, no remate da fachada, ele procura desenhar o friso em continuidade com o vizinho e articula com o seu novo volume, e desenho com uma saliência que quebra. Numa solução normal de Auto CAD, desenha-se algumas coisas a direito, e ele subia, descia, mudava. Introduzia no fim alguma coisa, que eu acho que é algo que o caracteriza e afasta até da Escola do Porto. Não era óbvio, mesmo sendo funcional, era muito formal seu. Era uma questão muito própria dele, e era engraçado que isso chegava sempre no fim, quando estava tudo controlado. Aí então era uma introdução de qualquer coisa que ele chegava de manhã e dizia: “olha pensei nisso” e fazia um esquisso em cima dum alçado, imprimia-se os alçados que estavam no computador e ele fazia uma quebra, um redondo, uma quina. Mesmo a Câmara de Felgueiras, tinha um edifício histórico e ele introduziu no rés-do-chão, depois fez uma espécie de prédio atrás, e fizemos isso e estava tudo bem. No projeto de execução, quase no fim fez esse exercício, uma parede torta, porque queria fechar um bocado mais a estrada e criar o dramatismo da fachada. E há de reparar que nas casas, em quase todas, têm esses exercícios, por exemplo no Barreiro, têm a pedra da fachada colada ao chão, que é reta num sítio e curvo do outro lado e acrescenta um óculo. É um exercício que acontece muito no exterior, acaba por se refletir bem pouco no interior. Se vires até a maior parte das plantas, esta planta (Albergaria-a-Velha) é muito Pompeiana, tens o pátio no meio e todas as funções à volta. Mas eu acho que esse acrescentar ao desenho vêm um pouco de Itália da altura, um pouco pós-modernismo, um pouco de Aldo Rossi.

77

(Autor: Sobre as três fases e as treze habitações unifamiliares.)

Na primeira fase é certo que há referências a Alvar Aalto e Escola do Porto. Eram as referências da altura, o próprio Távora.

Esta casa (a casa na Rua Júlio Dantas) vê-se perfeitamente que é uma casa desenhada a computador (começa a esboçar um esquema que representa a implantação do volume no terreno). Aliás esta casa, está inserida num lote mais ou menos assim (desenha uma forma retangular) e depois foram tirados alinhamentos da casa vizinha, e foram afastados cinco metros dos limites do terreno e desenha-se esta primeira capa e depois dentro é que se desenha a casa. É engraçado, mas lá está, é um Soutinho que já se está a apoiar talvez na pessoa que está a trabalhar neste momento, mais contemporâneo.

*Na segunda fase havia mais tempo de reflexão, de desenho. Naquele tempo em que ele desenhava à mão, todos os elementos eram fundamentais e como não existiam havia essa necessidade do desenho. Agora tens a biblioteca do puxador da JNF que vais buscar. Muitas destas soluções já nesta fase, por exemplo a carpintaria, soluções mais usuais que se encontravam no mercado. Ele gostava, às vezes, ainda de desenhar o corrimão, mas eram aqueles poucos elementos, que por comparação à fase anterior havia mais desenho. O resto era standardizado, por exemplo como acontece na casa de Pina Vaz.*

*(Autor: A obra de arte total estava presente na obra de Soutinho?)*

*Estas duas fases (segunda e terceira) podem ser comparadas muito bem em Matosinhos, a partir da Câmara de Matosinhos e a Biblioteca (Florabela Espanca) atrás. Foram feitas em épocas diferentes mas acho que não é só a época que é diferente. A forma de pensar e a própria equipa, estou sempre a puxar para a equipa mas acho que era de facto essa a justificação da mudança. É positivo, ele manteve o próprio escritório, a própria convicção, que ele mostrava quando estava de acordo ou quando não estava e decidia sempre ele no fim. Mas há um aproximar-se de quem está a lidar com os projetos, nesta última fase.*

*Aqui (segunda fase) acredito que era mais um trabalhar em conjunto, ele pensa imensas vezes sobre as coisas, sobre uma planta.*

*(Sobre a casa Pinto de Sousa)*

*A casa Pinto de Sousa não é uma casa portuguesa em Ofir. A fachada é completamente italiana, pode ser até do sul de Itália, perto de Nápoles, com estas arcadas, mas não vêm de Ofir. Enquanto que as outras, a primeira fase é uma integração com o terreno aqui é quase uma imposição no terreno, apesar que é uma forma de intervir tanto válida uma como a outra. Porque para impôr um edifício, primeiro tens que perceber o terreno. Mas quando vês a casa vês o “monumento”.*

*O período do meio - a segunda fase - é o Soutinho. E os pormenores da composição que falamos anteriormente, a curva que é curva e ainda contém nela uma outra curva mais pequena. No edifício que é um banco na Avenida da Boavista, existe uma monumentalidade, um rigor, uma imposição e depois de repente, tens coisas mais pequenas: desce e vai buscar o alinhamento da cornija. Coisas que aparente são*

*mínimas mas se não as fazia, não era Soutinho. Noventa e nove por cento dos arquitetos não faziam isso, já chegava o volume principal e “acabado”.*

*O Soutinho como projetista de casas era esta fase (segunda fase), era onde ele se sentia feliz ao projetar.*

*Para terminar vou contar uma história que me aconteceu engraçada. O Soutinho vivia no Lima 5 e o escritório era atrás, e depois de alguns meses o Soutinho convidou-me para almoçar em casa. E disse assim: “Lucca desculpa lá, não sabia mas também vêm um velho comer.” E eu pensei “vêm um avô ou assim” e ele assim: “o velho é o Álvaro”. E eu já tremer - ele estava a fazer Santiago na altura. E eu sempre com aquela coisa, que tinha que falar bem da arquitetura, causar uma boa impressão. E depois ele olha para mim e diz: “Chamas-te Lucca não é!? Posso ir ver uma coisa na televisão que ontem à noite não consegui ver o fim?” E eu “claro, claro”. Fui ver o que o Siza estava a ver tão interessado, e era um episódio do Tim Tim (gargalhadas). E o Soutinho “Opá ele é maluco, gosta destas coisas” (gargalhadas).*

*Gostaria de assistir à defesa e até falarmos mais vezes sobre o Soutinho e arquitetura.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JOÃO RAPAGÃO

(14 de agosto 2019, na confeitaria Eça, Porto)

(Autor: Quem era Alcino Soutinho e todo o universo que o envolvia, na sua perspectiva?)

*A Laura era uma espécie de relações públicas, e como ela mexia-se e mexe-se muito bem no mundo arte - esteve ligada à direção da Cooperativa Árvore - era uma espécie de “embaixatriz”. Ela vinha à frente com as obras de arte e depois vinha o marido, e vinha o projeto duma casa para meter os quadros. E depois com empreiteiros, com marcas, com materiais.*

*O Siza e o Soutinho eram muito amigos, ele ia quase todos os dias a casa do Soutinho, à noite, fumavam, desenhavam. O Soutinho têm essa ligação ao mundo empresarial, e é por isso que ele também é um bocado fora daquela lógica da Escola do Porto. Eles tentavam manter-se mais isentos, mais distantes, sem grandes compromissos com as empresas, com as marcas. E o Soutinho não, era um homem que se comprometia com os empreiteiros e depois ficava um bocado “refém” também. Há aí casas que às vezes derrapam. O Soutinho têm momentos muito brilhantes, e tem momentos muito cinzentos. Faz parte, qualquer arquiteto os têm. Há uma coisa que acho simpática nele é que ele mostrava tudo, não escondia nada. É assim, o Souto Moura e o Siza também têm coisas cinzentas só que não as publicam, deixam-nas escondidas no escritório. O Soutinho não, têm esse lado de verdade.*

*Eu gosto muito do Soutinho. Ganhei um concurso e ele presidente do júri. Ele foi a primeira pessoa a telefonar-me e a dar os parabéns, e foi duma aproximação, duma sinceridade, que os meus professores daqui nunca tinham porque eram todos uns arrogantes. E portanto o Soutinho não, e eu com vinte e seis anos ser contactado pelo Soutinho... e ficamos amigos desde esse tempo. Portanto ele tinha esse lado de proximidade, e de acessibilidade que eu acho que é muito bonito.*

*Ele têm muitas vertentes, têm esse lado empresarial, que eu acho que nesse sentido era um homem que estava à frente. Hoje os arquitetos vivem assim. E os outros da Escola do Porto, achavam que isso era sujar, havia uma espécie de conceito. E ele era uma pessoa sem preconceito.*

*Eu se tivesse que escolher o Soutinho era pelo lado da construção, pelo lado do desenho da construção. Eu acho inclusivamente que os “habitares” dele resultam muito bem pelo rigor da construção. É uma pessoa muito amétrica dos materiais, com as coisas dos materiais, são sempre muito, muito ligadas pelos elementos, pelas métricas dos elementos, pelo standard das peças. Enquanto que, por exemplo, a maior parte dos outros arquitetos da Escola do Porto, fazem a peça e se houver desperdícios, não se importam, o Soutinho não, adaptava-se muito ao rigor da construção. Se as peças devem ter sessenta por sessenta, ele vai dimensionar a obra para sessenta por sessenta, para não haver lixo e não haver desperdícios. Nesse sentido era um homem consciencioso.*

*Ele têm um lado “diva” (gargalhadas). Ele e a Laura eram um casal muito bonito e são, eram lindíssimos até ao fim. Mesmo a Laura hoje é uma mulher muito bonita para a idade. E eles eram de facto - no meio daquela gente toda horrorosa - o “casal maravilha”. No sentido, que toda a gente tinha inveja deles, porque eles eram um casal muito próximo, muito unido. Os outros casais não eram assim - os arquitetos eram os arquitetos e as mulheres normalmente eram as sopeiras. E ali não, havia uma cumplicidade muito grande. Portanto o Soutinho foi sempre, uma espécie de outsider dentro daquela tropa toda, da Escola do Porto. Nem sempre alinhava com os outros.*

(Autor: Sobre a experimentação, as cores, as casas com cores fortes.)

*Outra coisa que eu acho fantástica no Soutinho, é nunca ter medo de utilizar a cor. Isso é uma coisa muito italiana, que ele trás de Itália.*

*Cor-de-rosa têm a ver - que o Cremascoli acha - com a história de Serralves. Eu não sei se é tanto com Serralves ou se é mesmo a vontade de a certa altura entrar em rotura.*

(Autor: Soutinho era um homem que valorizava as relações pessoais. Também sente isso? Como era consigo?)

*Às vezes ia almoçar com eles a Matosinhos e são uma família extraordinária. Gostava muito de contar histórias, de partilhar coisas, era uma pessoa muito espontânea. Falávamos de arquitetura, da vida, das viagens, dos amigos.*

*A ter que falar dum Soutinho para além do arquiteto, era uma pessoa fora do seu tempo. Ou seja, os arquitetos hoje saem, viajam, conhecem, coisa que essa geração não*

*fazia, nem o Souto Moura, nem nada. E a grande modernidade dele é essa espécie de ambição de ir lá fora buscar coisas. E Itália era uma referência muito grande para a Escola do Porto. O Soutinho descolava-se dos outros porque os outros estavam ali muito, pareciam “monges”. Aliás irritavam-me porque eu fiz a escola ainda nos anos 80, e apanhei a Escola do Porto a ferver. Até na forma de vestir, os outros andavam todos com ar de pé-rapado e o Soutinho andava sempre de blazer, era um senhor. É que até isso... quando olhamos para toda aquela fauna, os outros todos de chinelas e com ar de geração de esquerda, com bolsas penduradas de couro. O Soutinho não era dessas coisas. Houve um período assim, a seguir ao 25 de abril, quando ele se meteu no SAAL, aliás ele aparece em uma ou duas fotografias assim, com ar um bocado hippie. Mas rapidamente dá o salto, e os outros ficaram, ainda numa postura muito esquerdista.*

(Autor: O comunismo e o projetar para uma elite burguesa.)

*Ele nunca foi muito apadrinhado pelos outros todos também por causa disso. Havia uma espécie de racismo, às vezes. Eu quando fui presidente da Ordem, nos anos 90, fiz o primeiro livro do Pedro Ramalho, e o segundo número ia ser do Soutinho. Porque eu achava que o Pedro, o Soutinho, havia ali uma série de arquitetos que não eram suficientemente divulgados e mereciam.*

*A questão da honestidade, da sinceridade, e a questão da proximidade. Era uma pessoa muito acessível. Com os pés assentes na terra. Ele foi meu professor de construções, o ano todo deu-me uma aula, ele faltava muito. E é uma pena porque do ponto de vista construtivo ele era excelente.*

*O pormenor é estudado como um projeto, que acontece dentro do projeto geral. Esta ideia de fazer o projeto e depois arranjar os pormenores para o projeto, não existia. O desenho corre as escalas todas e tanto a implantação, depois o projeto, e o pormenor está sempre massacrado de desenhos. O que eu acho que distingue o Soutinho, é que os outros obrigavam os pormenores a encaixar no desenho, e ele já desenhava com essa consciência do quê que é a construção - os materiais. Os materiais têm especificidades, e ele ia ao encontro dessas especificidades. Ele guiava muito o desenho total já à procura do pormenor. Os outros faziam o desenho, era o capricho do desenho, e depois o resto tinha que se encaixar ali, doe-se como doe-se. O carpinteiro, o pedreiro que se desenrascassem. O Soutinho era muito consciencioso, sabia que o pedreiro era daquela*

*forma, tinha aquelas dificuldades, a pedra têm aquelas especificidades, a carpintaria igual, a serralharia igual. E fazia tudo dirigido a essa resposta.*

(Autor: Sente que existia uma identidade e linguagem que evoluem por oposição ao ficar “retido” a uma imagem de “marca”?)

*Os materiais acabam por ter diferentes expressões e as casas acabam por resultar diferentes conforme os materiais e conforme a conversa com o cliente.*

*Isto (primeira fase) é a Escola do Porto, eles fazem esta fase das coberturas. Depois (segunda fase) passam para uma coisa muito mais do Adolf Loos, muito compositiva, muito simétrica, muito racional, também com algum italiano, aqui neste caso com as cores (casa Pinto de Sousa e Albergaria-a-Velha), que acho que têm muito a ver com Gardella e com uma série de influências que ele têm italianas.*

(Sobre o 25 de abril e o momento de libertação de opressões que poderiam existir)

*Ainda existe na arquitetura do Soutinho restos do Inquérito, misturado com a vontade de afirmar o movimento moderno, porque eles sempre quiseram ser modernos e ao mesmo tempo respeitar a nossa escala, a nossa tradição, a nossa construção.*

83

(Autor: Sobre a terceira fase.)

*Ele torna-se um arquiteto do regime, da Câmara de Matosinhos do Narciso Miranda e faz tudo para Matosinhos. O Soutinho entra numa roda viva, com certeza com negócios à mistura. O quê que seguram os projetos do Soutinho nessa altura? É o rigor da construção. Como é tudo muito rigoroso, aquilo resulta sempre muito bem. Nas casas como não há repetição, é uma peça única, é uma peça de exceção, e ele aí não têm tempo a investir.*

(Autor: Sobre a ferramenta do desenho, que era à mão e passa a ser a computador.)

*O peso da história era importante para o Soutinho. Que não se sente tanto nos arquitetos da Escola do Porto, dos contemporâneos do Soutinho, o Siza, por exemplo. O Siza introduz a história mais tarde, é um homem estupidamente culto, continua a ter uma biblioteca escondida para onde vai pensar os projetos no início. Mas o Siza era muito mais intuição no princípio, vai-se juntado a história. O Soutinho era uma pessoa muito culta e tinha uma carga de história, que é visível, por exemplo, na casa de Ofir, é uma casa renascentista, têm pé direito duplo, a comunhão para a sala, parece um*

*palácio pequenino. Depois mete a caleira árabe na recolha das águas, aquilo é um mix de tanta coisa, é português ao mesmo tempo. Na última fase isso já desaparece, ele deve fazer as casas nos intervalos da azáfama dos prédios, porque ele têm quarteirões e quarteirões para fazer para Matosinhos.*

*É sempre um gosto recordar Alcino Soutinho.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM PAULO GUERREIRO

(8 de julho 2019, na Casa das Marinhas de Viana de Lima em Esposende e roteiro de arquitetura modernista em Ofir)

(Encontro na casa das Marinhas do arquiteto Viana de Lima.)

*Até aos anos 30, não haviam praticamente construções nesta zona. Existiam apenas umas construções alveolares na franja de Ofir, onde estão hoje as torres, muito parecidas com as construções que estão em Cedovém (local costeiro próximo de Ofir), porque eram pessoas que vinham à apanha do sargaço e eram essencialmente pessoas que vinham duma freguesia ligeiramente a seguir a Fão que é Fonte Boa. Os grandes proprietários dessas construções eram de Fonte Boa e de Gandra. Que eram grandes produtores agrícolas e precisavam do sargaço para os adubos. Havia outros que tinham negócios e que exportavam o sargaço até à zona norte de Portugal, porque é uma matéria prima riquíssima para a agricultura. Na transição do século havia ali uma zona balnear (em Cedovém), circunscrita só a uma aristocracia em decadência e uma burguesia em ascensão, havia ali uma transição. Há (na zona de Cedovém) um edifício praticamente em ruínas que é um edifício com um torreão, é um edifício construído no fim do século XIX, com alguma piada, duma arquitetura eclética e desenhado por um engenheiro da Academia do Porto e que até há uma publicação do Domingues Tavares. Acontecem muito na foz do Porto, construções deste tipo, feito por este engenheiro chamado António Correia.*

*Há duas figuras que se destacam na produção do turismo que estava a crescer, principalmente em Fão: Alfredo Magalhães, que vai ser mais tarde presidente da Câmara do Porto e o Júlio Oliveira, são os dois arquitetos que mais projetos tem assinados em toda a zona da Restinga. Aliás todas as construções a partir dos anos 40 são projetos de arquitetos. Ofir é, do meu ponto de vista, um museu da arquitetura vivo - até aos anos 90, depois a partir os projetos são obrigatórios e falta algum amadurecimento dos projetos mais recentes. É óbvio que há ali (na zona de Ofir), alguma especulação que aparece nos anos 70.*

*O Soutinho acaba o curso em 59, e depois vai um ano para Itália. Quando regressa vai trabalhar com Octávio Lixa. Há aqui em Esposende casas onde o Alcino assina as plantas, mas o projeto era do arquiteto Octávio Lixa.*

*O Inquérito vai trazer estes códigos das coberturas inclinadas e as formas que não são soltas, mas é uma soma de formas de composição de volumes. Aquele bloco que era monobloco por exemplo como é o caso da casa das Marinhas, os xistos, os materiais da terra, há outra vez uma composição formal dos volumes.*

*(Chegada à Praia de Suave-Mar.)*

*Quem faz o desenho deste loteamento é o Viana de Lima, sensivelmente na transição dos anos 50 para os anos 60. Ele tinha acabado de fazer aquelas nove casas e entretanto aprova este loteamento na direção de hidráulica em Braga (ele era consultor da Câmara aqui de Esposende). O desenho destes arruamentos e destes quarteirões muito orgânicos têm a ver com o CIAM de (19)56, mas têm a ver com o projeto que ele faz para Rio de Onor. O grupo dos CIAM Porto - em que o Viana de Lima é o grande líder e depois colabora o Távora e colabora também o Arnaldo Araújo - fazem uma proposta para uma aldeia como exercício para o CIAM de 56. E se olhar, para os desenhos que são desenvolvidos para essa pequena aldeia de Rio de Onor, que era uma aldeia agrícola e depois tem a ver também com o conjunto de princípios que estavam a ser desenvolvidos, estavam a iniciar-se pelo Team X, de alguma sustentabilidade e ao mesmo tempo por coincidência começa o Inquérito. Por um lado temos isto, que é o que está a dar, que é uma corrente que vêm dos italianos já dos anos 30 - a defesa duma cultura nativa correspondente a uma identidade muito própria, duma cultura italiana, vêm ainda mais de trás duma cultura holandesa. Porque quem começa com o Inquérito é o Keil do Amaral, quando vai à Holanda e depois em 46, creio eu, publica um livro em que passa um período na Holanda e descobre a riqueza da qualidade das obras da arquitetura popular e chega a Portugal e implementa este inquérito. Em simultâneo em Portugal, estamos a viver um período do Estado do Novo, onde se procura valorizar a cultura portuguesa. A Exposição do Mundo Português de 1940 faz uma retrospectiva das províncias portuguesas, do que é a cultura rural, desde o Minho ao Algarve. Onde está hoje o Centro Cultural de Belém, foi a Grande Exposição e ainda ficaram algumas peças (a bússola no chão, o Museu de Arte Popular...) e portanto houve este estímulo. O "folclore" que nós hoje temos vêm desse período. A cultura portuguesa estava a despertar para esses valores tradicionais e quem vai defender é o António Ferro, que pertencia à Secretaria Nacional da Propaganda. Portanto a estas duas interceções o Soutinho vai ser educado nesta transição, neste contexto: por uma lado o Estado Novo*

na defesa destes valores, por outro lado os arquitetos acabam por se tentar afirmar. Há um livro da Ana Tostões, “Verdes Anos” que é muito interessante e foca algumas destas questões. No fim da Segunda Guerra Mundial, que é um grande clique, há uma libertação dum conjunto de governos reprimidos ditatoriais que foram libertados pelos aliados e Portugal e Espanha continuam “presos”. Então há grupos de intelectuais que se juntam e que formavam a Organização dos Arquitetos Modernistas (ODAM) em que o Viana faz parte, o Távora, e mais... São cinquenta e tal e começa em (19)47. E depois há outro em Lisboa que é liderado pelo Teotónio Pereira, e que vão tentar reivindicar posições contemporâneas, dum cultura mais atenta e menos reprimida quando nasce na intercepção deste processo todo o Inquérito à Arquitetura Popular. É uma espécie de “encapuzar” a procura da essência, a raiz da nossa cultura. Então o Keil do Amaral, que fazia parte desse grupo de Lisboa (porque Lisboa era Lisboa e o resto era paisagem, menos agressivo como hoje), dum elite que representava o governo do Estado Novo, junto das grandes exposições mundial e outros projetos, ou seja era aquele que conseguia “dar o salto” lá para fora e conseguia ver. Os outros estavam “cá dentro”, e o Viana de Lima começa a “saltar lá para fora”, no fim dos anos 30, começa a viajar e trava amizade com um arquiteto russo, que foi o braço direito do Le Corbusier. Inclusivamente no fim, ou em simultâneo quando eles criam este grupo do ODA, surge o primeiro Congresso dos Arquitetos, do Sindicato que também é importante. Tudo isto são notas importantes, do meu ponto de vista, para influenciar o Alcino Soutinho. Tudo isto está ali presente, ou pelo menos a borbulhar. O Carlos Ramos começa a lecionar, nos anos 40, e introduz outro espírito, em simultâneo com o Távora. O Soutinho a acabar o curso nos anos 50, tem isto tudo em “cima da mesa”, para além depois de ter convívio com o Viana de Lima (até porque namorou com a filha). O Viana de Lima já frequentava os Congressos e portanto havia aqui esta preocupação da internacionalização e em simultâneo e o Inquérito.

(Autor: A casa da Praia Suave-Mar do arquiteto Alcino Soutinho, é um objeto arquitetónico agradável de se ver, quais terão sido as preocupações do arquiteto na realização deste projeto?)

As questões formais, as questões da gramática da composição do objeto, das texturas, a importância do granito aparente, o xisto, estes movimentos formais desta desmaterialização mais rígida das formas puras. O Soutinho está aqui no meio disto

*tudo. E há um conjunto de arquitetos, não é só o Soutinho, que estão todos a pensar, o Siza por exemplo. A propósito destes códigos mais formais numa arquitetura de transição da arquitetura popular. O Siza na casa de Ofir vai buscar estes códigos, esta casa do Sérgio Fernández...*

*Os códigos que estão presentes, sintetizando tudo, são os códigos numa arquitetura popular, com as tentativas de algumas nuances diferentes que vêm romper. Nomeadamente a posição da cobertura e a forma como são articulados os vãos. O vão não é um vão normal, ele vai à aresta e em termos de composição cria uma rotura; e ao mesmo tempo a cobertura vai buscar a aresta e dá-lhe um outro jogo. Ele arrisca aqui bastante sobre os movimentos. Outra forma de pensar, um acentuar de perspectiva, esta tentativa de quebrar a esquina, são exercícios que são explorados nesta casa.*

*A casa do Távora também está numa implantação muito parecida, ele vira as costas a poente não sei se é por causa do mar ou não e poderá ter alguma influência para esta casa.*

(Viagem pelo Pinhal de Ofir, passando pela casa do Távora, Hotel do Pinhal e outras casas de arquitetos modernistas principalmente da Escola do Porto.)

*Quando começou o boom da procura de Ofir, faz-se o Hotel do Pinhal. Vê-se muito os códigos do Raul Lino em várias casas. É interessante perceber que estas casas (que se inserem no Pinhal de Ofir) com o tempo vão evoluindo, elas não eram assim inicialmente, às vezes começam e são só mesmo quadrados. As casas começam como um primeiro edifício de construção e depois vão sendo somas de volumes. Há um primeiro corpo e depois vão adicionando-se outros corpos.*

(Chegada à casa Pinto de Sousa, projeto do arquiteto Alcino Soutinho.)

*É a casa mais complicada de estudar do Soutinho, porque existe aqui uma grande fusão. Isto é, é uma casa de síntese, vai buscar a influência da arquitetura popular e toda esta retaguarda que o Soutinho têm, pelo interior. Tudo isto têm a ver com a linguagem italiana. Alguém dizia “agressiva por fora e sociável por dentro” e concordo plenamente. Estamos nos anos 80 e há o pós-modernismo, estamos a assistir às “Taveiradas” em Lisboa, e no mundo inteiro, e digamos esta casa é um pós-modernismo racional da Escola do Porto - um mundo que ninguém gosta de falar. É quase o efeito “proscrito” - uma linguagem pós-moderna. Toda uma linguagem italiana*

*está aqui enraizada numa forma muito objetiva. Do meu ponto de vista, este fenómeno pós-moderno da Escola do Porto, que não se gosta muito de falar do pós-moderno da Escola do Porto, porque não há pós-modernismo. Não há ninguém a arriscar tanto nesta linguagem. E depois há outra coisa que não se pode esquecer, o Soutinho é professor de projeto em construções, que é importante.*

*(Viagem até à habitação Pina Vaz, de projeto do arquiteto Alcino Soutinho.)*

*A partir dos anos 60 há uma espécie de “drenagem” se me permite esta expressão, das bacias. A bacia do Cávado, Guimarães, Fafe, Famalicão, Braga, toda essas pessoas vêm “desaguar” aqui ao Cávado. Se for ao Minho é a mesma coisa, vai tudo para a foz do Lima, Moledo e Vila Praia de Âncora.*

*Esta área (lugar da Bonança) é mais de condomínios fechados, esta já é uma fase final, contemporânea.*

*(Chegada à casa Pina Vaz.)*

*A casa Pina Vaz pertence a um condomínio fechado. Eu estava na gestão urbanística na Câmara quando ela foi construída e sei que houve alguns problemas, porque é um loteamento um bocado complicado. Ela está pousada em cima duma duna porque em baixo não se deixou construir. O licenciamento foi complicado, porque não deixam pousar na duna, e o arquiteto elevou a casa, conseguindo deixar o chão livre para se estacionar por baixo da casa, e pousa a casa praticamente só sobre uma parede. A casa só podia ter um piso, o regulamento era muito rígido. Este loteamento é feito nos anos 90, muito por dificuldades no Plano Diretor Municipal que é aprovado em (19)95 e este loteamento não está dentro do PDM. Mas o quê que acontece com os loteamentos? Eles têm legitimidade para toda a vida, agora não, mas nessa altura não tinham prazo, eram para sempre. Podiam-se fazer algumas alterações mas eram eternos, o desenho era assim e não se podia alterar. O regulamento tinha algumas deficiências e depois entrou aqui o Plano da Ordem Costeira (POC) e gerou aqui algumas contradições.*

*Há poucas coisas escritas sobre o Soutinho. Eu fiz uma tese de doutoramento sobre o Viana de Lima, que é uma figura ímpar da arquitetura portuguesa. É ele que rompe e que vêm introduzir o que é a arquitetura modernista em Portugal, introduz novas linguagens e Portugal não estava habituado, e continua a fazer-se de conta que ele não existe. Arménio Losa já se vai falando alguma coisa mas neste momento há uma espécie*

*“sacralização” do Fernando Távora, até com o Prémio Fernando Távora, e têm a ver com movimentos políticos e académicos. Isso acontece na história da arquitetura portuguesa onde é possível ver quem são as figuras referidas. Porquê que se têm que colocar a política ao lado da arquitetura? Porquê que não se é isento? Que não seja indissociável talvez não, mas porquê que faz essa diferenciação por parâmetros que não têm a ver com a arquitetura? Há um conjunto de arquitetos que são proscritos e que são completamente anulados, são só referidos porque certos e determinados grupos pretendem que sejam falados.*

*A Laura era a companheira de viagem da vida e que o acompanhava para todo o lado, o ombro do Soutinho onde sempre se apoiou.*

*Eu acho que é importante trabalhar sobre o Soutinho, depois gostava de ter o seu trabalho aqui na Biblioteca de Esposende. Boa sorte.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JOÃO PAULO LOUREIRO

(7 de outubro 2019, no escritório do arquiteto na Rua Roberto Ivens, Matosinhos)

(Autor: Alcino Soutinho desenvolveu uma série de projeto ao longo de mais de 50 anos, em quais projetos é que trabalhou mais diretamente?)

*Eu lembro-me de ele me falar dos projetos que já tinha quando cheguei ao escritório mas não trabalhei neles, aliás nem era nascido quando o Soutinho já deixava obra em Portugal: Portimão, Barreiro, Matosinhos, Vila Nova de Gaia...*

*Em Albergaria já cheguei a trabalhar, fiz uns detalhes para uns armários. Até lhe chamavam a máquina fotográfica. Eu lembro-me de lá ter ido e fiz uns desenhos duns roupeiros para explicar ao carpinteiro como iriam ser. Já estava a casa feita, e só lá fui desenhar essas coisas mais pequenas.*

*A Pina Vaz ainda trabalhei nela, numa fase inicial a forma, a casa, a parte de execução já não me lembro. Até porque o Soutinho fazia muito isso, haviam vários arquitetos a trabalhar no mesmo projeto, imagine eu começava a trabalhar nisto mas depois pegava noutra projeto e outro dava continuidade.*

(Autor: Como chegou até Alcino Soutinho?)

*Eu entrei no escritório era estudante de quarto ano, o Soutinho foi meu professor de projeto, tinha sido meu professor de construção no primeiro ou segundo ano, não tenho a certeza. Ele faltava um pouco às aulas (gargalhadas), mas quando ia era determinante, era uma pessoa que não precisava de muito tempo, era uma pessoa muito inteligente, os comentários que fazia eram muito pragmáticos. Uma pessoa com muita capacidade, era um professor muito bom de projeto sem dúvida, ia e criticava os projetos de uma forma muito direta, muito sintética, muito útil. Haviam uns que podiam lá estar o dia todo e...*

*No quarto ano tive um bom projeto, chegou a fase de ir estagiar e o Soutinho não foi a minha primeira escolha. Ia trabalhar com o Eduardo Souto Moura, fui almoçar com ele e levei a maquete do trabalho, e ele gostou imenso do projeto, o projeto era fantástico, por acaso, era um projeto inovador, destacava-se. Era um Museu Etnográfico no Rio Douro, e eu consegui fazer o edifício quase sem janelas, o que na altura não era muito*

*comum, todos uns volumes. Eu dou aulas na Faculdade e no outro dia até mostrei esse projeto. Na minha altura o estágio era no quinto ano, e apanhei a mudança da faculdade da ESBAP para a FAUP, ali nos anos 90. Eu apanhei primeiro e segundo ano nas belas-artes, quarto e quinto no Campo Alegre, na casa do Carlos Ramos e depois o sexto ano já foi na FAUP. E no quinto ano eu queria trabalhar com o Souto Moura, ele queria que eu fosse mas por uma questão pessoal, estava lá o Alvarinho e eu não podia ir, porque na altura nós tivemos uma situação, na altura a namorada dele começou a namorar comigo (gargalhadas). Por isso é que perceber de arquitetura têm esse lado pessoal.*

*E portanto eu fui estagiar no quinto ano, e eu quando era estudante ele começou ali numa altura que começou a destacar-se. Era mais velho, então eu tenho 49 anos e ele tem 60 e alguns anos, somos duma geração diferente. O Soutinho era ainda duma outra geração mais velha, mais mestre e portanto nem considerei a hipótese Soutinho. Depois o Eduardo arranjou-me outro atelier que era com uns jovens arquitetos que trabalharam com ele, era o Zé Fernando Gonçalves, e o Paulo Providência, na altura jovens arquitetos, e arranjou-me lá lugar. Mas eu não fiquei muito convencido, depois em conversa lembrei-me do Soutinho, que tinha sido meu professor, depois através de alguém que o conhecia de família, e eu fui falar com ele e como tinha sido aluno dele e era bom aluno, ele aceitou-me logo. Entrei para fazer precisamente uma maquete toda em balsa, dum edifício que não foi construído, que foi a Reitoria da Universidade Nova de Lisboa. Estava a fazer o quinto ano, o estágio profissional, e a partir daí fiquei sempre lá a trabalhar e nunca mais saí de lá. Depois continuei o meu sexto ano na faculdade, e continuei sempre lá a trabalhar. Por exemplo, no sexto ano, o projeto da faculdade tem mais a ver com urbanismo, os meus professores foram o Manuel Fernandes de Sá e o Carlos Guimarães, e eu lembro-me perfeitamente de ter faltado, uma aula, para ter ido representar o gabinete do Soutinho para o concurso do Parque Expo. Fui eu e um colaborador italiano, um napolitano, que é o Armando Minopoli, foi-me acompanhar. Eu entrei no ano anterior e no ano seguinte já estava a representar o escritório, quer dizer é uma responsabilidade. Pouco tempo depois eu era o braço direito do Soutinho, muitos projectos passavam por mim, porque eu era próximo de Soutinho e projetos de maior escala. Ou seja, fiz muitas casas no início depois eram outros que desenvolviam. Lembro-me de estar lá, no concurso, e estavam lá o Manuel Salgado, o Tomás Taveira e estava o Manuel Fernandes de Sá, que era meu professor*

*cá do Porto e estava lá como meu concorrente. O aluno a concorrer contra o professor com o projeto do Soutinho (gargalhadas). O Soutinho até dizia “nem me apercebi que tivesses aulas”.*

*Eu estive no escritório do Soutinho em Carlos Malheiro Dias, em Professor Bento de Jesus Caraça e depois no Aviz. O escritório foi aumentando de escala, quando lá cheguei eram cinco ou seis pessoas, havia uma mais antiga Maria José Brito, a Andrea (a fazer a tese sobre computação), o Zé Eduardo que agora tem um atelier em Braga e trabalha muito para África, mas foi pouco tempo meu contemporâneo, estive lá só dois a três meses e foi até pela mão dele que entrou o primeiro computador. A primeira vez que fizemos um projeto foi precisamente para a Reitoria da Universidade Nova, nós fizemos o concurso, ganhamos o concurso e depois era preciso avançar o projeto. E o projeto era uma circunferência, do género do coliseu, podia ter sido dos melhores projetos. Era um projeto muito clássico, muito académico, muito interessante.*

(Autor: Quando conheci a obra de Soutinho, nos primeiros anos da faculdade, senti um cuidado nas relações das massas e da composição assente nos clássicos da arquitetura. Por outro lado, a profissão de arquiteto, os que são de facto distinguidos dos demais é a sua capacidade da concretização, isto é, desde o pensamento da materialização, à realização e construção em obra. Na verdade um bom arquiteto têm em si um domínio pelas artes que são complementares à sua, o senhor arquiteto com certeza saberá melhor do que falo, mas há um entendimento como o perceber de marcenaria, trabalho de alvenaria, a iluminação, a engenharia, o design...)

*Sim sim, você está a pensar bem. As casas nesse aspeto, do ponto de vista construtivo e do detalhe, no Soutinho não serão o melhor exemplo. Quer dizer, houve um período de alguma produção. As primeiras casas hão de ter, de certeza, um grau de detalhe muito superior. Há casas mais recentes que já são mais.... (estala os dedos). Isso tem uma explicação no âmbito do Soutinho. Eu faço uma análise, e que eu próprio visitei muitas vezes, ia pegar nesse universo de detalhes, principalmente da Câmara de Matosinhos, do Museu de Amarante... tinha detalhes fantásticos. Embora o Soutinho depois tenha alguma “defesa”, não queria portanto usar aquele... queria usar outros detalhes. Achou que alguns eram datados e preferia começar do zero. Eu apanhei esses dois momentos, quando eu entrei no Soutinho, trabalhei em projetos e o detalhe era muito mais calmo, desenhei à mão, ainda não havia computadores, a pessoa fazia esses*

*desenhos das guarnições de madeira, com os veios da madeira. Por exemplo naquela de Albergaria fiz os tais armários, era um casal muito simpático lembro-me, eu cheguei a conhecê-los. E havia esse detalhe, havia mais tempo e depois houve nas casas mais recentes, por exemplo a casa de Cristo Rei, próximo do escritório do Soutinho, era dum médico, Pedro Soares bicho. Eu trabalhei nessa casa, na concepção desde o início.*

*Era uma repetição do polígono do terreno, a casa acompanha e depois as esquadrias fogem do polígono. Depois tem uma estrutura, a origem do projecto fui eu mais o Soutinho. Depois, lá está, os detalhes, a fase de execução, até quem pegou mais foi o meu colega o João Paulo Oliveira. Entraram pessoas depois de mim, o Lucca Dubini, por exemplo. Mas a maior parte das pessoas que estavam lá nessa altura saíram, a Zé Brito, o José Eduardo, o Lúcio (trabalhou muito naquele banco da Avenida da Boavista - Banco Fonseca). Sairam quase todos, foi quando entrei eu, entrou esse João Paulo Oliveira, a quem eu chamava “Olivas” e ficou. Havia equipas, eu era o braço direito do Soutinho - mais criativo, estava sempre na origem, estive em muitas frentes com o Soutinho, fomos grandes amigos.*

*Eu trabalhei no escritório no final de (19)91 e fiquei até 2004/2005. Fiquei lá cerca de 11 anos.*

*Trabalhei mais noutros projetos, lembro-me da Quinta das Sedas, na Biblioteca de Matosinhos, no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, na Biblioteca de Águeda, outra escala. E haviam muitos projetos que trabalhava mas depois lá está iam para outros colaboradores.*

*O processo do escritório era sempre muito partilhado. O Soutinho chegava com uns esquissos, ou punha-nos logo a mexericar naquilo e depois vinha e controlava - à feição do que acontece na escola, deixava-nos. Variava muito, ou vinha já com uma ideia ou deixava aquilo crescer e depois punha o seu cunho pessoal. Tinha esse processo muito partilhado, fazia-se muito mano a mano. Ou comigo ou com outros colegas, precisava de ter alguém ali ao lado a perceber, a articular, depois fazia - já na fase dos computadores - uma primeira impressão e desenhava em cima.*

(Autor: O computador e domínio por a nova forma de desenhar foi de difícil aceitação para Soutinho, que vinha duma Escola onde o desenho à mão é que era a ferramenta?)

*Ele não percebia nada de computadores, computador zero. Lembro-me dele encostar a régua e nós dizíamos que ele não podia tirar de lá medidas, porque não estava à escala.*

*Mas ele conseguia tirar dali as medidas da proporção, e na realidade não tinham a mesma medida, mas no ponto de vista da proporção ele sabia isso. Sabia que não estava à escala, mas tinha uma escala. Era geracional, ele precisava de métrica e via aquilo lá no “micro-ondas” como ele dizia muitas vezes: “lá estão vocês no micro-ondas”.*

*Por exemplo houve um projeto na altura, praticamente fiz esse projeto isolado com ele, foram uns bairros sociais para Matosinhos - não foram construídos - para a zona de Angeiras e Lavra. Até do ponto de vista social, fiz um estudo sobre isso. E eu lembro-me que do ponto de vista do desenho foi muito desenvolvido ao nível da tipologia, e na altura já a pensar no computador, desenvolvi as tipologias e depois copieei e a ele isso metia-lhe aflição porque tínhamos uma entrega e não via ainda os conjuntos. E eu dizia-lhe: "tenha calma Soutinho, vamos desenhar bem um e depois é só repetir". E aí eu lembro-me que começou a ter os computadores, a dinâmica do desenho do computador, a ter influência na arquitetura do Soutinho e claro em qualquer outro arquiteto.*

95

(Autor: Sobre a divisão temática e temporal da arquitetura de Soutinho em três fases.)

*É engraçado porque pelas arquiteturas e até pela morfologia, há alguns mecanismos que foram aplicados aqui e foram testados noutras obras. Aquela galeria nós pusemos ali na Biblioteca, depois havia essa coisa. O Soutinho desenvolvia um projeto, e ao mesmo tempo estava a acontecer outros projetos, então haviam os mecanismos arquitetónicos que contaminavam outros projetos.*

*É mais uma questão de fases do escritório, onde se estava a trabalhar num projeto de maior escala e de repente entra outro projeto, aquilo é contaminado pelo outro. A diferença também estará no tempo que os projetos levavam para ser feitos, era tudo mais lento - o desenho à mão trazia essa personalidade. Aqui (terceira fase) como é mais rápido há projetos que são parecidos com a Biblioteca, ou com o projeto de Águeda, alguns tiques até, algumas conjugações de materiais.*

*Há outros fatores que surgem nesse altura, há mais rapidez, há a legislação, os próprios clientes, a questão das caixilharias de alumínio que os próprios clientes exigem - já existe essa exigência por parte dos clientes. Não é que houvesse a certificação energética, mas é aquela coisa do caixilho, a própria arquitetura, as garantias, o tempo, etc... Já não se desenha tanto o caixilho de madeira porque deu*

*problema, mete água e de repente o próprio cliente já substitui por inox ou alumínio e começa a ser aceitável, porque depois começamos a ver boas arquiteturas que também perdem esse fantasma e começam a usar materiais standard.*

(Autor: Quais eram as referências que Alcino Soutinho se inspirava?)

*As referências são Rossi, o nacionalismo italiano, Louis Khan, Venturi nesta fase (segunda fase). Aqui (primeira fase) é mais datado, é mais Távora, a Escola, Viana Lima, Alvar Aalto. O Soutinho é mais heterogêneo, “bebia” de várias influências e não tinha medo de assumir alguns mecanismos que adotava de diferentes partes. Aqui (terceira fase) procura um processo mais internacional, mais imediato, mais sofisticado. O gabinete também ganha, mais influências de diferentes colaboradores também tem importância nisso. Parece-me bem a sua divisão, concordo com ela.*

*A casa do Barreiro, do “Mathias” - nomes que dávamos lá no escritório - desenhei uns detalhes também. Eram casas já feitas ou acabadas de fazer e exigia um nível de detalhe maior, como armários, e os móveis da casa de banho e o móvel do escritório. Influência “Loosiana”, do Loos.*

*Há momentos, paixões, adesões a alguns arquitetos. Eu acho que o Soutinho nesse aspeto tinha essa particularidade, ia usar muito da linguagem que se adaptava ao meio, contexto, à circunstância. Ele não tinha problema de pensar projeto, e até estava a pegar no Loos, não tinha uma camisola vestida do Alvar Aalto, até pelo contrário.*

(Autor: Alguns arquitetos adquirem uma imagem a que os torna “identificáveis”, por exemplo o Siza, acha que o Soutinho tinha presente na sua forma de pensar e fazer arquitetura que estava a deixar essa marca também?)

*O Soutinho não tinha essa consciência nem a queria fazer; não queria cultivar uma linguagem. Portanto não teve problema de fazer uma coisa e a seguir estar a fazer outra. Nós podemos verificar fases mais identificáveis, o próprio tempo e o carácter dos edifícios, até pelo detalhe como disse e bem. Mas os diferentes tempos no Soutinho refletem também muito do que ele era. Ou seja, a construção da arquitetura para ele da resposta mais eficaz, usava um conjunto de referências arquitetónicas variadas e mecanismos expositivos, construtivos que iam-se atualizando e se há um enfraquecimento do detalhe ou alguma coisas, não digo desilusão mas da nossa parte chamaria desencanto é um reflexo dos tempos. Não tem a ver com o mestre ou o*

*arquiteto Alcino Soutinho tenha perdido capacidade ou se desinteressado, tinha a ver mais com perceber que tinha desenvolvido um conjunto de detalhes, e ele próprio querer-se desligar disso e de usar sem “fantasmas” novos materiais, sistemas de caixilhos de alumínio, achar que poderia manter uma resposta. O gabinete nessa fase tem um maior crescimento do ponto de vista do pessoal, chega a ter dez ou doze pessoas, na altura era muita gente, entram projetos de maior escala e portanto é um processo natural.*

(Autor: Concorda com a existência duma procura da evolução, da investigação, da experimentação que acompanha a vida profissional de Soutinho?)

*O raciocínio correto não é pensar em evolução, é pensar numa forma digamos num método de trabalho. O Soutinho não tinha um percurso, ou seja ele quando mudou de fases, ou se isso é perceptível agora, ele não tinha consciência disso, nem quis fazer disto um percurso, não tinha com isto uma trajectória teórica pensada. Isso acontece porque era um método dele, portanto ele usou um conjunto de mecanismos. Imaginemos aqui (primeira fase) é identificável uma Escola, mas aqui é outra (segunda fase). Ele adere num conjunto de linguagem que depois repete e usa. A Câmara de Matosinhos e a casa Pinto de Sousa em Ofir, são contemporâneas. Em Amarante há um conjunto de mecanismos, caixilharias de madeira lacadas com tubular em latão que vem dar a isto, depois de repente há um conjunto de influências e outros testes da arquitetura contemporânea e aí ele adere sem “fantasmas”. Então começa a usar até mecanismos, sei lá, até do Eduardo. O Siza está a fazer outros testes e já tem umas palas e de repente há uma arquitetura mais contemporânea com o betão branco. Portanto ele começa a usar o mesmo mecanismo que usou dantes só que os tempos é que mudaram, ele não abdicou dos seus princípios de detalhe, tentou usar com a mesma naturalidade a caixilharia de alumínio da Technal como usava os caixilhos de batente desenhados, é mesma naturalidade. Eu quase que dizia que sem ser uma construção corrente, mas seria mais ou menos corrente dentro de um conjunto arquitetónico duma Escola. Se era a Escola do Porto numa fase mais pós-moderna ou não, não sei, ele tentou essa alternativa. Enquanto o Siza por exemplo se empunha, num autoritarismo mais férreo, por exemplo, pintar de branco. Por exemplo, Soutinho era uma pessoa que não tinha problemas de experimentar cores diferentes, de arriscar, de ir à fronteira, de tentar. E*

*isso negava esse sentido identitário do autor, que muitos arquitetos procuram. Os outros não tentavam coisas novas, porque queriam ter a “imagem de marca”.*

*Muitos músicos fizeram isso, testaram novas sonoridades, novos instrumentos e distanciaram-se, até os Miles Davis, teve um final de carreira mais confuso. Outros autores musicais que até entraram na música eletrônica, sei lá, lembra-me de vários nomes... e perderam essa ligação. Porquê? A plataforma onde eles estão a trabalhar mudou muito. A própria “clientela”, o cliente da casa, amigo, doméstico. O Soutinho teve de saltar para uma escala do projeto da maior escala, o urbano, os grandes edifícios de habitação. Portanto há um contexto social diferente, duma elite, para uma arquitetura digamos até mais popular. Ironicamente, esta arquitetura mais recente, até parece mais sofisticada, a verdade é que é mais popular. Porque vai buscar uma classe social, uma classe média endinheirada, nova. Quer dizer são médicos mas na verdade é diferente do ponto de vista da casa de autor, de amigo, que tinham uma certa ética. Aqui (terceira fase) já é mais mercado, a pessoa já quer a casa. Há uma arquitetura mais madura, duma rotina, dum grande mercado da casa, por isso é que há essa dimensão standard, que você identificou e bem. Mesmo sendo uma casa, a casa têm uma dimensão totalmente diferente. Aliás havia mais standard aqui (primeira fase), do que aqui (terceira fase). Porque aqui (primeira fase) até se for ver, o leque de soluções construtivos ao nível das caixilharias, rodapé, era muito tipificada, é muito semelhante a outros autores. Aqui (segunda fase) já há uma procura de articulação, onde o arquiteto têm um papel importante, e há mais ensaio. E aqui (terceira fase) há um uso do detalhe que vêm mais dos edifícios de maior escala.*

(Autor: A escala do doméstico, o modo de habitar e os clientes são três intervenientes numa casa. Estes vão-se modificando com o passar do tempo, isso explica a terceira fase?)

*A terceira fase, como identifica não digo que será mundana, mas o contexto, o ambiente mudou, os clientes também. Há uma pressão maior.*

*Aqui (segunda fase) há um certo classicismo, se reparar há uma influência, basta ver estas casas (casas pertencentes à segunda fase) é axial, o sentido do solar do edifício, da moradia. Esta (casa de Portimão) têm uma influência da casa pátio, das açoteias (açoteia é um terraço no topo do edifício, substituindo o telhado, existe sobretudo nas casas algarvias). Essa casa é muito bonita. Aqui vê influências até do Barragán,*

*portanto como vê o Soutinho era uma pessoa que tinha uma cultura arquitetônica grande e não tinha problemas em aderir.*

*Eu acho que também na fase final, o Soutinho acreditou mais nesse universalismo, do mecanismo. As casas, começaram a ter um automatismo, já são mais internacionais, quer dizer já não vai buscar tanto o regionalismo. Eu acho que acontece já numa fase de produção em que o escritório pensa que, pelo menos testa, em que as circunstâncias são diferentes e sente-se isso. O Soutinho também dá resposta a um conjunto de clientes que não são os mesmos que outros arquitetos, por exemplo o Soutinho vai buscar esse nicho. Por exemplo, esta parte da habitação comercial, não é por acaso que ele faz muitos edifícios de habitação multifamiliar, que por exemplo o Siza não têm muitos. Se for ver, cá em Portugal, têm o SAAL, que o Soutinho também teve uma experiência no SAAL - no bairro da Maceda, junto às Antas. O Habitaovar é muito interessante, em termos de projeto.*

*Mas depois o Soutinho começa - que têm a ver até com as três fases, que é engraçado - com o espaço do atelier. O anterior, Carlos Malheiro Dias, Professor Bento de Jesus Caraças e depois houve outro. Não há uma ligação direta temporal. Não quer dizer que haja uma junção cronológica mas que há mental, por exemplo, o último escritório que é no Aviz já é numa zona mais empresarial, numa zona de expansão da cidade. Portanto há uma analogia, o Soutinho começa a trabalhar para esses clientes. Um escritório muitas vezes desenvolve-se, vejo isso agora com mais maturidade, e tendo em conta o meu trabalho, o caminho que seguimos muitas vezes não é o que escolhemos, vamos numa viagem, encetámos uma aventura. Aconteceu com os navegadores, descobriram o Brasil e queriam ir para a Índia. Portanto a arquitetura também têm isso, começa-se esse percurso. O Soutinho destaca-se na altura, e que têm a ver com esse grau de detalhe, precisamente com Cerveira, Câmara de Matosinhos e Amarante. Faz esses projetos, salvo o erro, com dois colaboradores interessantes, que era o Hélder Casal e Luís Cunha. Nunca os conheci, mas sei que eles se zangaram houve ali umas coisas, mas foi o início de carreira do Soutinho foi com eles. O Soutinho teve sempre uma liderança, mas eles tiveram uma cota parte muito importante, pelo que eu sei nesses trabalhos (Cerveira, Câmara de Matosinhos e Amarante). Foi sempre um tema tabu, também não estou na posse da verdade toda mas que eles tiveram um papel importante parece-me incontornável. Não vou dizer que eram os Beatles, admito que se o Soutinho era o Paul McCartney ou o Jonh Lenon, mas os outros pelo menos o Righo Star eram.*

*Isso explica muito depois todo o trajeto do projeto, que algumas coisas que correram mal nessa altura influenciam a forma de trabalhar do Soutinho. Primeiro, de nunca deixar os projetos muito tempo. Os projetos tinham como método - que o Soutinho começou a usar a partir dos mal-entendidos do passado - eram rotativos, ou seja, era uma forma que o Soutinho tinha de controlar o projeto e de não deixar os colaboradores dominarem demasiado os projetos. Não havia, como outros gabinetes fazem um team manager ou alguém que ficava do início ao fim naquele projeto, rodava-se eu acho que isso fazia parte dum processo precisamente que acho que tinha em parte a ver com algum desalento que o Soutinho teria do passado, lá está desses colaboradores, sócios, ou então para ele eram colaboradores mas eles já achavam que eram sócios. E a partir daí, querendo evitar esses atritos, adoptou esse processo. Ele preferia fazer esse mix, mas que tinha essa vantagem para não haver segundas paternidades autorais.*

(Autor: E sobre a terceira fase?)

*É uma fase onde surgem novos materiais, respostas mais rápidas, soluções mais comuns como reboco ou capôto, depois já usa o betão. São materiais mais recentes, mais contemporâneos, um mix de colaboradores maior; uma reflexão dos projetos menor. Houve ali um trabalho para uma burguesia esclarecida que já quer a casa com piscina, garagem, comando à distância, micro-ondas, forno e frigorífico americano. O uso de alguns materiais foram testados noutras projetos.*

*Ir daqui (casa de Matosinhos) para aqui (casa na Rua Júlio Dantas), não é evoluir; repare que aqui é um material corrente, aqui parede dupla e aqui o capôto, é o sistema que está a acontecer no momento, sem “fantasmas”. Pensando que o Soutinho ligava à construção, ele foi meu professor de construção. É a mesma pessoa que fez esta, esta e esta casa (apontando para casas de cada uma das fases), há uma circunstância que, nem é uma questão de agora vou tentar por este caminho. As casas refletem a mesma pessoa, os contextos, os momentos, tudo que envolve Soutinho nos três tempos diferentes, pode haver períodos de transição, é que foram divergindo.*

(Autor: Qual é a imagem que recorda de Alcino Soutinho?)

*O que o caracterizava melhor; para mim, era o seu sentido de humor. Simpático, com classe. Uma figura com classe, ele “bebeu” dessa influência do universo italiano,*

transalpino, ele tinha essa imagem de galã. Até porque ele era uma figura, pelo que eu sei, querida das meninas, era um galã, muito educado, uma pessoa simpática. Era uma pessoa que enchia uma sala, depois começou a ter uma notabilidade pública, na década de 90, por várias razões, por projetos, pela sua influência política, porque era uma pessoa que também tinha uma esfera de amizades e contactos que vinham exatamente do seu enquadramento político por exemplo Mário Soares, etc. Como ele este preso pela PIDE, foi uma pessoa que dentro da esfera das belas-artes desligou-se dessa herança de esquerda e digamos que deu um passo para um campo socialista mais moderado. Não vou dizer que ele mantinha uma ligação ao partido comunista, enquanto que o Siza manteve essa imagem muito emblemática, não quer dizer que seja praticante. O Soutinho deu esse salto para essa sociedade socialista mais moderada, que caracterizava bem até pelo Mário Soares, do qual era amigo. A estrutura principal, em relação à política, do Soutinho era a amizade com Mário Soares, com o Teotónio Ferreira, Nuno Portas, há ali uma fração socialista que vêm da esquerda revolucionária, digamos assim. É interessante, estou a pensar isto pela primeira vez, não é um discurso ensaiado, mas já não falava à muitos anos sobre o Soutinho e estou agora a refletir. Mas isto sentiu-se e vê-se na arquitetura, há um advento praticante desse socialismo urbano. Quer dizer acreditar que há uma arquitetura, uma reação arquitetónica para os equipamentos, para os edifícios de habitação - já se desligando do movimento SAAL - mais conotado como um movimento de esquerda. Portanto já é um socialismo mais abrangente, mais popular, mais universal. E isso sentiu-se nesse prestígio que ele tinha, começa a ser uma voz nos media, dá muitas entrevistas, até ligado ao futebol. Um adepto ferrenho do Futebol Clube do Porto, íamos juntos ao futebol, muitas vezes. Eu trabalhei no projeto do Centro de Estágios do Olival e na obra, e íamos muitas vezes ver futebol, muito antes de fazer esse projeto. Dava muitas entrevistas para O JOGO, A BOLA, iam perguntar-lhe como figura pública. E portanto foi uma personagem que com o crescimento dos media, o canal RTP Porto, convidavam-no muitas vezes para esses programas. Porque era uma pessoa com sentido de humor, e tinha esse prestígio e pertencia a esse grupo mais social, duma elite social acessível.

Eu trabalhei com ele no projeto do metro do Porto, tinha sido o Eduardo Souto Moura a ganhar o concurso e convidou o Soutinho a fazer em Matosinhos Sul, a parte de Matosinhos depois do Hospital Pedro Hispano. Trabalhei com a Andrea muito tempo

lá. Foi no meu final de carreira lá no escritório, portanto 2001. E lembro-me de ter muitas reuniões na Câmara de Matosinhos, na Câmara do Porto e lembro-me de entrar o Soutinho e entrar o Eduardo Souto Moura - que já era um arquiteto destacado - e o Soutinho tinha uma atratividade pelas pessoas muito maior, era impressionante. O Souto Moura já era um grande arquiteto no círculo universitário e o Soutinho tinha essa dimensão pública. Engenheiros, políticos, presidentes de Câmara, reuniões institucionais, pessoas que tinham visto o Soutinho em entrevistas e televisões e o Eduardo, nessa altura, ainda tinha um destaque muito no círculo académico. Agora já vemos o Eduardo a dar entrevistas ao Público, e outros media. O Soutinho como mais velho, davam-lhe essa dimensão política e pública. Mas ele conquistou essa atenção, porque era uma pessoa com prestígio, com bom gosto, tinha essa dimensão social e humana. Também isto relacionado com o seu contexto familiar e arquitetónico. Há várias histórias, ouvia quem dissesse, aliás nem sei se foi o Nuno Portas que disse isso, haviam alguns arquitetos que se separaram e ficaram desorientados, ele dizia que se o Soutinho se separasse da Laura, desaparecia. A Laura era uma força motriz. Há uma história que retrata bem isso, precisamente nessa dimensão política dos anos 90 - que há ali uma elitização, o PS ganha uma dimensão muito forte e esta história foi-me contada. O presidente, salvo erro, Jorge Sampaio, veio à Câmara de Matosinhos e havia uma cerimónia de convidados, e a Laura não foi convidada, e o Soutinho foi. E ela tinha comprado um vestido, e tinha que ir, e portanto não iam as mulheres dos convidados, não quer dizer que não houvessem mulheres, mas não levavam os pares digamos. E entretanto a Laura fez questão e foi, à frente do Soutinho e ela cumprimentou o Sampaio dizendo “sou a mulher do arquiteto Alcino Soutinho” e o Soutinho a seguir, vai e diz assim “eu sou o marido da mulher do arquiteto Alcino Soutinho” o que foi genial (gargalhadas). A família tinha um papel importante para o Soutinho, aliás um dos comensais da casa do Soutinho, na altura, era o Siza. Os Soutinhos foram o lar que o Siza nunca teve, apesar de na fase final da vida do Soutinho se terem afastado um pouco, por questões pessoais. Foi na altura em que o Siza foi viver com o Souto Moura. Mas isso são outras histórias. Os Soutinhos viviam no Lima 5, o Siza também, a partir daí sempre estiveram perto. Eu ia lá a casa almoçar, ou depois do trabalho, houve um período que éramos muito próximos e o Siza estava lá. Há um lado humano, de relações sociais, de amizade, que também definem o que é a Escola do Porto, mas é mais do que isso é a arquitetura do Porto, não quer dizer que

*seja circunscrito à faculdade. Mas há um contexto dum grupo de arquitetos, dum momento que têm influências. Não é a questão da Escola em si, do edifício da Escola, mas é um conjunto de pessoas que se inter cruzam e dialogam e se encontram e etc. Isso sim é o sentido mais lato da Escola do Porto, que ultrapassa os muros da faculdade. É o mesmo que pensar nos impressionistas, em Paris, Montmartre, os artistas que se cruzaram. Foi importante aquele momento social e uns vinham de Espanha, outros da Rússia e o próprio ambiente político. Há realmente uma ligação de todas essas arquiteturas e dessas relações sociais. Este grupo do Siza, do Zé Grade sempre teve uma importância muito grande. E a família que concilia e fecha também esse universo linguístico em que ele também muito mais permeável a um conjunto de mecanismos que outros arquitetos por exemplo, como o Siza, não tinham.*

*Foi um gosto. Sabe que para mim é-me muito especial falar do Soutinho, foi como um pai em vários momentos, mas houve o momento da nossa separação, o momento em que o filho deixa a casa do pai.*

## **CONVERSAS PROPRIETÁRIOS**

## EXCERTOS DA CONVERSA COM MARIA HELENA DE ANDRADE

(16 de julho 2019, na casa de Matosinhos)

*O meu marido era irmão do Soutinho, um ano mais velho. Eles eram de (Vila Nova de) Gaia, a mãe e o pai. O pai tinha uma tanoaria, de destilar aguardente para o vinho do Porto. Depois vieram viver para o Porto para a Rua de Anselmo Brancamp, ali perto de São Crispim e viveram aí muitos anos, mas ele ia para Gaia trabalhar. O Alcino estudou arquitetura, o meu marido foi para engenharia e eu conheci-o lá na Faculdade das físico-químicas, conheci-o com dezoito anos. E o Alcino como só casou com trinta e tal anos, sempre que eu ia de férias com o meu marido ele vinha connosco. A Laura tinha casa em Ofir e eles depois quando eram casados iam para lá passar férias, e agora costumam ir as filhas. Ele vinha muito cá a casa, passava as férias comigo quando foi solteiro, depois de casado ia para a casa de Ofir. Eu tinha uma alugada mas as refeições eram sempre juntas.*

(...)

*Eu tinha o terreno grande com mil e setecentos metros quadrados, era muito grande. Depois lembro-me de dizer: “Alcino não quero cave.” Porque o terreno teve que ser aterrado e o arquiteto queria aproveitar para aproveitar a parte debaixo da casa, mas eu não queria, porque a casa já é grande e dá muito trabalho (gargalhadas).*

*Tínhamos o terreno, comprámos quando casámos, era um pinhal aqui, e não haviam mais casas aqui à volta. Havia a nossa, a do arquiteto Agostinho Ricca e Pádua Ramos. Aqui nem passavam carros, os carros eram só na outra faixa (Estrada da Circunvalação do lado do Porto), subiam e desciam daquele lado. Havia só uma estrada de terra batida deste lado, quem vinha muito para aqui eram os soldados dali de cima. Faziam marchas pela Circunvalação abaixo.*

(...)

*Esta casa é das primeiras, ele só fez umas que eram na Vila da Feira, que eram duns juizes (Casa dos Magistrados).*

(...)

*Ele disse que nos fazia o projeto, e nós dizemos “Alcino faça aquilo que entender. Tínhamos dois filhos, queríamos três quartos. Ele fez o projeto e ia-nos mostrando.*

*Foi o Alcino que tratou de tudo, os materiais, os tetos. Nós achávamos que os tetos eram muito caros, porque na altura até dizemos assim não vamos pôr tetos de madeira, porque fica muito mais caro. Tínhamos um preço para fazer e não podia exceder aquilo. Mas quando se pediu ao carpinteiro para retirar os tetos, era uma diferença de dez contos. Na altura era muito mas comprado com o resto da obra, dizemos “vamos fazer” e ficou muito bonita.*

*(...)*

*Vai reparar que tenho várias peças desenhadas por ele, o armário da sala de jantar, este do corredor, e peças que estão pela casa. Este armário por exemplo era um armário duma sala de jantar, tipo bar. É muito engraçado, tinha uns encaixes para os copos, duas prateleiras. Não me desfiz de nenhum móvel que o Alcino nos fez, não podia.*

*Na altura quando casei vivia em Dom João IV, e ele fez-me as mobílias de quarto e sala de jantar que depois veio para aqui, para esta casa. Na sala de estar ainda não tinha nada, só tinha um móvel para a televisão... ai não, para o rádio que ainda não havia televisão (gargalhadas). Depois mudei-me para São João de Brito, que ele fez umas casas muito bonitas. Eram da minha irmã e do meu irmão. São dois andares, eu fui inquilina do meu irmão. As casas eram muito lindas, neste momento estão todas estragada, fizeram muitas alterações por dentro e por fora. Era tudo azulejo e madeira e agora está tudo pintado de branco. Por dentro muito bem dividida, tínhamos três quartos voltados para afrente e um quarto de banho e depois entrávamos na sala de estar ampla, com uma varanda para o jardim e tinha a cozinha ao lado com o quarto da empregada.*

*(...)*

*Isto onde estamos era uma salinha, que até usávamos no inverno para fazer as refeições porque era muito aconchegante.*

*A sala de jantar é o espaço que mais gosto sem dúvida, a gente entra para a casa e acha que é diferente das outras, é diferente para aquela época, veja bem uma casa com 58 anos, veja como era diferente. O arquiteto foi fazendo conforme quis, o meu marido era de engenharia química eu de físico-química, como não percebíamos nada de arquitetura, foi tudo à maneira dele e acho que de todas estas casas, a do arquiteto Pádua (Ramos), e do (Agostinho) Ricca, a minha acho que é a mais bonita por dentro.*

*Na altura ainda se usava ter empregada doméstica (interna) e fez aqui um quartinho com um quarto de banho junto. Depois fez a sala de jantar separada da sala de estar, têm um parapeito e conseguimos ver de um lado para o outro. É muito bonita a sala. O espaço que mais gosto da casa são esses mesmos, a gente quando entra na casa acha que é diferente das outras para aquela época. Veja bem à cinquenta e oito anos ela era diferente. Lá em cima três quartos todos com varanda e dois quartos de banho. Depois tem um quarto intermédio, a meio da escada, que era um quarto onde eu trabalhava e servia de escritório. E cá em baixo têm o quarto da emprega e uma salinha de estar, o quarto de banho, cozinha, sala de jantar separada e sala de estar que se desenvolve em dois espaços, e o hall.*

*(...)*

*Tenho este guarda vestidos desde 1955, e ainda está bom, é moderno e muito funcional. Tentei manter tudo sempre com o Alcino desenhou, a única modificação que tive de fazer à casa, ao longo destes anos, foi apenas o gradeamento da rua que foi aumentado com chapas, já cheguei a ser assaltada.*

## EXCERTOS DA ENTREVISTA A SILVINA MAGALHÃES

(4 de agosto 2019, na casa de Paços de Brandão)

*Foram os meus pais que contactaram o arquiteto Soutinho. Eles foram à Câmara para fazer o projeto, só que o nosso terreno era estreito e eles (entidade competente na legalização de projetos habitacionais) não deixavam qualquer pessoa construir, tinha que ser licenciado e toda aquela burocracia. O Soutinho quando se formou esteve aqui na Câmara de Santa Maria da Feira e foi a partir daí que se conheceram. O meu pai contava que foi lá tratar de saber que podia ser feito aqui no terreno que tinha e mandaram-no falar com o arquiteto Alcino Soutinho. Quando o Soutinho veio aqui, lembro-me dele, eu já tinha quinze anos.*

(...)

*O arquiteto não se podia estender, porque não havia terreno, não havia dinheiro era tudo mais contido (gargalhadas). Quando o meu pai construiu a casa tinha só nove ou dez metros de largura (o terreno). Nós compramos este terreno depois (terreno adjacente ao lado direito da habitação), a senhora faleceu os herdeiros precisavam de dinheiro e nós comprámos.*

(...)

*Há coisas que são de origem, por exemplo, as soleiras, os vidros, as padieiras, só que também já fiz alterações. Esta porta (de ligação entre a cozinha e o living) estava encostada à parede, mas uma pessoa vai envelhecendo e este móvel que tenho aqui (no living) é muito grande e eu disse assim: “tapasse aquela porta com uma parede e abrimos mais ao lado”. Lembro-me que queriam três quartos - mas já deitei um abaixo, para ficar com um quartinho maior. A casa era branca com as persianas verde escuro, agora nós mudámos. O fogão de sala também já não é original, ou de origem. Nós tínhamos aqui neste sítio (num canto da sala de estar) uma braseira no chão, só que houve um acidente com a minha filha, então o meu pai e a minha mãe deitaram a braseira ao lixo e quiseram colocar aqui este fogão de sala. O azulejo também já foi posto depois, antes era tudo pintura. Os roupeiros já não são de origem. Existia a garagem, aqui em baixo (piso rés do chão), entrava-se pela estrada, metia-se o carro tinha-se dar a volta a toda a casa, por fora e apanhar chuva. E então de inverno era horrível, abrimos uma passagem por dentro (sem pé direito suficiente). Claro que isto*

*não está em modo, porque se vier cá um ladrão até dá com a cabeça, só nós é que sabemos que isto está baixinho (gargalhadas). Entrava-se aqui e depois haviam estes degraus ao lado que nos levavam à cozinha, por fora. Nós tapamos e fizemos as garagens no novo terreno que comprámos.*

*A carpintaria tudo de origem. A cozinha entrava-se por ali e os armários da cozinha eram deste lado, quando se entrava era tudo virado ao lado esquerdo, depois alteramos tudo e pusemos para o outro lado. Fizemos também aqui um aumento na cozinha, porque eu queria comprar um daqueles frigoríficos americanos grandes, eu morria por aquele frigorífico e fizemos então este aumento.*

*Houve aqui um acidente, deixei a torneira da água a correr de noite e tivemos aqui um prejuízo, era o chão todo em madeira em tacos, e mudamos para este pavimento flutuante.*

*Isto aqui era tudo aberto (entre a zona do corredor dos quartos e a escada de acesso aos quartos) mas claro até de inverno para nos aquecermos e ser mais aconchegadinho fizemos isto aqui, foi quando eu fiz. (Ao subir da escada encontra-se uma porta que fecha o corredor que era aberto). O arquiteto quando desenha não está a contar com o futuro e depois as pessoas é que vão modificando ao longo do tempo.*

(...)

*Antigamente, os antigos queriam as casas em “cima” da estrada para as pessoas verem.*

*A minha mãe inquietou-se com o arquiteto porque queria a casa à fase da estrada e o arquiteto fê-la afastada. Agora os tempos são outros, as pessoas procuram privacidade e portanto agora quer-se mais atrás. A minha mãe queria mesmo à frente. O último pedido, era que a casa fosse à fase da estrada e de resto deixaram à criatividade do arquiteto.*

(...)

*Havia aqui um senhor que era pintor, entretanto já faleceu, um pintor com muita fama e dizia: “Américo (pai de Silvina) não estejas triste”, porque as pessoas passavam da missa e eram assim “ui que casa, ui que horror, isto é um canastro, isto não é uma casa.” A minha mãe ficava triste e então dizia o tal pintor: “Américo tu tens uma casa que veio aqui um amigo meu e disse “isto é uma peça de autor”. Os canastros era onde ponham milho.*

(...)

*A minha mãe dizia assim: “Senhor arquiteto, então se morrer aqui alguém, como é que o caixão vai sair?” E ele ficou aflito e disse “Oh Dona Aurora...”. O que é certo é que a minha mãe faleceu e saiu por aquela porta (porta lateral). Aqui pela frente não dava. Agora há capelas nas freguesias todas, mas era assim que se fazia antigamente.*

*(...)*

*A minha mãe era assim: “Oh senhor arquiteto eu quero uma cozinha grande” mas eles não tinham terreno, se fosse agora com este novo terreno...*

*A minha mãe tinha aqui um cortinado (no living) para separar as duas salas, as pessoas antigas gostavam de ver as coisas separadas, e portanto tinha aqui sempre um cortinado muito bonito com mobília a condizer. Fazia confusão à minha mãe, então ela teve sempre uma cortina a separar os dois espaços.*

*(...)*

*A minha mãe queria muito, porque se usava, aqueles tetos muito trabalhados com gesso. E ele não, foi tudo lisinho.*

*(...)*

*O orçamento foi muito puxado, uma planta dum desenhador custava um conto e quinhentos a dois contos, mas não era arquiteto formado. E eu sei que o meu pai pagou vinte e tal contos só ao arquiteto. O meu pai fez de pedreiro e trolha, porque o dinheiro que ele tinha destinado foi quase todo para a arquitetura. Eu acho que o meu pai fez esta casa por oitenta contos, vinte e tal para o arquiteto. Lembro-me deles falarem à mesa disso.*

*(...)*

*E sabe isto era um problema relacionado com a política, o meu pai não tinha voto, as beatas da igreja tinham todas voto para votar, mas o meu pai não tinha. E depois era assim o meu pai veio do nada, tinha um negócio de sucatas e a minha mãe era doméstica. Até a minha mãe ajudou na obra. Eu sou filha única de raparigas e tenho mais dois irmãos rapazes mais novos. Eles deixaram mais duas casas que ficaram para os meus irmãos, eu fiquei com esta, eram pessoas de trabalho. Vieram do nada mas trabalharam. Os meus irmãos ficaram com o negócio das sucatas.*

*Obrigada, volte as vezes que precisar, gostei bastante.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM FERNANDA BARBOSA

(19 de agosto 2019, na casa de Rio Maior)

*Conhecia a Laura de Lisboa. O pai dela era oficial e o meu também, eram os dois de carreira e sempre foram muito amigos. Portanto é uma amizade desde crianças. E depois a Laura conheceu o Soutinho e foi para o Porto e eu vim para aqui, para Rio Maior. O Soutinho e ela tinham uma diferença de idades ainda grande, aquilo foi uma paixão à primeira vista. Foi na praia de Ofir que a paixão começou. Eu não sei porquê que ele ia lá (a Ofir). Ela tinha a casa dos avós em Fão - uma casa de rés-do-chão e primeiro andar, perto dos bombeiros. Os avós já tinham falecido e havia um clube onde se dançava, ouvia música e jogava-se e aquilo foi assim uma paixão. E depois lá veio a Cláudia e Andrea.*

(...)

*Estamos num alto antigo de Rio Maior. Vê a minha casa com linguagem do Soutinho e da Fernanda, porque esta parte (volume construído à posterior que corresponde ao novo escritório da casa) que está a ver fui eu que desenhei.*

(...)

*Quando nós compramos este terreno a casa terminava neste bico (no volume das casas de banho). Depois o terreno que compramos ao lado deu jeito porque fizemos um novo escritório, recuando o volume numa linguagem de continuidade como a do Soutinho. O Alcino achou que me saí muito bem, eu gosto muito de arquitetura e de decoração. O Alcino achou a ideia ótima, ele disse assim “Oh Fernanda eu não fazia melhor” e fiquei toda contente.*

*E comprámos ainda aquele terreno ali (terreno adjacente pelo lado esquerdo da casa) onde fizemos a segunda garagem. Acrescentamos dois lotes à casa. Repare como era o formato original do meu terreno, portanto o terreno que hoje temos é diferente do que o Alcino encontrou. O Alcino inseriu a casa precisamente onde está. Era um terreno relativamente pequeno. Nós sempre pensamos em pintar de branco, estávamos indecisos entre o azul e o vermelho para as madeiras. Mas a Câmara Municipal teve interferência nessa escolha e só aprovavam o projeto com as seguintes condições: cedência do terreno (da frente de rua, onde existe um pequeno espaço verde) e pintarmos de branco.*

(...)

*O escândalo da minha casa foi este, repare que eu não tenho janelas para a frente (voltadas para a rua, à exceção da cozinha e do escritório original da casa). "Então quando é que a doutora Barbosa e a mulher estão em casa?" Questionavam os vizinhos que gostavam sempre de saber da nossa vida. Continuam a achar a casa muito estranha, muito isolada, e de facto o que não é normal numa vizinhança que todos sabem da vida de todos.*

(...)

*Eu acho a sala muito bonita, é o espaço onde recebemos. Está tudo original, a lareira, as paredes com a cor "casca de ovo", os lambins, tudo. Isto é que estraguei. Isto tudo era madeira, mas depois com o meu marido mudámos, o Alcino já viu assim. Tinha madeira forrada de vermelho. E substituímos por caixilharia de alumínio. Dá muito sol aqui, tinha mudado já duas vezes e decidi então mudar para alumínio. A tijoleira foi a que ele escolheu, é de encerar.*

(...)

*Eu gosto muito da Câmara de Matosinhos, desde os puxadores às carpetes. Nem parece que estamos numa Câmara, parece que estamos numa igreja. Eu acho que o Alcino não foi tão apreciado cá (em Portugal), ele deu aulas em Milão, quanto ao seu valor.*

(...)

*É que uma coisa que ele tinha a favor dele, ele não aplanava o terreno, se é o termo que vocês arquitetos usam, aproveitava-se o declive. Ele não estraga, ele contrói sobre o terreno.*

(...)

*O Alcino era a favor de cozinhas pequenas, dizia que as cozinhas para quem não come na cozinha, só precisa de ter o espaço de trabalho. Ele sempre diz que as cozinhas não precisam de ser grandes.*

(...)

*A casa foi projetada ainda com um quarto da empregada dormir, só que depois eu deixei de ter empregada a dormir e nessa altura fiz algumas modificações a estes espaços. Acrescentei (no antigo quarto da empregada) uma mesa para o café da manhã, sala de roupa, despesas e aumentei a lavandaria.*

(...)

*Eu tenho muito espaço de corredores e quando as pessoas cá vêm, acham que é espaço perdido, eu acho que é espaço de circulação.*

*(...)*

*A casa vista pelo lado de fora não revela a quantidade de divisões que têm pelo lado de dentro, e os espaços de circulação grandes.*

*É a primeira vez que mostro a casa, as casas são algo muito privado. Mas gostei e volte se precisar. Agora convido-a a visitar bem Rio Maior.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JOSÉ SOUTINHO

(19 de julho 2019, na casa de Vila Nova de Gaia)

*Eu sou primo do Soutinho em segundo grau.*

(...)

*Ele nasceu em Gaia, o pai tinha uma tanoaria, na Rua Barão do Corvo, perto da estação das Devesas.*

(...)

*Ele projectou esta casa, depois fez-se um anexo provisório para guardar as ferramentas e as coisas do quintal e depois mais tarde é que se fez o salão.*

(...)

*A casa em frente a esta, mais antiga, é minha, foi onde eu nasci, era a casa dos meus avós maternos. Comprei estes dois terrenos lado a lado e queria fazer uma casa de piso térreo e tinha que ter espaço.*

(...)

*Uma vez, nós íamos jantar, ele e a Laura, eu e a minha mulher. Eu estava a viver na casa dos meus sogros, na Rua da Bélgica quem vai para Lavadores, e essa casa foi construída pelos meus sogros. E como eu e a minha mulher éramos filhos únicos, quando casámos fomos viver com os meus sogros, foi uma ajuda importante. Embora tivesse inconvenientes. Acabámos por começar a nossa vida de casal na casa dos pais dela. A certa altura veio um filho, depois outro, e pensámos aumentar a casa lá, só que mesmo assim seria pequeno. Uma ocasião fui jantar e falei ao Alcino - normalmente uma vez por mês jantávamos - e ele disse-me faça uma casa nova. E estávamos aqui à porta, viemos ver o terreno, era meia noite por volta disso, e conversamos. De repente o casal sai do nosso lado, onde eu estava com a minha mulher e afastaram-se para conversar. Depois ele diz-me assim “eu faço-te o projeto, não levo nada” e nós “epah está bem”. Paguei naquela altura dez contos, a casa é de 1971. Depois desencadeou-se o projeto. Lembro-me que passado um ano ainda não tinha o projeto, e eu dizia “Então Alcino, já passou um ano” e ele “você quer que lhe faça o desenho duma casa com uma chaminé, duas janelas e uma porta a meio?” “não eu não queria” “então têm que esperar”. Depois lá me fez o projeto, íamos discutindo, os tetos de madeira, uma*

114

*questão de pormenores. Ele gostava de dizer com muita piada “ainda não conseguem ler a casa, depois é que vocês vão entender”.*

*(...)*

*Frequentava a casa dele e ele a minha, antes de ser o apartamento na Foz onde mora a Laura, era junto ao antigo campo do Luso, primeiro viveu numa torre e depois viveu nas traseiras das torres, umas casas corridas. Fui lá muitas vezes a festas.*

*(...)*

*O nosso orçamento era limitado. A minha mulher era professora primária, eu nessa altura trabalhava na EFACEC, tinha o curso do instituto comercial e era da parte da contabilidade. Depois é que fui para a faculdade de Economia e completei a licenciatura.*

*(...)*

*O terreno tinha um desnível, o terreno de cima estava a um nível superior a este, a configuração do terreno mantêm-se a mesma.*

*(...)*

*A sala era a parte social da casa, onde recebíamos, não tínhamos televisão. Tenho vários espaços onde me relaciono com a casa, tenho uma biblioteca, um escritório mais recente, o tal que foi construído depois, onde passo bastante tempo porque tenho o computador.*

*(...)*

*O mobiliário foi comprado com a ajuda dele. Na Praça da República havia um antiquário, que era dum senhor engenheiro que estava ligado à Ford, tinha um stand na Avenida dos Aliados, do lado direito quem desce. Fomos lá a um sábado à tarde, eu, a minha mulher a Laura e o Soutinho. Estava lá o móvel rústico português em castanho todo desconcertado, ao tempo. Comprei, mandei restaurar e o Soutinho disse que ficava bem ali, no sítio onde permanece.*

*(...)*

*É uma casa com carisma. Costumo dizer que morrer tenho que morrer mas o que tenho mais pena de deixar é a minha casa.*

*(...)*

*Há um equilíbrio perfeito entre o teto escuro das madeiras que torna o espaço aconchegante mas também a luz que o torna luminoso.*

*(...)*

*Pelo interior da casa percebe-se os desníveis do terreno. O Soutinho interferiu também na vegetação.*

*(...)*

*Nunca alterei nada que o Soutinho tenha feito. Só que em algumas coisas que se iam degradando e precisava de substituir, por exemplo os azulejos da casa de banho já foram substituídos, mas era sempre com o conhecimento do Soutinho.*

*(...)*

*Estive casado 54 anos de verdadeira felicidade, ela fez parte de toda a casa.*

*Quem ficar com esta casa fica feliz. Foi um prazer conhecê-la. Felicidades.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JOÃO PINTO DE SOUSA

(26 de julho 2019, na casa Pinto de Sousa em Ofir)

*Não se assuste com os cães todos, atiram-me por cima da rede até alguns e eles vão ficando por cá.*

(...)

*O meu irmão esteve ligado ao futebol, foi presidente do concelho de abrigarem da Federação Portuguesa de Futebol. Eu estive sempre ligado ao rugby, joguei muitos anos - 45 anos. Fui presidente do CDUP ainda 35 anos, pelo rugby.*

(...)

*A história desta casa começa comigo em 1974, era casado, e resolvi com mais dois casais amigos alugarmos uma casa ali em frente à Bonança, que era do Dr.º João Reis. Tínhamos uma casa que era pré-fabricada e restauramos toda. Alugamos essa casa durante 6 anos, ao fim desse tempo o senhorio, que era advogado no Porto, disse que precisava da casa e nós tivemos que sair. E depois andei à procura de casas já feitas, com o senhor Vieira, que era um construtor aqui da zona. Vi aqui este terreno que tinham duas casas pré-fabricadas, dois hexágonos, iguais aqueles que ainda existem aqui à beira. Eu restaurei também essas casas, como só vinha ao fim de semana servia perfeitamente. Eu tinha duas filhas, na altura ela tinha 5 anos uma e a outra 10 ou 12. E entretanto um amigo que jogávamos rugby, era sobrinho do Alcino Soutinho. E o Soutinho na altura estava a fazer a Câmara de Matosinhos - estava ainda em construção. Entretanto o meu sogro era antiquário no Porto e falava muito no Soutinho que era cliente dele. Falei com esse meu amigo, para falar com o tio, “precisava de fazer um anexo porque às vezes tinha casais que vinham para aqui”. Mas depois em vez do anexo surgiu o projeto duma casa. Ele veio aqui, tratávamos sempre por Sr. Doutor Pinto de Sousa e eu Sr. Arquiteto, muito cerimoniosamente. E a certa altura durante seis meses não me ligou, não me disse mais nada. E um dia telefona me e diz-me assim “Sr Doutor Pinto de Sousa já tenho aqui o seu projeto feito, até com uma maquete”. E tinha uma casa só dum piso, virado a sul, mas que ocupava o dobro do espaço desta esta. E eu disse-lhe que não queria aquele projeto, e ele ficou... nunca ninguém lhe devia ter dito que não queria (gargalhadas). Daí surgiu este projeto com dois pisos, a partir daí almoçamos todas as semanas. A mulher, a Laura, era de Fão, tinha ali uma*

*casa da mãe ao pé dos bombeiros, uma numa esquina. E começamos a almoçar sempre - até era na Rita Figueira (restaurante típico da zona de Fão). E eu só lhe disse assim: queria uma sala com fogão de sala, a sala de jantar com um fogão de sala e queria um fogão de sala no hall dos quartos. Depois queria quatro quartos, queria uma suite, três casas de banho. Queria um quarto em baixo para a empregada se tivesse que a trazer. Nessa altura as miúdas eram pequenas e às vezes trazia uma empregada. E queria uma varanda. A piscina foi ele que a desenhou mas só no ano a seguir à casa estar pronta. No segundo projeto ele tinha sempre um cuidado de me perguntar, ele teria receio a partir daquela situação com o primeiro. Mas depois dei-lhe carta branca.*

(...)

*As cores cor-de-rosa e o verde foram ele que escolheu, fez aqui várias tentativas e escolheu. Eu tenho mantido sempre com a mesma cor, com a mesma referência. Mas na cor ele disse que queria um ocre, podia ter sido esta ou um amarelado.*

(...)

*A casa foi projetada com o chão em soalho. Mas quando caiu a ponte de Entre-os-rios, o rio entrou aqui meio metro, e tive que mudar o chão. Em dias de grande trovoada eu também sofria aqui com o retorno das águas. A casa está um bocado baixa. O rio está mesmo aqui em frente, o rio subia e entrava por esta rua encharcava-me o rés-do-chão. O seguro à terceira vez não assumi mais. Chamei um amigo meu que já tinha feito as mármores dos fogões de sala e da cozinha, chamei a Andrea, o Soutinho já tinha morrido. Eu tenho que pôr mármore mas queria que tu desses a tua opinião, disse eu à Andrea. E ela veio cá, juntei-os todos, até veio com a Laura. Ficamos amigos, eu convidado. A partir daí todos os anos os convidada, ao Alcino, à Laura e às filhas e os maridos. O terreno tem na sua base areia. O arquiteto chegou à conclusão que a casa tinha ficado baixo de mais e ele subiu-a meio metro, mas mesmo assim ainda devia ter subido mais.*

(...)

*Depois ele ligava-me a dizer olha a varanda que era para o rio afinal fica virada para outro lado, porque o seu quarto que era para ficar virado para o rio também fica para o outro lado. Entretanto arranjei um empreiteiro aqui da beira, era ali em Palmeira, na estrada para Barcelos, era um tipo muito sério. A casa é toda em betão e depois têm uma parede de tijolo a seguir à parede de betão e entre a parede de betão e a parede de tijolo têm placas poliuretano rígido, e ele ainda mandou encher os buracos dos tijolos*

*todos com areia. E portanto esta casa nunca é quente nos dias de muito calor, e também nunca é muito fria. Os fogões de sala só ligo este e o da sala de jantar, o lá de cima (hall dos quartos) se o liguei duas vezes estes anos todos foi muito.*

*(...)*

*Era uma casa para vir para aqui com as minhas filhas e a minha mulher, depois separei-me. Tinha uma fábrica que trabalhava ali no Mindelo e portanto decidi vir morar para aqui. Do Porto para o Mindelo ou daqui para o Mindelo, até aqui é mais rápido porque tem menos movimento da entrada e saída do Porto. E vim para aqui sozinho à 20 anos.*

*Arranji o empreiteiro e tinha especialista de várias coisas na fábrica, e tudo o que é de madeiras foi o carpinteiro da minha fábrica. Tinha um carpinteiro para fazer embalagens, ele era até mais marceneiro que carpinteiro, foi ele que fez as portadas e tudo o que é madeiras. Depois tinha um serralheiro que me fez... todas as dobradiças foram feitas por encomenda, são todas em latão, não tem nenhuma peça de ferro, portanto nada disto enferruja. A casa têm trinta anos e veja como está impecável. O electricista também foi da minha fábrica. Era uma fábrica de borrachas Fapobol, na nacional, no Mindelo, era uma fábrica grande com quinhentos funcionários. E portanto tinha esse pessoal e em conjunto com o empreiteiro fizemos a casa. Houve coisas que tive que pedir fora, como o soalho, os rufos todos em cobre foi a companhia Asturiana de Minas que fez o telhado. O orçamento que me deu o empreiteiro foi de sete mil contos, são trinta e cinco mil euros, sem carpinteiro, sem eletricidade, só parte de pedreiro, pichelaria e o assentamento das mármores na cozinha e nas casas de banho. A piscina foi um indivíduo do Porto, um especialista, o António Ramalho, em frente à igreja do Lordelo.*

*(...)*

*Tenho um forno lá fora, uma garagem, uma casota para os cães, que eu já queria. Só tinha um cão. Foi o único cão que alguma vez que comprei na vida, toda esta matilha foi-me aparecendo aqui.*

*(...)*

*Os candeeiros são dele, os puxadores também, os tapetes, os sofás, móveis, mesas, a cozinha, cadeiras. Também trouxemos mobília do Porto como arcas. Os móveis dele estão todos assinados.*

*(...)*

*Três fogões de sala e a cozinha dá um total de quatro chaminés, estão todas alinhadas. Fomos vendo as plantas, e acompanhávamos. As madeiras é tudo carvalho francês. Até fui ao Museu de Amarante, de Amadeu de Souza Cardoso, ele foi lá fazer a recuperação e eu fui lá ver o soalho.*

*(...)*

*Toda a água do telhado sai-me por aqui, por esta caleira e quando está a chover torrencialmente isto é uma cascata. Não tem tubos de queda em lado nenhum.*

*O terreno tem na sua base areia. O arquiteto chegou à conclusão que a casa tinha ficado baixo de mais e ele subiu-a meio metro, mas mesmo assim ainda devia ter subido mais.*

*(...)*

*A casa demorou quatro anos a construir-se, porque eu fazia as coisas com tempo. Primeiro porque tinha que pagar (gargalhadas) e fui sempre melhorando e porque depois o arquiteto dizia assim, isto ficava bem e eu dizia então ponha. Ele tinha um arquiteto que trabalhava com ele que era excelente, um rapaz novo, vinha muitas vezes com ele - Luís Cabral. Ei dei-lhe a liberdade toda, só lhe disse o número de quartos e depois as sugestões que ele dava eu gostava.*

*(...)*

*O Soutinho mandava fazer os móveis a uma fábrica que era a Fago em Gondomar.*

*(...)*

*O teto é forrado a madeira e acompanha o desenho da cobertura invertida. Esse móvel foi ele que desenhou, e um carpinteiro meu fez, em pau rosa, isso é maciço. A última vez que ele cá veio jantar já viu o móvel feito.*

*Foi tudo feito com muita qualidade, e então ainda funciona tudo, algumas coisas sem manutenção outras com mais alguma manutenção.*

*(...)*

*Aqui em casa ninguém consegue dormir até tarde, porque assim que começa a abrir o sol mesmo com as portadas fechadas, a partir daquele óculo lá em cima o quarto é iluminado. Os quartos nunca são completamente escuros, só em lua nova. Eu deixo o óculo aberto à noite, só fecho as portadas e quando estou na cama consigo ver a lua.*

*(...)*

*Eu morava no FOCO, no Porto, de outro arquiteto - o Agostinho Ricca, ainda o conheci, outro arquiteto que chegou a vir aqui a casa algumas vezes foi o Pádua*

*Ramos. Eu era amigo do Fernando Távora, que tinha a casa dele aqui à frente, aqui muito perto.*

*Pode voltar quando quiser. Tenho muito gosto em mostrar a minha casa, vêm sempre cá muitos interessadas pela arquitetura.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM JOAQUIM MATIAS

(8 de agosto 2019, na casa do Barreiro)

*Quando comprei este terreno, ele já tinha um projeto e um amigo meu disse-me assim: “Nem parece teu, aceites o que já está imposto por outros. Devias chamar tu um arquiteto e fazer um projeto à tua medida”. O José Júlio, do Porto, pai da Bea, comentei com ele que precisava dum arquiteto e ele apresentou-me ao Alcino Soutinho.*

*(...)*

*E assim começou a nossa relação, pedi-lhe o que queria para a casa. Tenho duas filhas e pedi-lhe um quarto para cada uma delas e um para o casal. Depois queria um escritório, e deixei o arquiteto criar à sua medida.*

*(...)*

*Não me recordo bem de algumas coisas, mas sei que no primeiro projeto havia uma proposta com grandes vidraças, e ainda houve uma segunda proposta, mais parecida com o que existe hoje, que a grande “evolução” tinha sido tirar a garagem da casa.*

*(...)*

*O terreno é irregular, ou seja, na parte da frente tem cerca de 8 metros de largura e acompanha essa largura por todo o lote. No entanto, no logradouro existe uma diferença de um metro. Ou seja, a profundidade do lote medida pela parede de limite do lado direito imagine que são cinco metros e do lado esquerdo são só quatro metros.*

*(...)*

*Eu tenho umas herdades no Alentejo, que me foram deixadas por familiares, e agora que estou reformado passo mais tempo lá. A casa do Barreiro era a casa que usava no meu dia-a-dia. No entanto agora não tem tanto uso como gostaria.*

*Obrigada, tenho todo o gosto em mostrar-lhe a casa com mais detalhe e contar mais situações que me vá recordando.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM CARLOS VIDAL

(2 de agosto 2019, na casa de Albergaria-a-Velha)

*A caixilharia foi uma brutalidade em dinheiro, foi o Soutinho que a desenhou, são todas com vidro triplo. Ele inicialmente queria vidro duplo, mas eu tinha um amigo meu que tinha uma fábrica de vidros e ele pôs o laminado por fora, têm dois, caixa de ar e depois têm outro por dentro. Obriga a uma manutenção grande a casa. Isto é uma brutalidade, na altura o que eu gastei aqui em madeiras dava para comprar um apartamento (gargalhadas).*

(...)

*Havia aqui um presidente da Câmara, que era o doutor Rui Marques do CDS. Ele tinha comprado uma casa ali em cima, que é uma zona chamada Campinho com uma área muito grande de terreno e envolvente, uma casa antiga, apalaçada e ele começou a restaurar essa casa e foi o Soutinho que começou a restauração.*

*Entretanto comprei este terreno que é dum tio-avô meu. É muito grande este loteamento, tem oito lotes. Este aqui têm 1250 metros quadrados. Comprei isto em (19)85 e dei por este terreno quatro mil e quatrocentos contos, era muito dinheiro. A casa é de 90 mas só foi concluída em 99.*

*E então o Rui Marques, ele era meu amigo eu falei com ele e disse-me “vou-te apresentar um arquiteto e gostava que tu fizesses a casa com ele, é um arquiteto muito bom e eu precisava de começar a ter casas arrojadas em Albergaria”. E nós fomos falar com o Soutinho, fomos lá ao Porto, estava ainda na zona nova, ele estava na rua que vai dar à Constituição do lado esquerdo. Nós fomos falar com ele, e lá lhe demos o programa, o quê que queríamos. Era uma casa de primeira habitação, cinco quartos, cinco casas de banho, piscina...*

(...)

*Têm aqui um jardim interior quando se entra, onde as divisões se desdobram em volta deste jardim. Tudo feito por construtores locais. Isto aqui (o jardim interior) é o sítio de brincadeira do meu neto, ele adora este sítio.*

*O chão é todo em madeira em tábuas corridas. O sol desgasta as madeiras. Isto aqui é um escritório, repare neste móvel que faz uma separação e serve de apoio ao escritório,*

*foi ele que fez o desenho. Ainda tenho aí os desenhos e ainda esquisos que ele fez para explicar aos proprietários.*

*Esta casa tem um problema muito grande é a falta de arrumos. A casa para ser construída no terreno teve de ser toda desaterrada, e criou aqui um falso e podia ter aproveitado para fazer um compartimento nessa zona que foi aterrada depois e resolvia-se a falta de arrumação. É que o arquiteto desenha mas depois nós que vamos habitar temos outras necessidades.*

*Este quarto de baixo, serve para quando alguém tem um problema de mobilidade e não consegue ir para o andar de cima. E a casa de banho que dá serventia à parte de baixo. Repare que tudo têm portadas interiores, é uma segurança. Já na altura enveredei por comprar materiais bons, as peças sanitárias são todas Rocca. Ali é a cozinha. Aqui é um corredor que dá acesso a três salas. Esta sala usamos todos os dias, a outra é mais quando vem visitas, mas no fundo não é uma sala muito usada. A casa à frente têm pouca abertura, atrás está toda rasgada.*

*Lá atrás tenho um forno de lenha e a casa da piscina com balneário. Uma pérgula a toda a volta.*

*(...)*

*Aquele muro (de vedação da propriedade) caiu, houve um ano em que choveu muito e existia uma linha de água, isto aqui eram um campos com silvas e dum momento para o outro choveu muito e as linhas de água aparecem. Os vizinhos não tinham muros e o meu muro fez de barragem, aquilo foi até à tensão de rotura. A piscina desapareceu, apareceu-me água no piso de baixo. A qualidade dos materiais revelou-se nesse momento, porque mesmo inundado o piso de baixo o chão de madeira ficou impecável.*

*(...)*

*Aqui tem uma sala, uma sala de jantar. Esta escada aqui é bonita, mas tira aqui um espaço nas salas, se ficasse uma sala ampla era outra coisa. Para festas é aqui que subimos e descemos. Quando vimos o projeto final da casa a minha mulher disse: “aqui esta escada senhor arquiteto não gosto muito”. Ele também queria por umas colunas redondas nas salas, e ainda me cortava mais as salas. A ideia quando eu lhe falei é que eu queria uma sala de jantar com portas de correr mas que me desse continuidade para outra sala, imagine que tinha aqui um jantar grande abria as portas e tinha outra sala para poder aumentar-me. É interessante este pormenor da escada porque eu lembro-me*

*que o arquiteto disse “isso é como as senhoras que usam aqui um apêndice, um penduricalho num casaco” (gargalhadas).*

(...)

*As portadas abertas ou fechadas criam dois ambientes diferentes, nem parece a mesma casa.*

(...)

*Não comemos na cozinha, a cozinha é para cozinhar não é para comer, o Soutinho queria que assim fosse. Estes móveis da cozinha foram todas desenhadas por ele criando um plano de fora a fora. Tem bastante luz a casa toda. Os móveis são todos de origem. Eles dizem que isto é um “implúvio”. Tem este interior árabe. Vinha sempre a Andrea aqui e outro arquiteto que também lá estava no escritório, parece-me que foi o João Cabral, tinha assim o cabelo grande, seria da mesma idade da Andrea. Quando houve este problema do muro o Soutinho veio logo ver o que aconteceu.*

(...)

*Lembro-me de termos ido ver outras casas que o Soutinho fez, por exemplo a de Matosinhos.*

(...)

*Esta casa era para ser branca, o arquiteto foi a um congresso em Itália, e tinha, inicialmente a ideias de pintar de branco. Entretanto acho que fez a apresentação em Itália da nossa casa e perguntaram-lhe a cor, e ele falou em branco e houve críticas ao branco e disseram para ele não a pintar de branco, que a casa ficava com outro ser completamente diferente. Nem imagino esta casa pintada de branco.*

(...)

*Se soubesse quando ela foi construída, foi na altura do Saddam Hussein, e aqueles problemas que houve no médio oriente, foi muito criticada a casa. Foi polémico, chamaram bunker. Na altura os meus filhos andavam na secundária e mesmo eles eram criticados, chegavam a casa e diziam “oh mãe, a mãe do meu amigo disse, Carlos que casa horrível que vocês estão a fazer.” Depois da nossa começaram já a mudar na rua.*

(...)

*O que foi uma loucura foram os cálculos de engenharia. Ele estava a trabalhar nos prédios da Mota Engil um engenheiro qualquer, ele até estava com receio em nos dizer o preço, foi uma loucura. O comentário que eu fiz ao Soutinho foi “Oh senhor arquiteto*

*ponha a arquitetura de lado e comece a fazer cálculo” e ele disse “tem razão, vou pensar seriamente nisso” (gargalhadas). Em relação à casa, eu acho que tem um trabalho muito meritório e forte. É um contraste.*

*(...)*

*Tem aqui uma parte muito linda, esta escada de lanço único, com este varão aqui de lado enquadrado com estes painéis brancos é espetacular.*

*Obrigado, volte sempre que precisar ou queria visitar a casa, gostámos muito.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM PINA VAZ

(11 de setembro 2019, na casa Pina Vaz em Ofir)

*Eu e a minha mulher vivemos em Braga num apartamento pequeno, então Ofir seria o sítio onde poderíamos convidar amigos, passar uns dias e sair do ambiente onde estávamos sempre inseridos.*

(...)

*A história da casa é engraçada, eu tenho um particular interesse por arquitetos e arquitetura. Um certo dia conheci o Álvaro Siza e pedi-lhe para que me fizesse o projeto da casa, porque queria um arquiteto com nome, que soubesse o que estava a fazer. No entanto o Siza, tinha todo o gosto em fazer a casa mas não tinha disponibilidade profissional nesse momento e disse-me dois nomes de arquitetos que ele tinha a certeza que conseguissem interpretar tão bem o lugar, e respeitar a natureza. Falou do Alcino Soutinho e do Fernando Távora. E assim foi, contactei o Soutinho e ele mostrou-se disponível a fazer o projeto desta casa de férias, acabamos por ficar amigos, ele vinha aqui muitas vezes almoçar, passar o dia, passava muitos sábados cá e rapidamente ficámos amigo e claro da família.*

(...)

*Mais tarde começou a ver-se o projeto já muito próximo do que existe. Nunca me meti muito no processo criativo do arquiteto porque tenho uma ideia muito formal acerca desse tema, o arquiteto é um artista como um pintor, podemos apontar-lhe ideias que queremos, eu queria quatro quartos, três para a família e um para amigos que cá pudessem vir, a partir daí não me impunha no seu processo criativo. Deixava o artista fazer a sua arte.*

(...)

*Era um arquitecto com muito sentido de fazer com conhecimento, mas sente-se que para além do seu lado técnico era um verdadeiro artista, com muita consciência e tinha um gosto muito grande no que fazia.*

(...)

*O Soutinho não desenhou o mobiliário interior, no entanto disse assim não quero que tragam para aqui mobiliário que tenham da vossa primeira casa, e indicou um sítio*

*onde pudessem comprar o mobiliário, é todo do Alvar Aalto e foi escolhido pelo Soutinho em conjunto connosco. Funciona como um todo.*

*(...)*

*Conheci outras obras do Soutinho e também fiquei maravilhado. Por exemplo aquela casa que fica muito perto da minha, a Pinto de Sousa, no meio do pinhal.*

*(...)*

*Ele era muito simpático, tinha uma fisionomia que me fazia lembrar o meu pai e fomos rapidamente ficando amigos.*

*(...)*

*Tínhamos um orçamento muito reduzido e no entanto a casa ultrapassou bastante o orçamento inicial, mas não me arrependo de nada.*

*Obrigado. Há ainda uma coisa que lhe quero dizer para que sinta o apreço e admiração que tinha pelo arquiteto Alcino Soutinho. Não há momento nenhum que esteja na casa a repousar, a conviver e que não agradeça ao Soutinho o que ele fez. Às vezes nos finais de tarde, sento-me no pátio observo com atenção o que ele desenhou e penso a sorte que tenho em ter conhecido um homem e arquiteto como o Soutinho.*

## EXCERTOS DA CONVERSA COM COUTO DOS SANTOS

(4 de agosto 2019, na casa de Afife)

*A ideia inicial era comprar um terreno em Ofir e construir a nossa casa de férias, só que em Ofir os terrenos vazios eram menos do que aqui em Afife e mais caros pela procura de pessoas da zona de Braga, Barcelos e Porto. Então decidi vir mais para Norte e escolhi Afife. Não tenho aqui nenhuma ligação familiar, nem ninguém da minha família a tem.*

(...)

*É a casa de férias, mais usada evidentemente no mês de agosto e algumas vezes esporádicas ao longo do ano.*

(...)

*Andei aqui à procura, havia aqui um senhor que era empreiteiro e conhecia uma senhora daqui a quem comprei o terreno. Este lote onde está a casa, na verdade seriam três lotes, que esse empreiteiro tinha destinado fazer três moradias. Mas acabei por o comprar primeiro e fiz um único lote, para ter muita área de terreno em volta da casa.*

(...)

*A amizade com o Soutinho é já de longa data, conhecemo-nos no Porto e continuámos amigos. Tínhamos alguns amigos em comum e eu fui um privilegiado porque ele me dizia muitas vezes “Só faço casas para amigos”.*

*O Soutinho e a Laura passavam a vida aqui em casa a almoçar, havia alturas que era praticamente todas as semanas. Ou vinham do Porto ou de Ofir, penso eu.*

(...)

*Acompanhei o projeto e depois a obra com ele, íamos sempre discutindo como é que eu percebia as coisas e ele dava-me a sua visão de arquiteto. A cor por exemplo, lembro-me dele me ter falado de outra mas lá chegamos ao consenso e ficou este amarelo que escolhi e ele concordou. Na verdade tudo o que aqui está foi um consenso entre mim e ele, ou quase sempre (gargalhadas). Lembro-me de algumas escolhas dos materiais mais caras que discordava dele. Recordo uma história em relação aos degraus que dão acesso ao balneário, o arquiteto queria que fossem todos em granito peças maciças, e ficavam muito caras e eu lembro-me de lhe ter pedido para colocar outro material, ou*

*em vez de serem peças maciças que fosses apenas placas. O Soutinho não aceitou e eu insistia, até que ele me disse que era assim e se não fosse ele não continuava o projeto (gargalhadas). Eu lá aceitei e ficou muito bem.*

*A Andrea acompanhou sempre o projeto e até foi o marido que fez o projeto do jardim, muito bem estruturado e incorporado no projeto da casa. Recordo-me da extensão dum muro em particular (muro junto às garagens que estabelece a divisão entre a cota da entrada automóvel e o jardim) que a arquitetura tentou incorporar-se com o jardim numa leitura mais fundida.*

*(...)*

*A parte da casa que mais me é especial enquanto obra de arte é uma janela saliente que o Soutinho faz e permite pelo interior criar um espaço que serve para leitura, reflexões ou até mesmo só repouso, onde se têm um contacto muito próximo entre o interior e o exterior. Aliás isso é outra coisa que acontece na casa toda, como é uma casa de férias este contacto era algo que eu queria que existisse e o Soutinho conseguiu-o muito bem. Todos os quartos têm ligação direta ao exterior, à zona da piscina e com a vista do mar e da praia no fundo envolvidos por toda esta floresta. A piscina está colocada neste lado da casa, o lado mais bonito para mim, e quando se está lá dentro dá-nos a sensação que estamos no mar lá no fundo. É muito bonito e trazemos cá sempre muitos amigos que acham o mesmo.*

*(...)*

*A minha exigência nesta casa foi que houvesse um escritório grande. E é de facto grande, têm sessenta metros quadrados e é o espaço de trabalho na casa de férias.*

*(...)*

*A casa é uma reinterpretação da casa minhota, aliás numa revista existe um texto do Soutinho a tentar explicar a sua inspiração para esta casa e explica isso muito bem. Ou seja, existem três espaços nesta casa, que era o que acontecia nas casas típicas minhotas, o primeiro espaço é o espaço das “alfaias” e é onde está a garagem, o quarto da empregada, um pequeno escritório mais isolado; o segundo espaço é a “eira” era uma zona pavimentada com bastante sol e seria onde se colocava o milho; e um terceiro espaço que seria a “casa senhorial”, uma casa mais saliente, onde estavam agregadas todas as funções da casa principal.*

*Volte sempre que precise. A casa é de difícil acesso mas é bem-vinda.*

## **ANEXO IV** FICHAS INDIVIDUAIS DAS CASAS

FICHA INDIVIDUAL | DESENHOS TÉCNICOS | ESQUISSOS | FOTOGRAFIAS



# 1963 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM MATOSINHOS

REQUERENTE      Francelim Soutinho

MORADA          Estrada Exterior da Circunvalação 1348, Senhora da Hora, Matosinhos

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

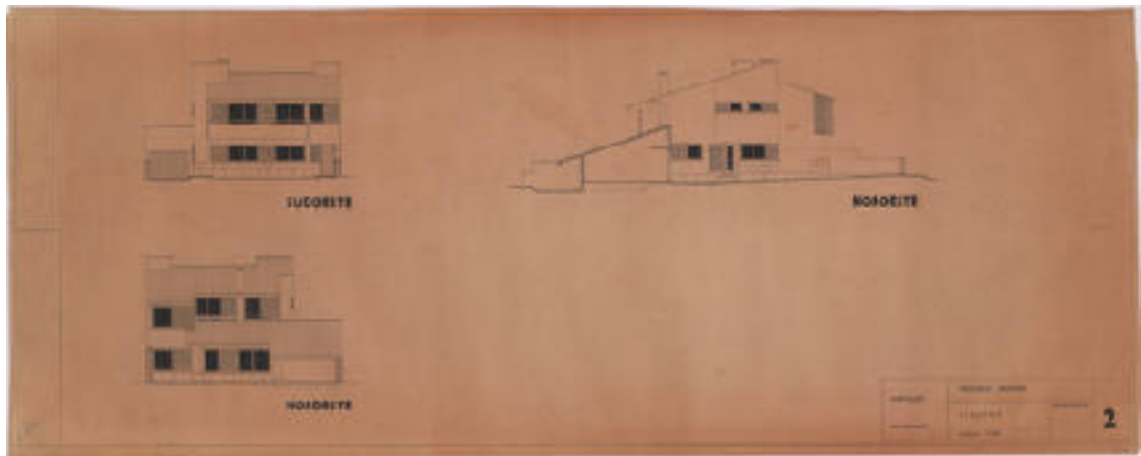
T4

T5

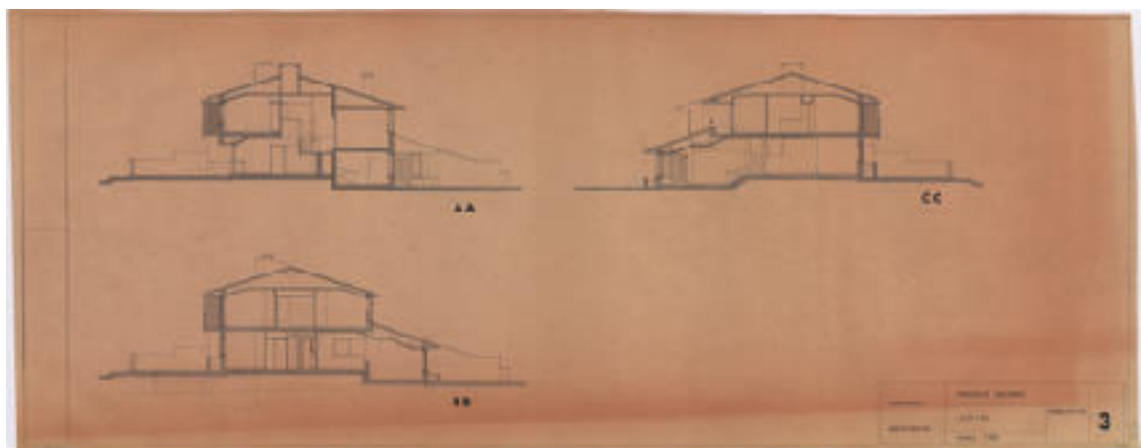
X



## Alçados

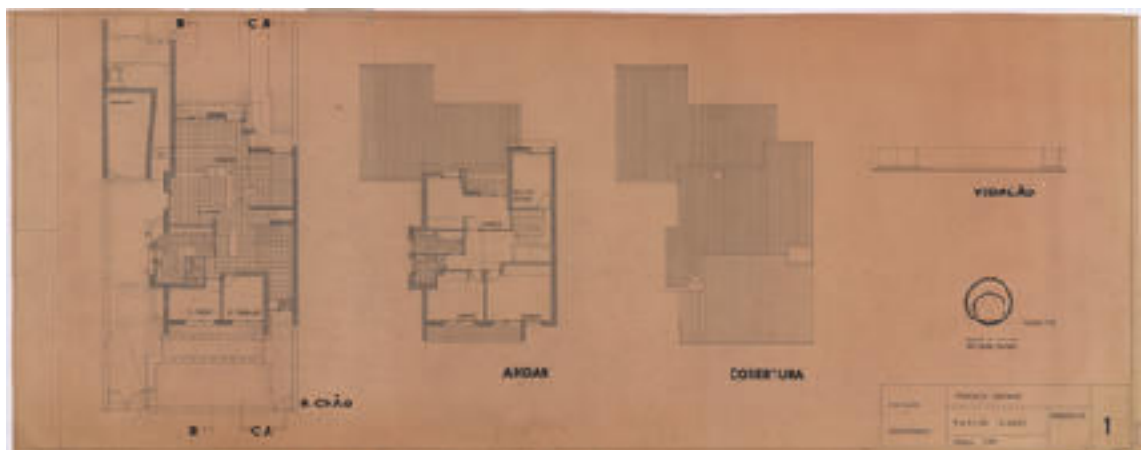


## Cortes



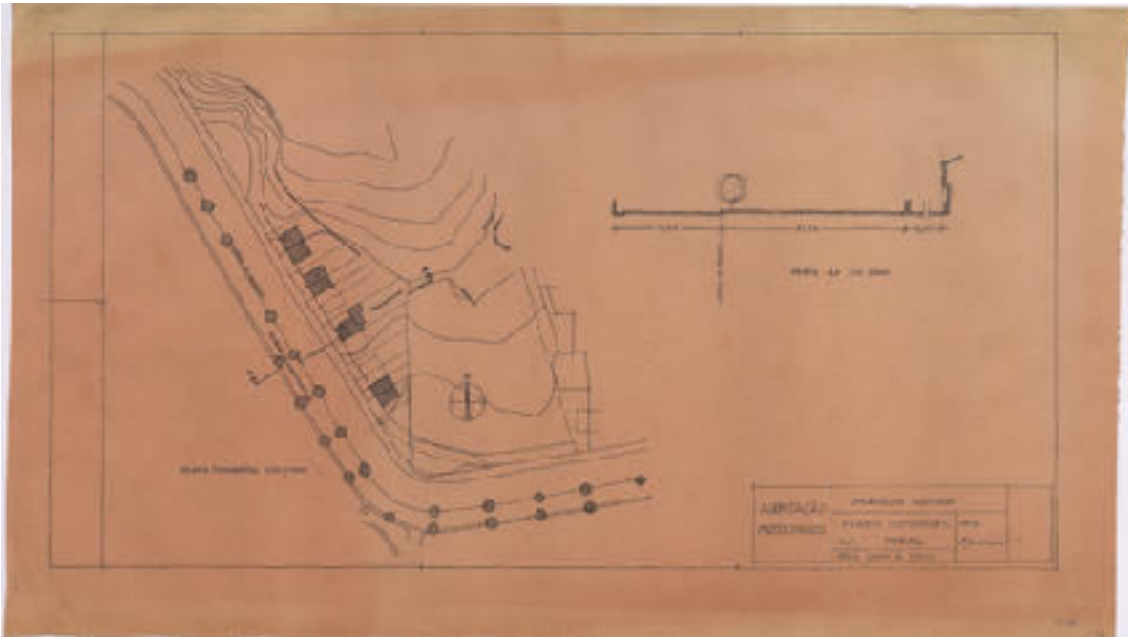
134

## Plantas e alçado da vedação

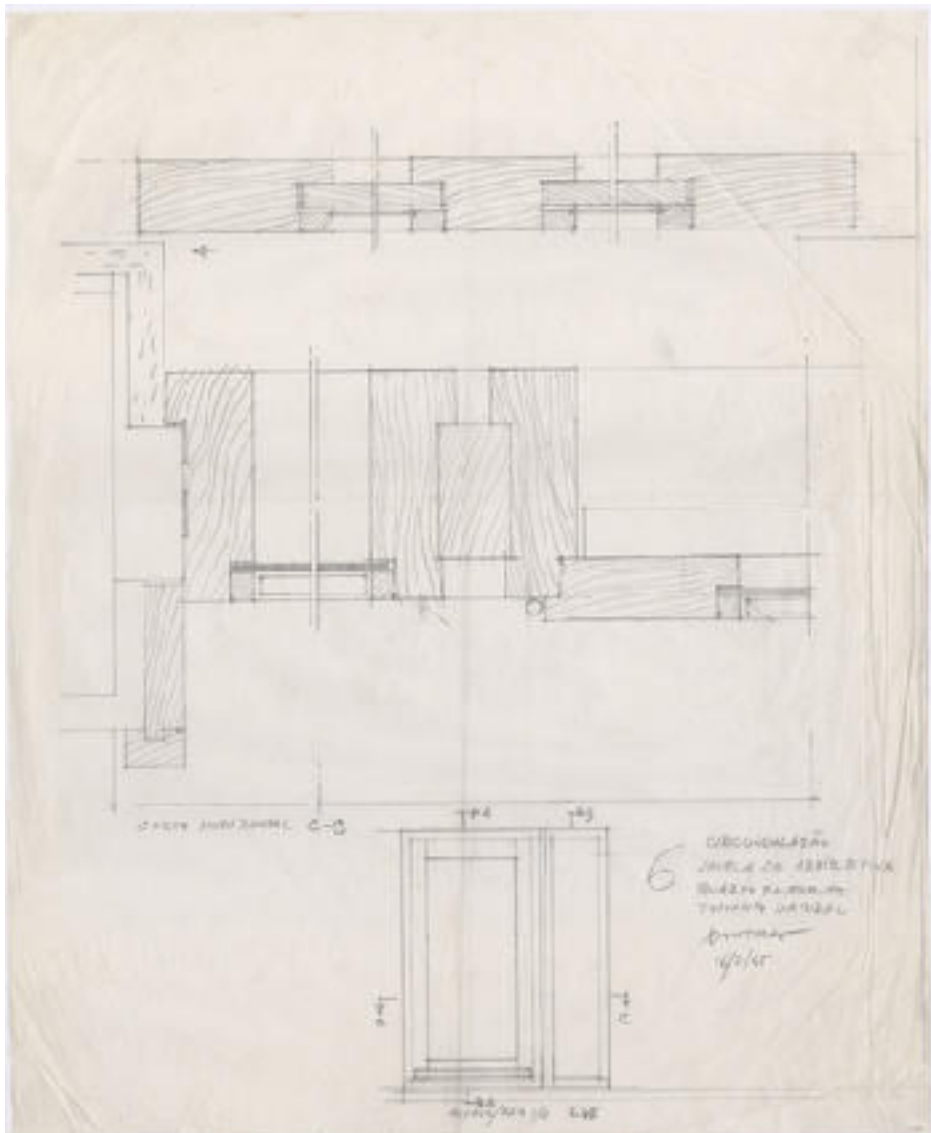


@FIMS\_AS

Planta topográfica e perfil

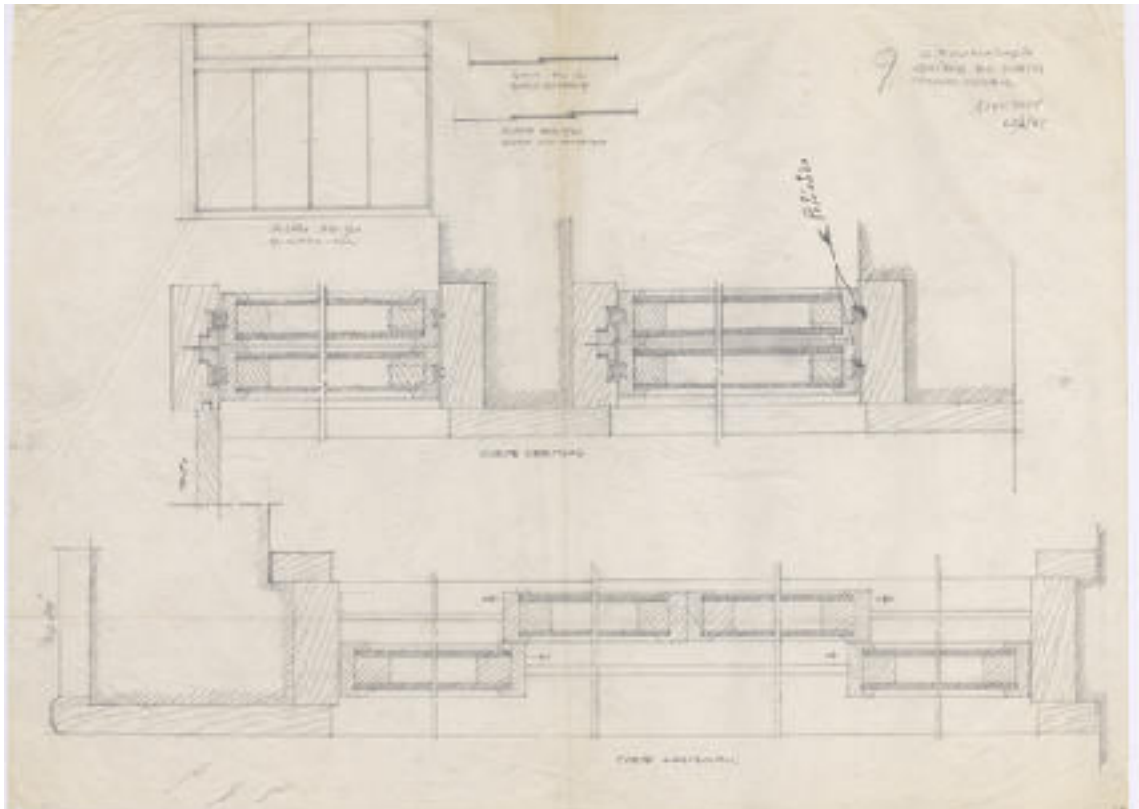


Janela de abrir e fixa - Quarto da frente



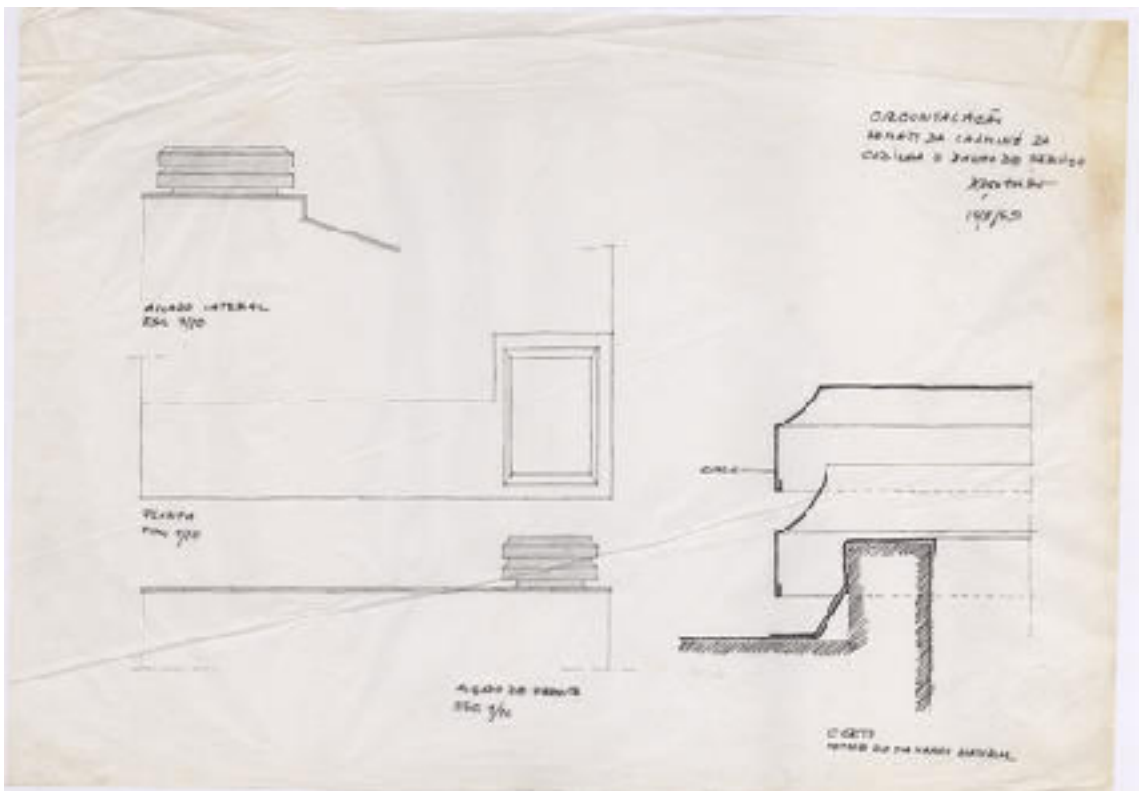
135

Armário dos quartos tamanho natural



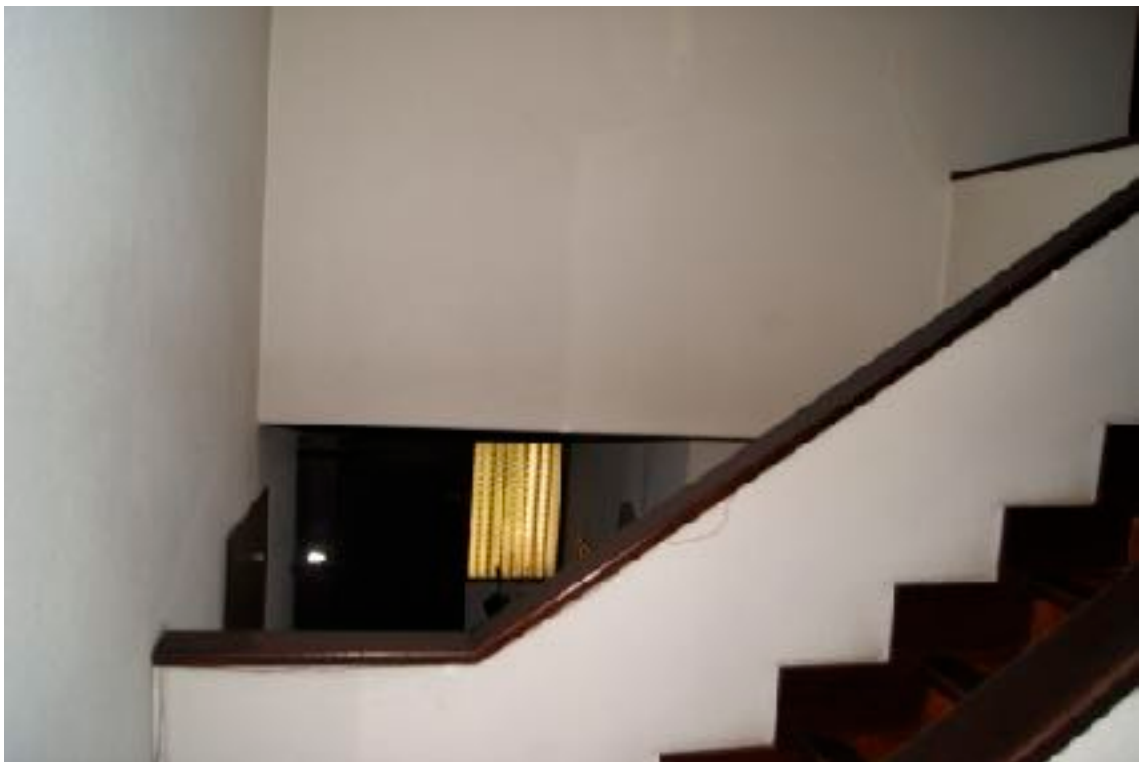
136

Remate da chaminé do fogão de sala



@FIMS\_AS

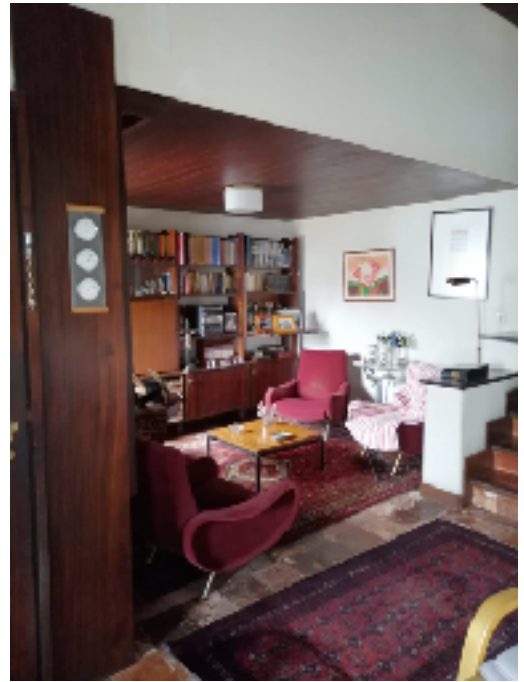




139



@Rita Moreira



140



©Rita Moreira

# 1963 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM PAÇOS DE BRANDÃO

REQUERENTE Américo - Silvina Magalhães e Domingues Magalhães  
MORADA Avenida do Corgo 154, Paços de Brandão, Santa Maria da Feira  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLÓGICA | N.º FOGOS

T2

T3

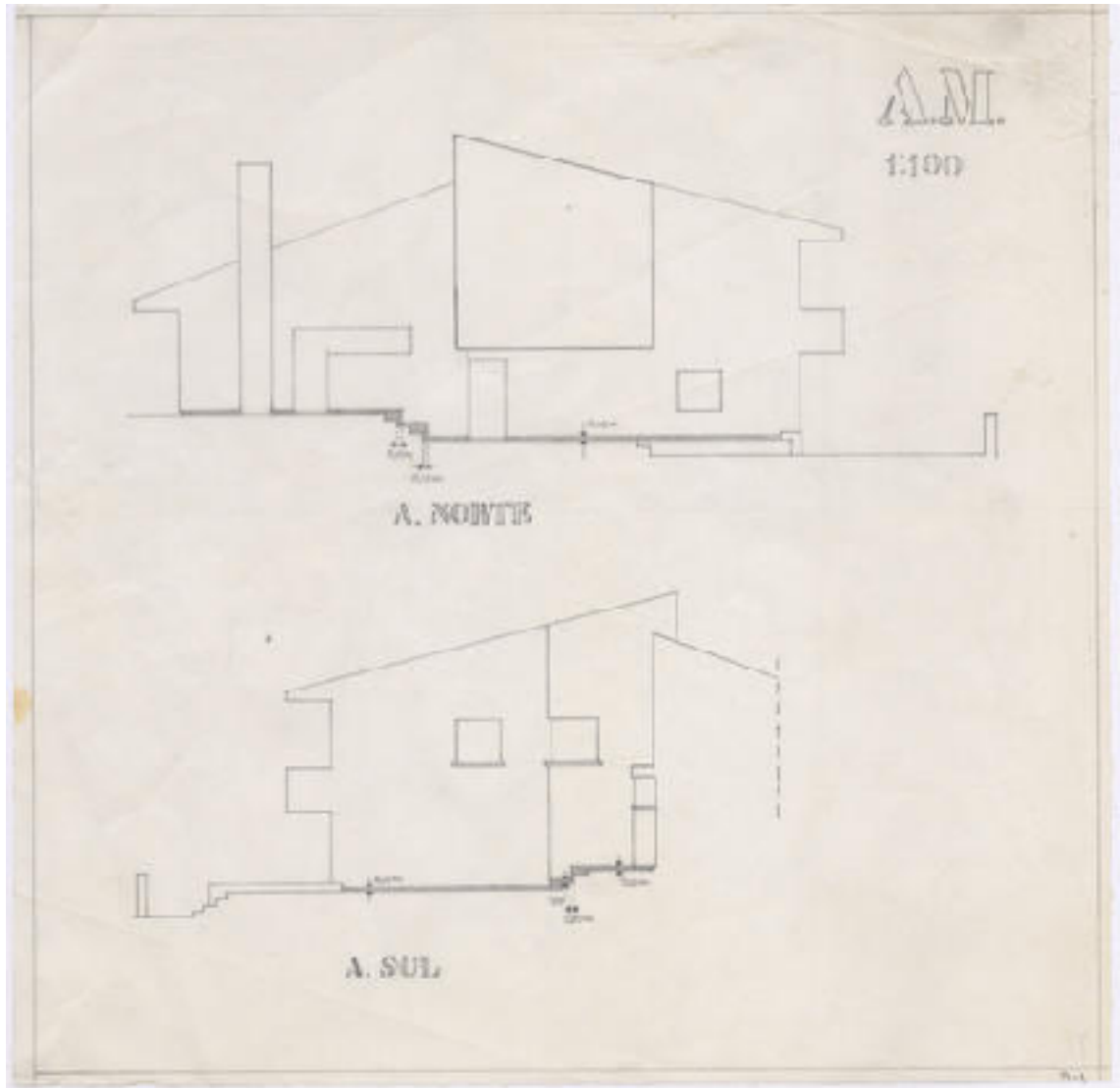
T4

T5

X

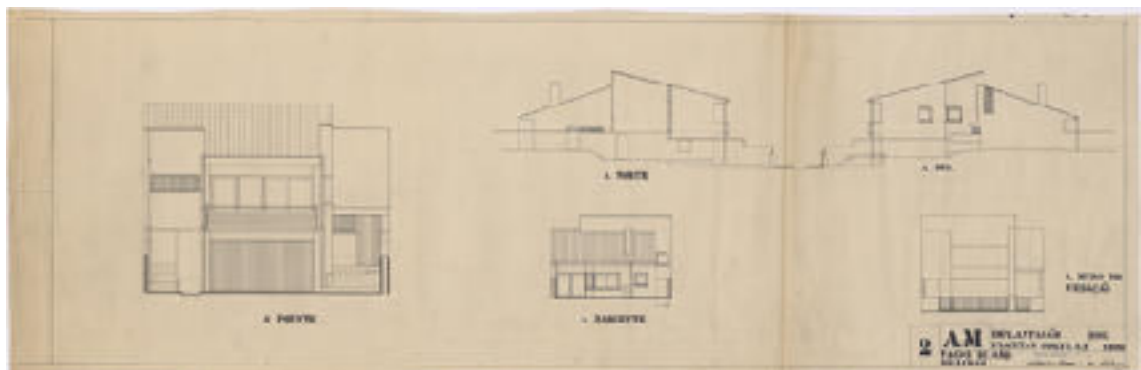


# Alçados



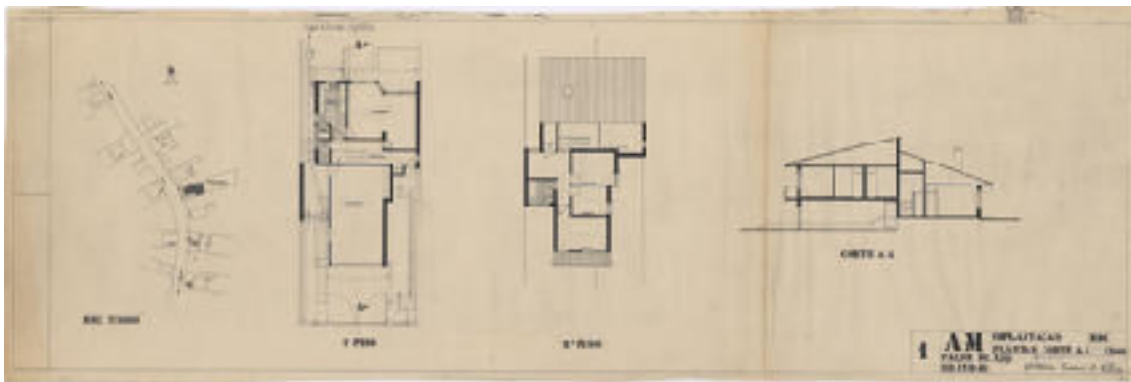
142

# Alçados e Implantação Plantas Corte AA

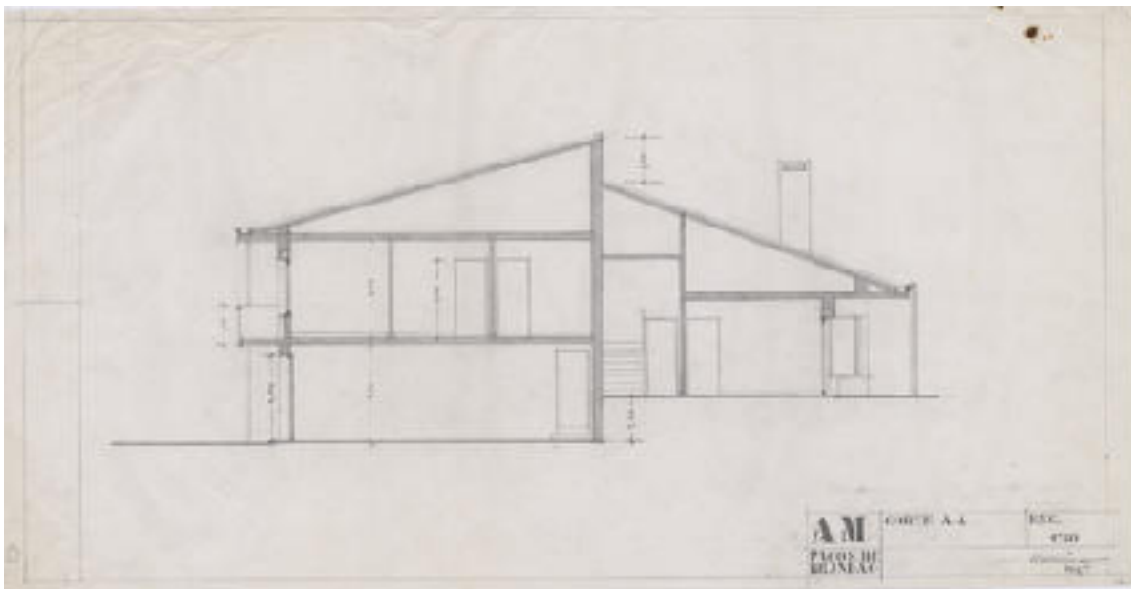


@FIMS\_AS

Implantação Plantas Corte AA



Corte A-A





@Rita Moreira





146



@Rita Moreira





# 1963 - PROJETO DE UMA CASA DE FÉRIAS NA PRAIA SUAVE-MAR

REQUERENTE José Joaquim Ferreira Rodrigues  
MORADA Rua Praia do Suave Mar 3, Esposende

## PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

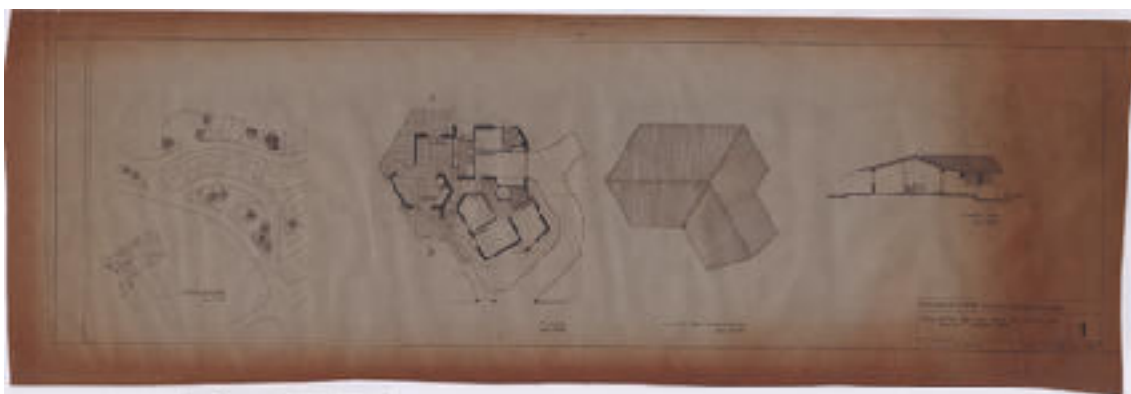
T4

T5

X



Plantas e corte



150

Alçados



@FIMS\_AS





152



@Rita Moreira





# 1964 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM RIO MAIOR

REQUERENTE Francisco Barbosa

MORADA Rua Marquês de Rio Maior 13, Rio Maior

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

T4

T5

X



Não existe processo com desenhos técnicos na Fundação Instituto Marques da Silva.









# 1968 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM VILA NOVA DE GAIA

REQUERENTE José Pinto de Almeida Soutinho

MORADA Rua José Maria Alves 245, Canidelo, Vila Nova de Gaia

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

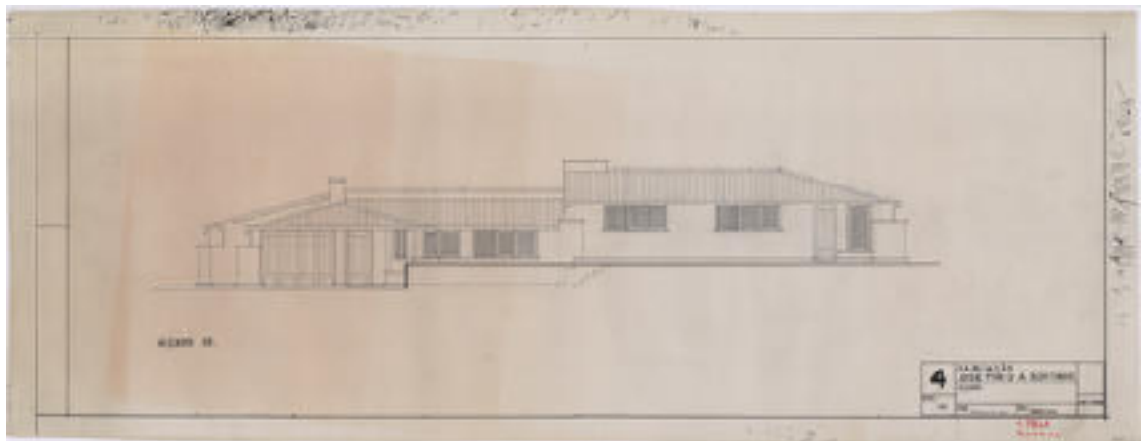
T4

T5

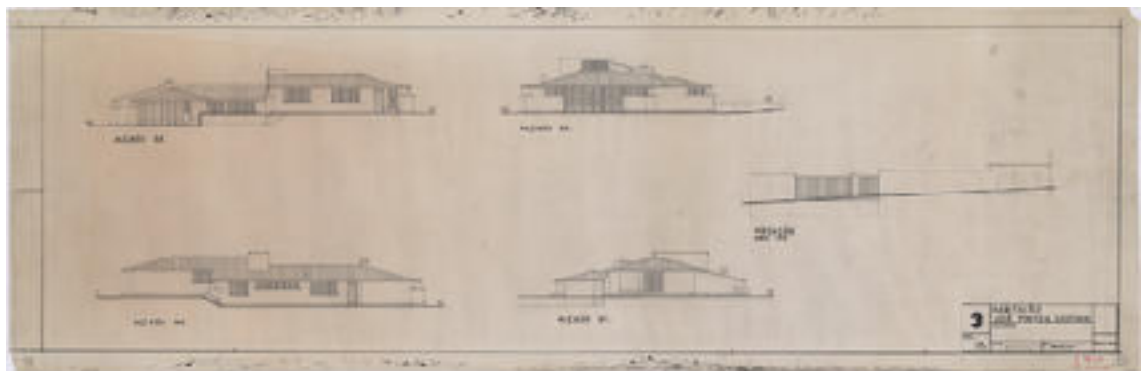
X



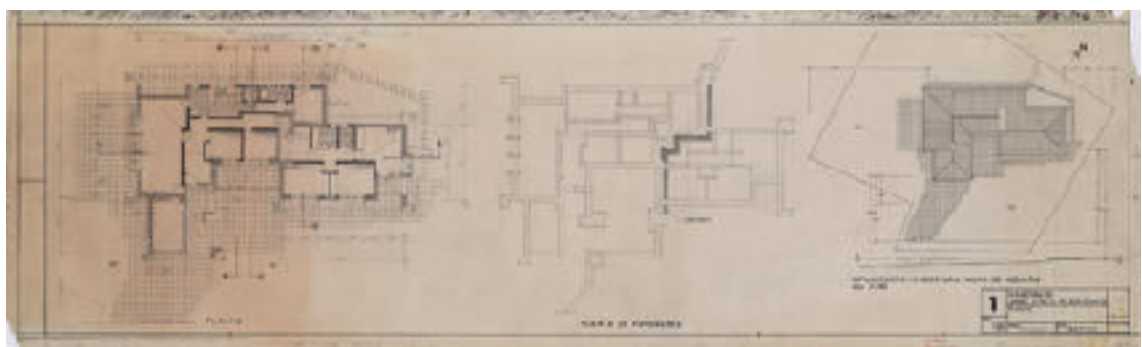
Alçado



Alçados

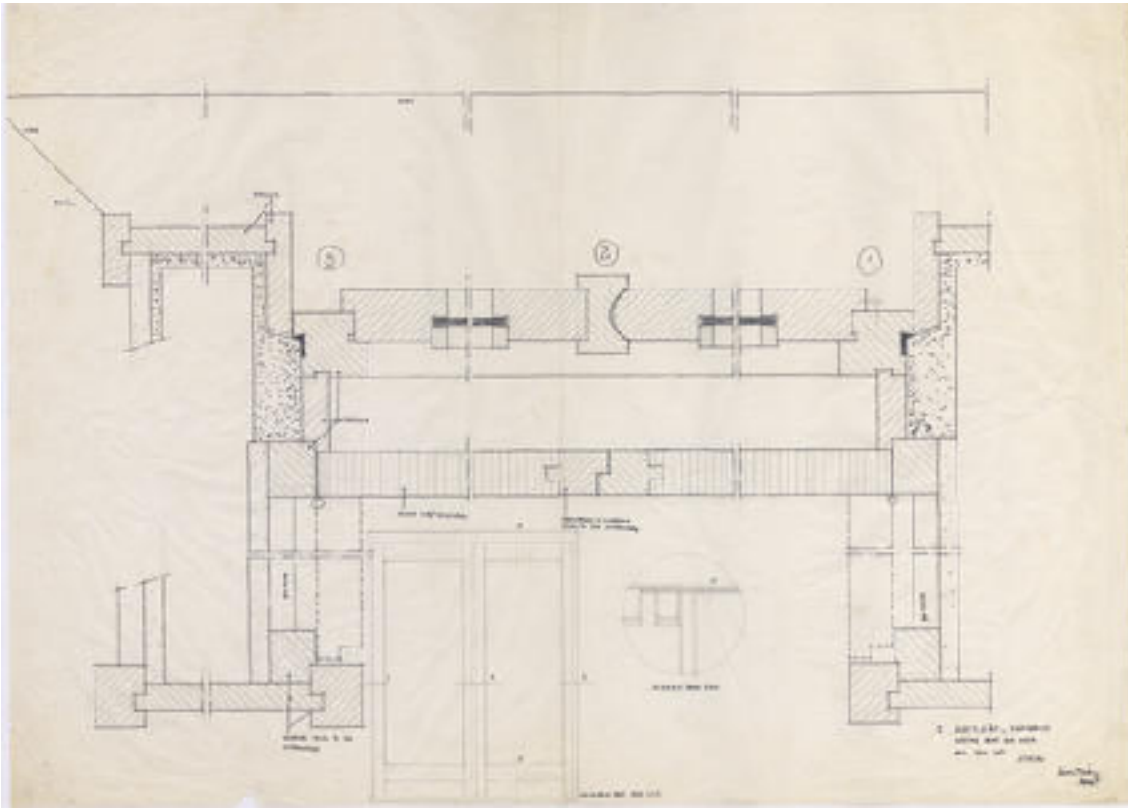


Plantas



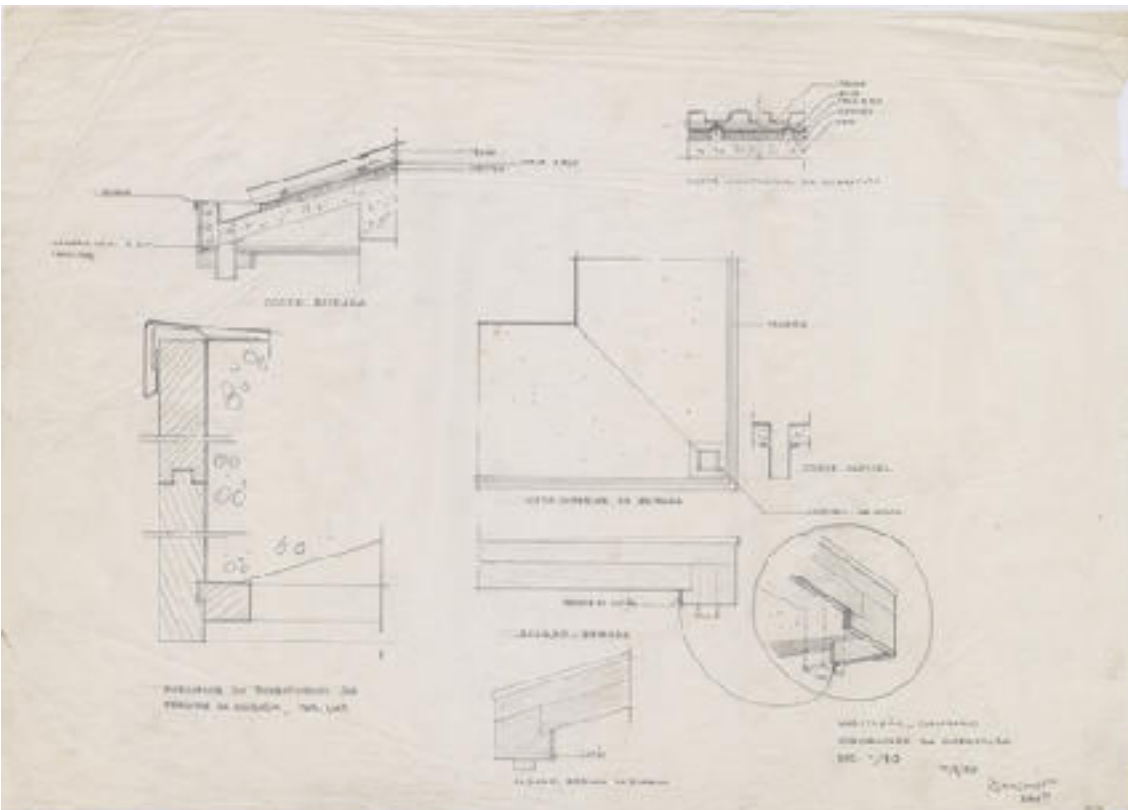
@FIMS\_AS

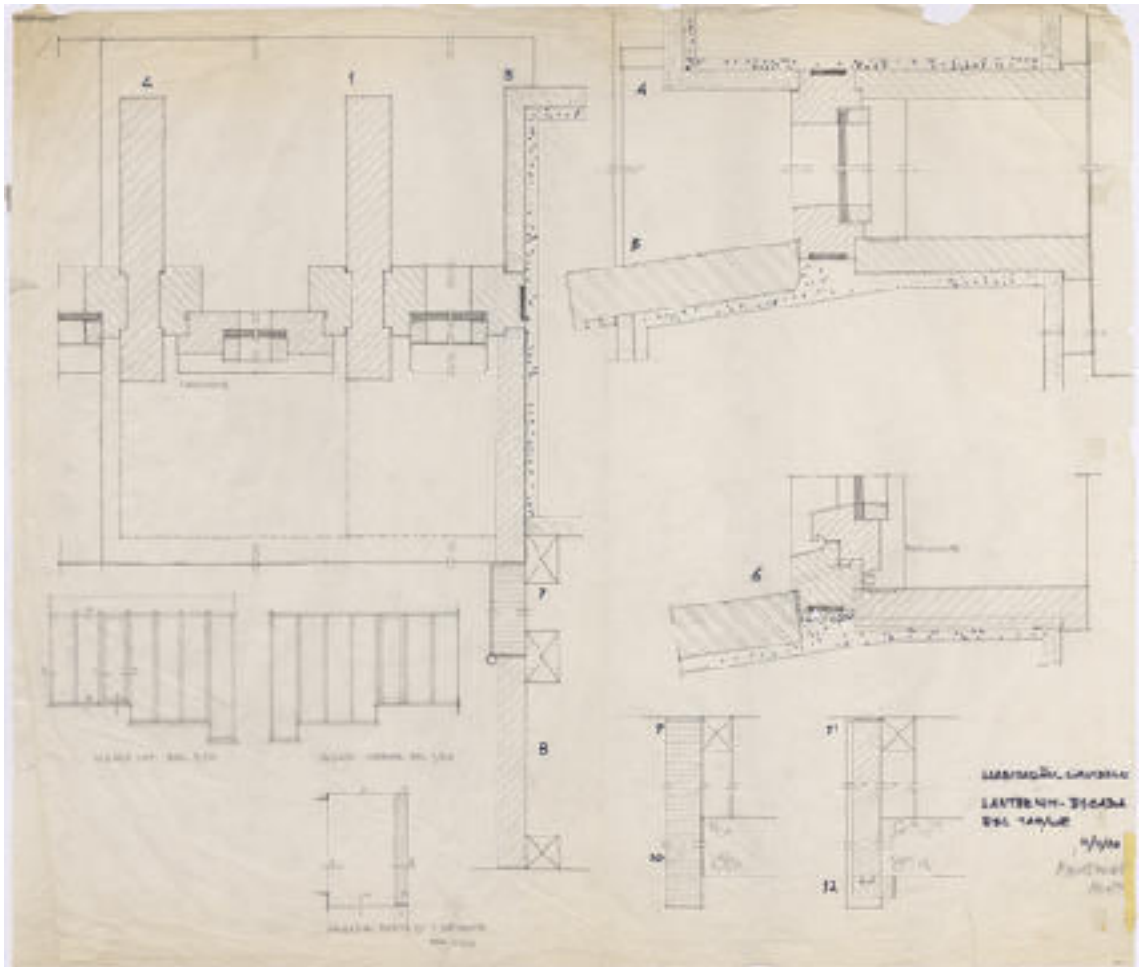
Portas exteriores da sala



163

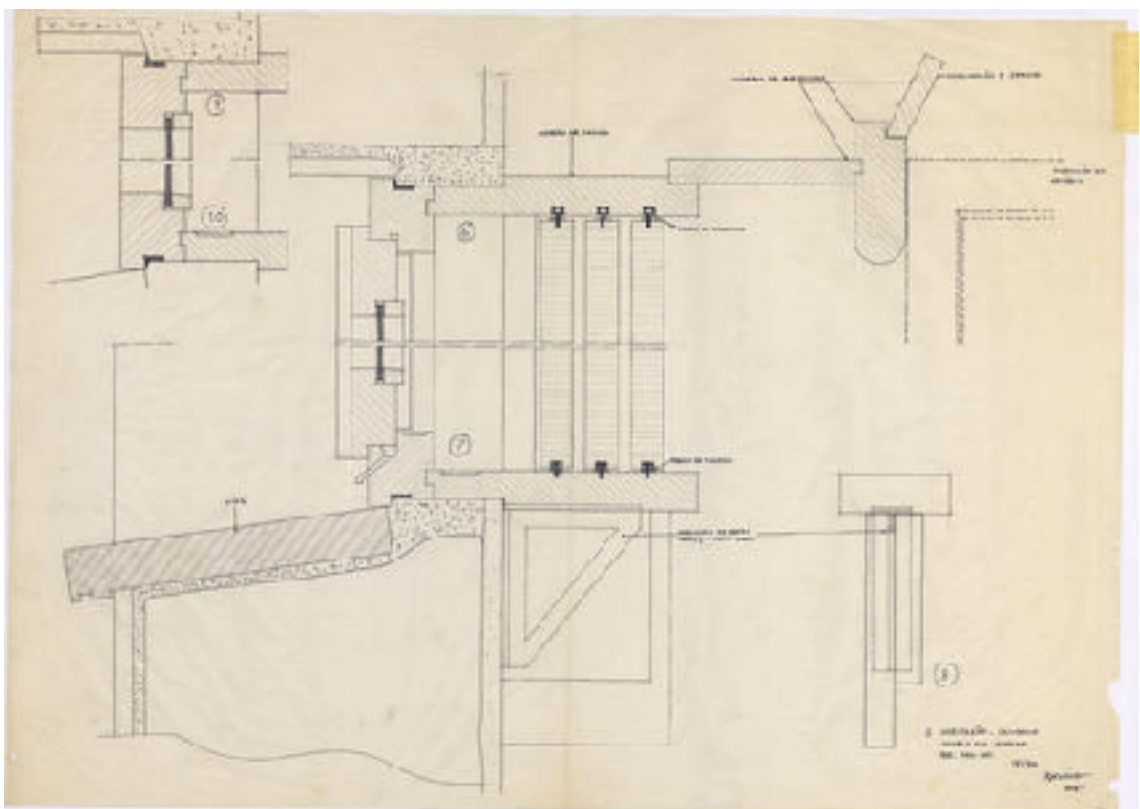
Pormenores da cobertura





164

Lanternim - Escada | Janela dos quartos



@FIMS\_AS





©Rita Moreira





168



@Rita Moreira

# 1980 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR, PORTIMÃO

REQUERENTE Filipe da Glória Grade

MORADA Travessa da Paz 13, Alto do Pacheco, Portimão

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

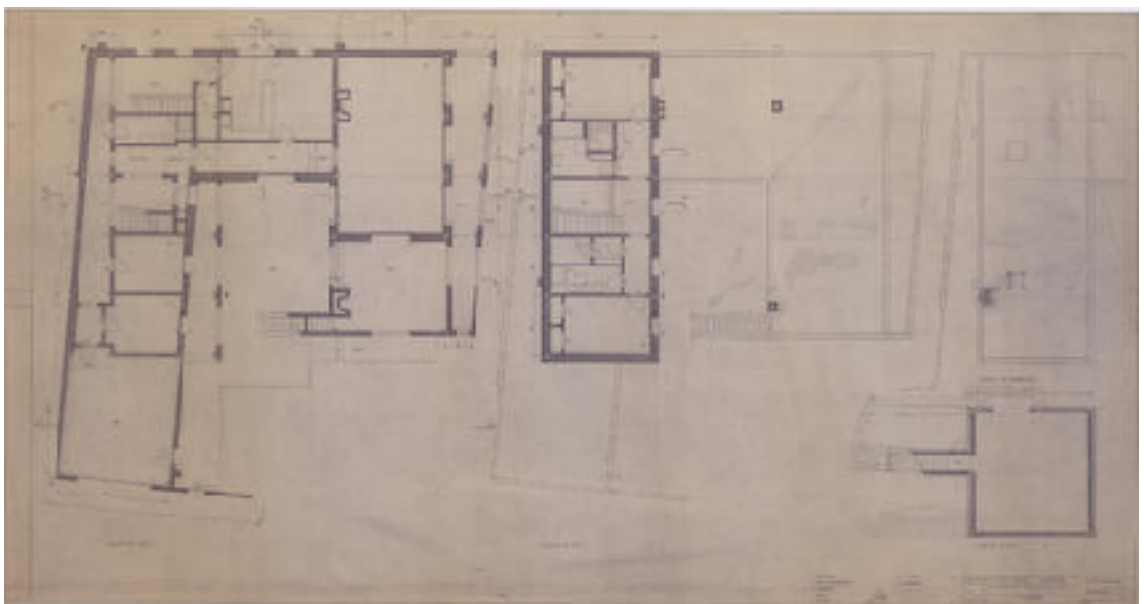
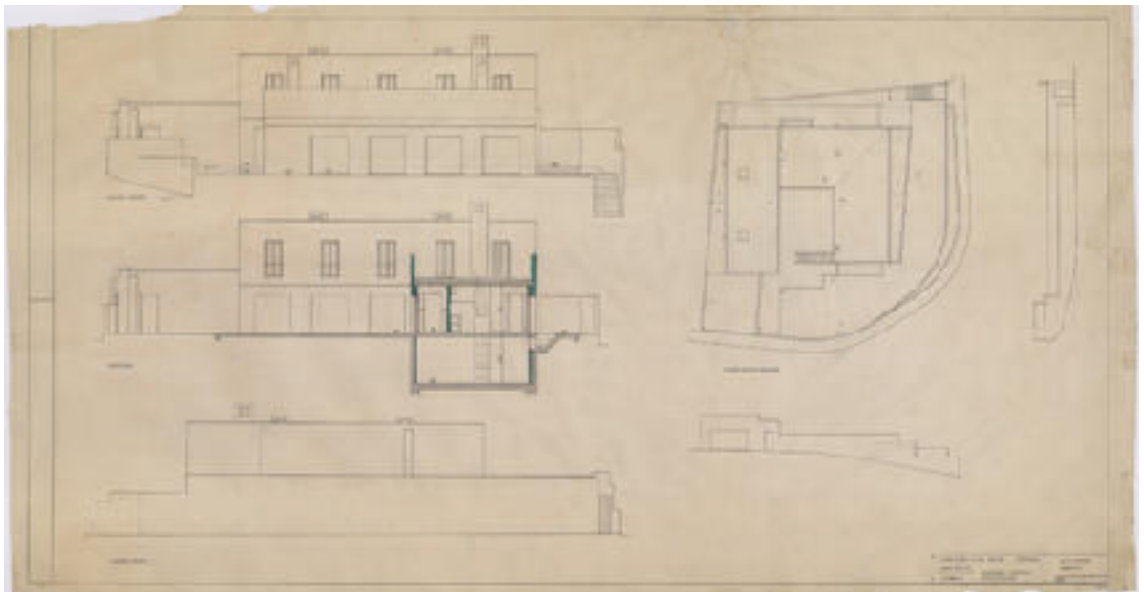
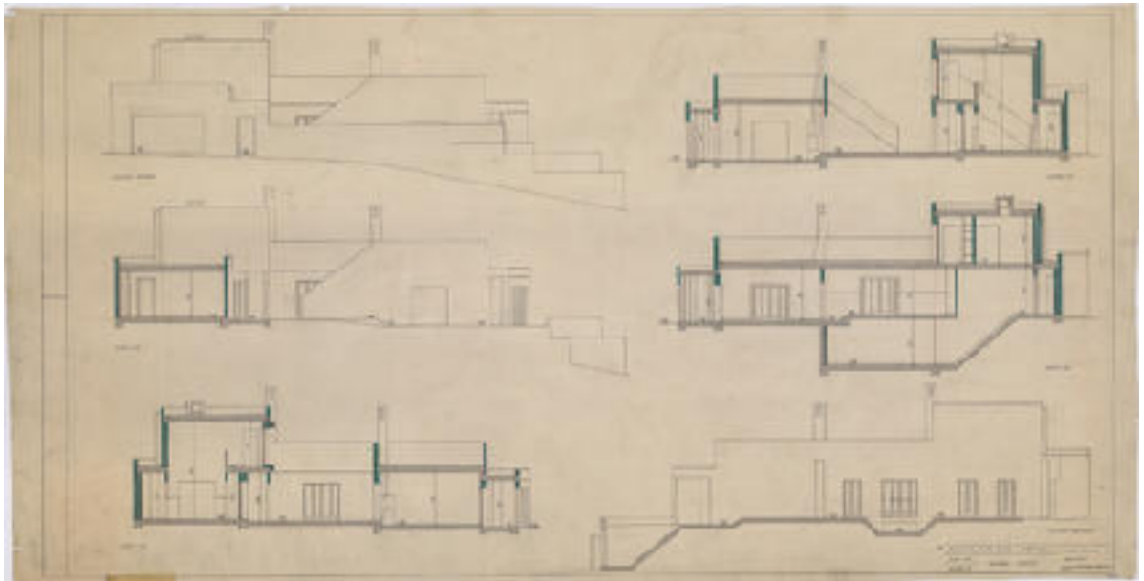
T3

T4

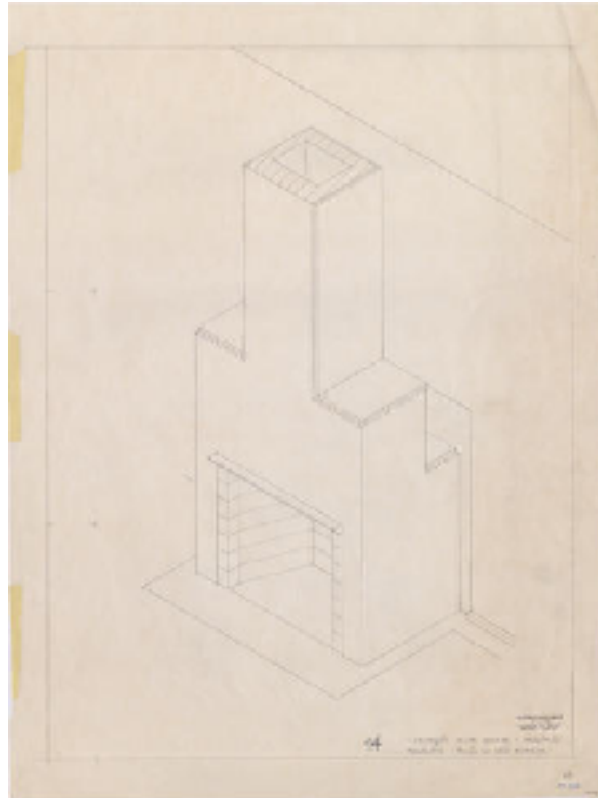
T5

X



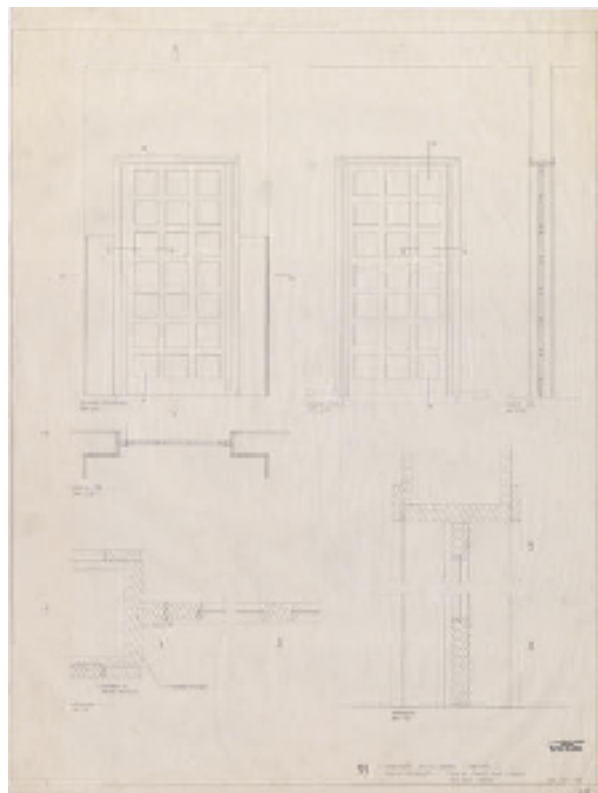


Perspectiva - Fogão de sala interior

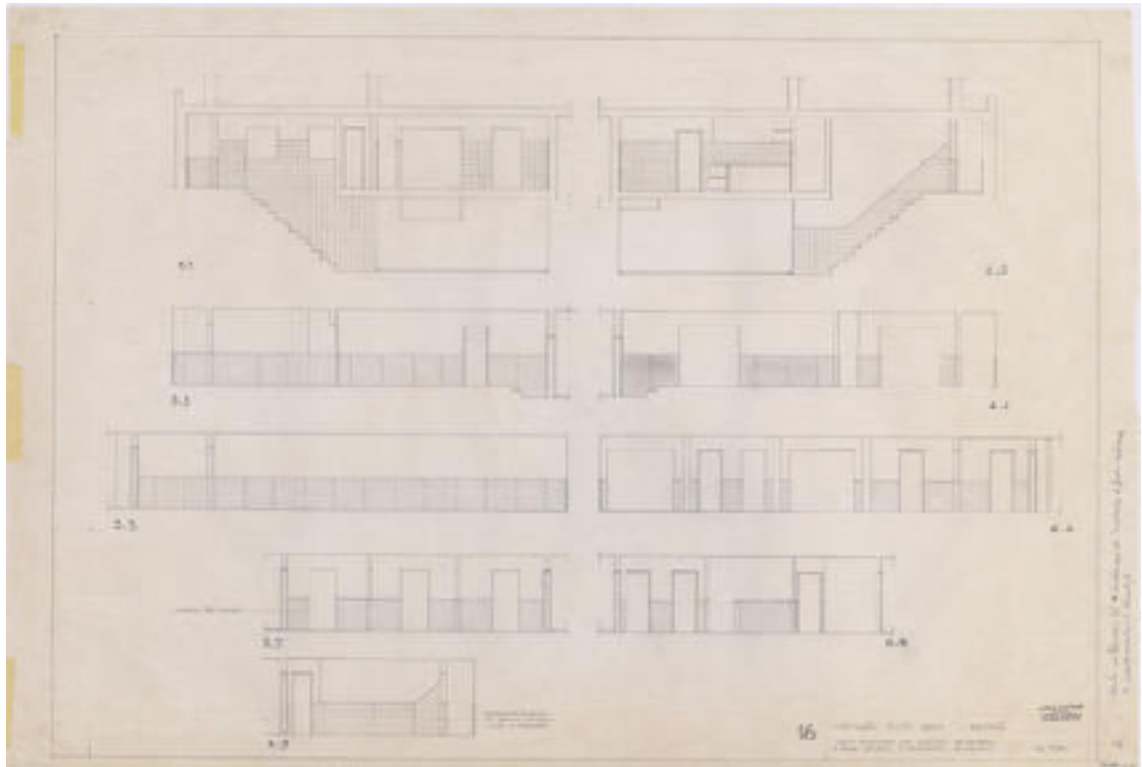


171

Porta de ligação entre o corredor e a sala comum

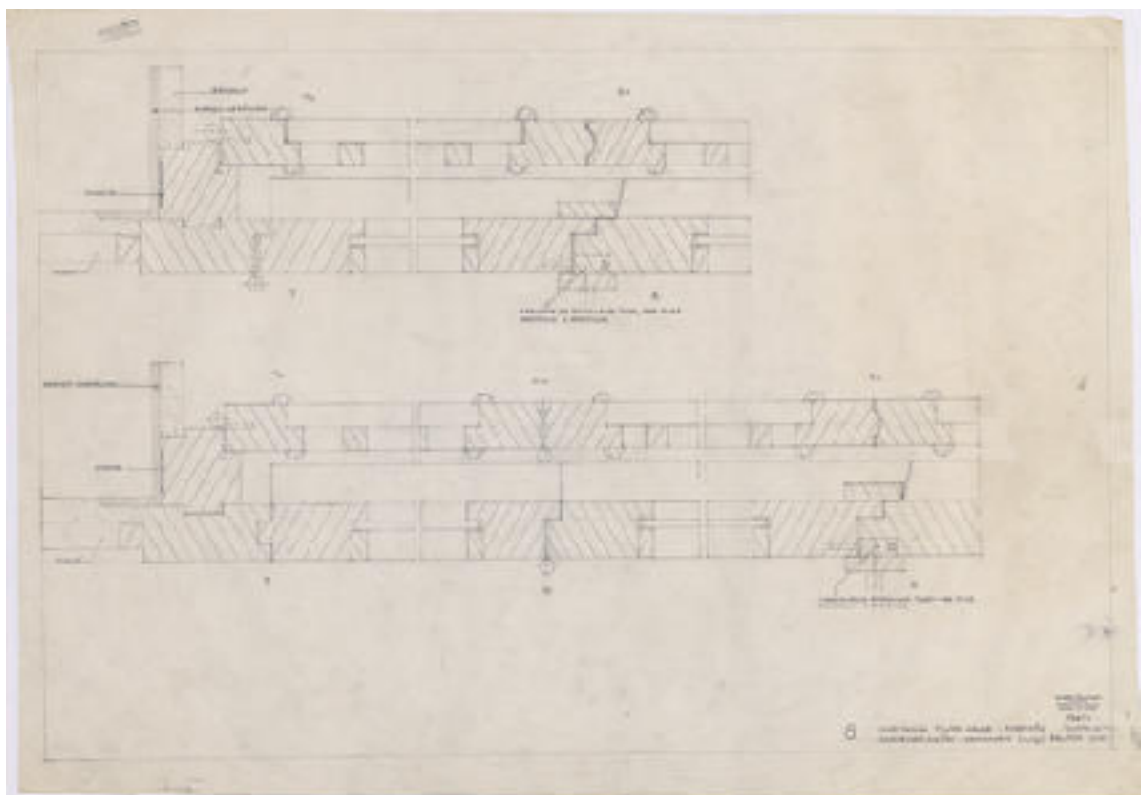


Cortes interiores com indicação de lambrins de pedra calcária e revestimentos de azulejo



172

Pormenorização - Caixilharia (J1, J2)



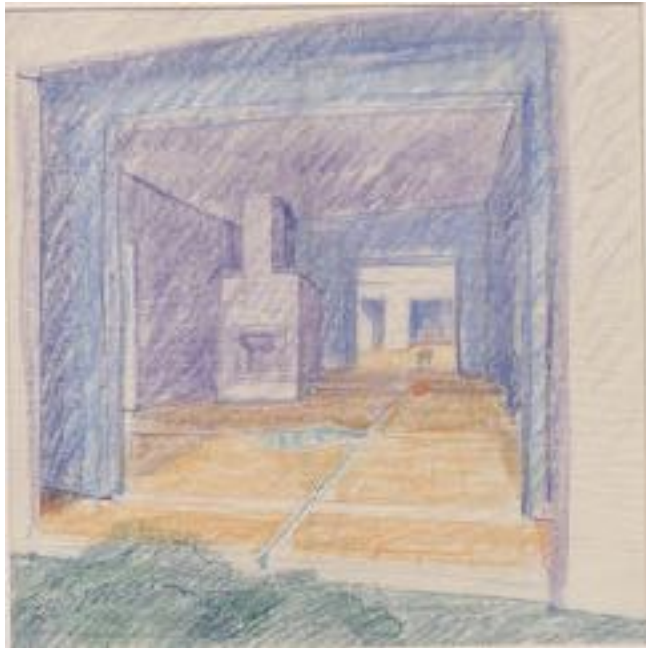
@FIMS\_AS

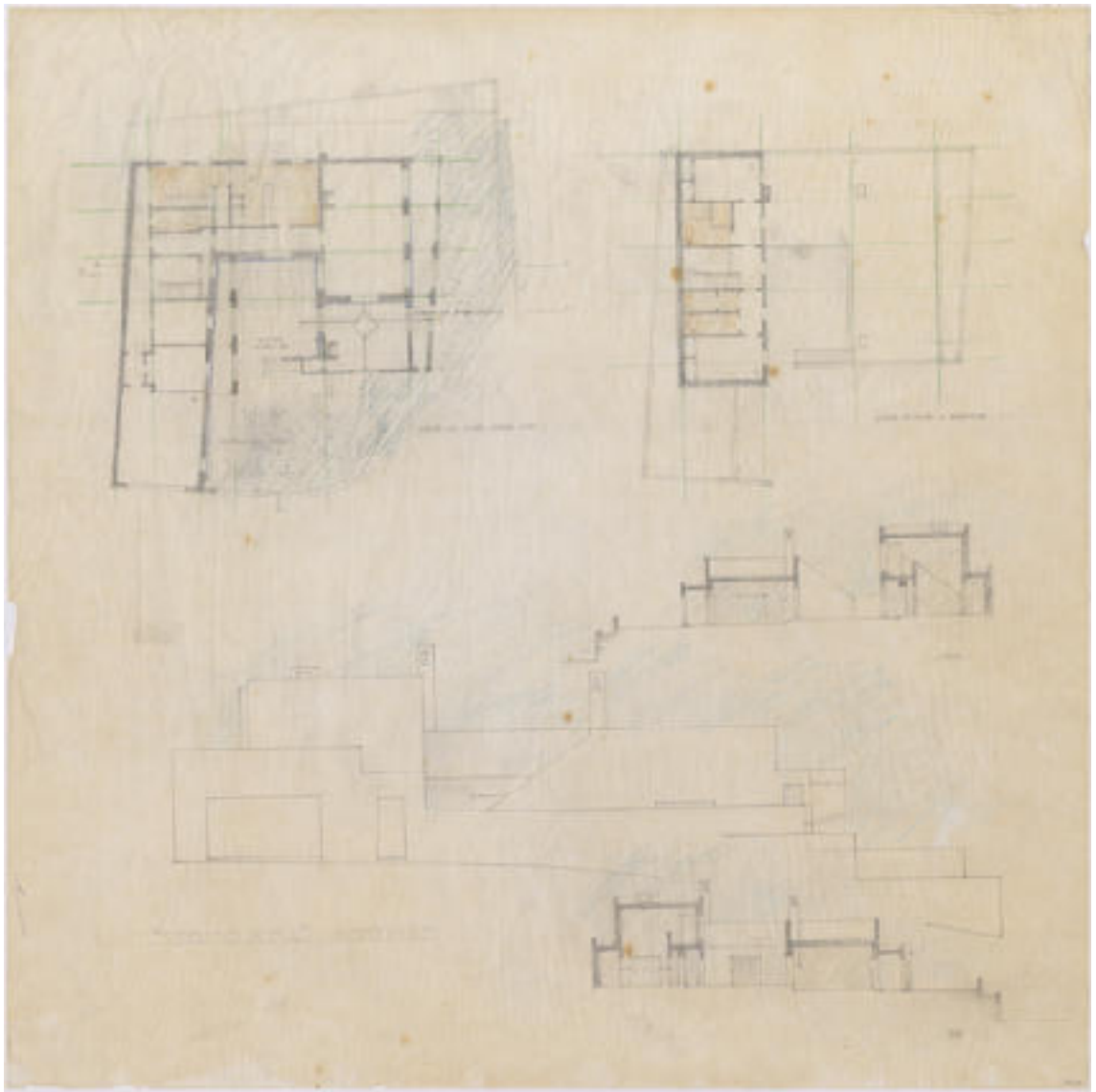
173





@Alcino Soutinho





# 1984 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM OFIR - PINTO DE SOUSA

REQUERENTE João Pedro Gonçalves Pinto de Sousa

MORADA Pinhal de Ofir 794 Ofir, Esposende

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

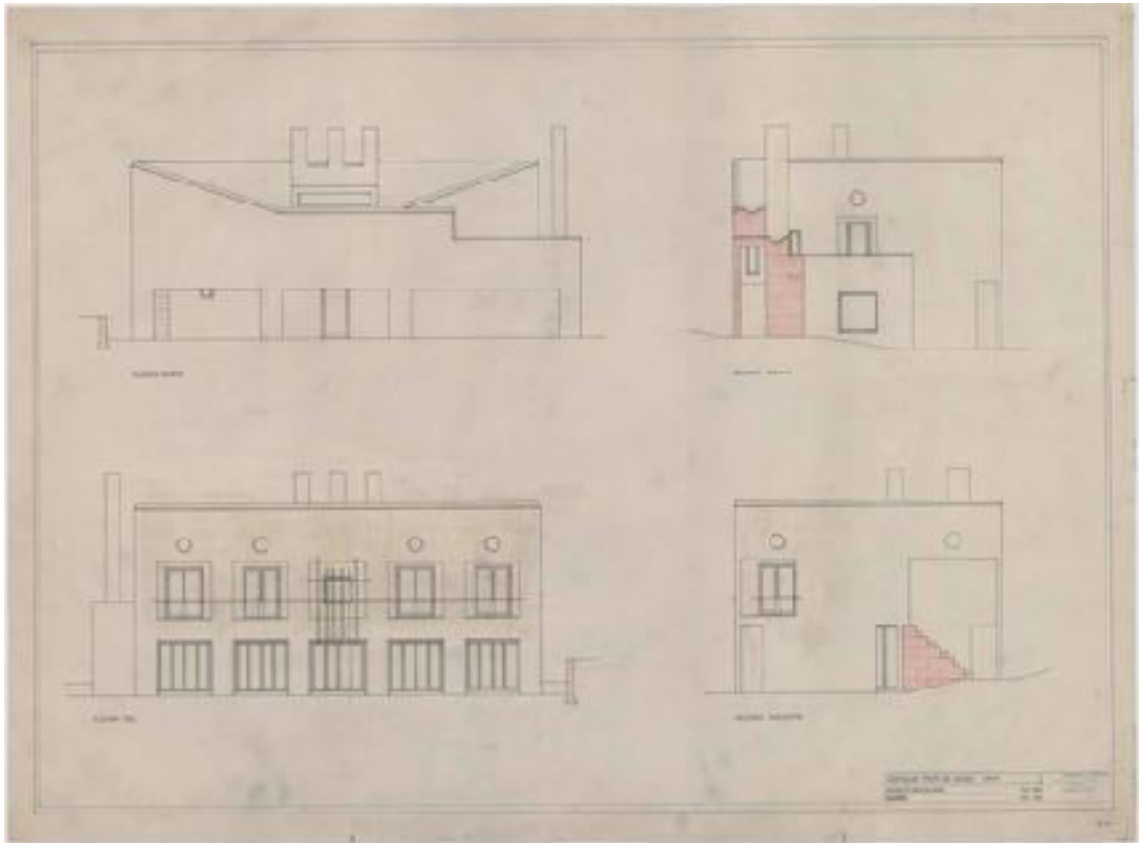
T4

T5

X

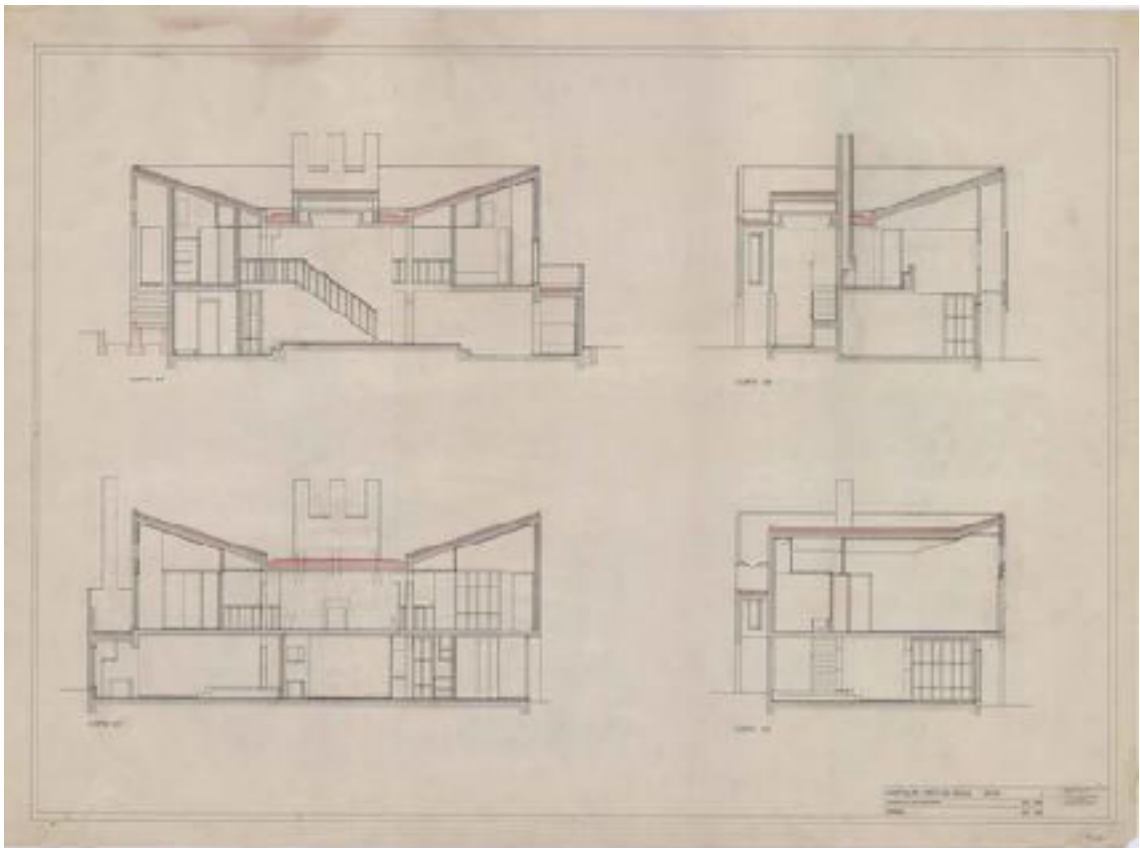


Alçados



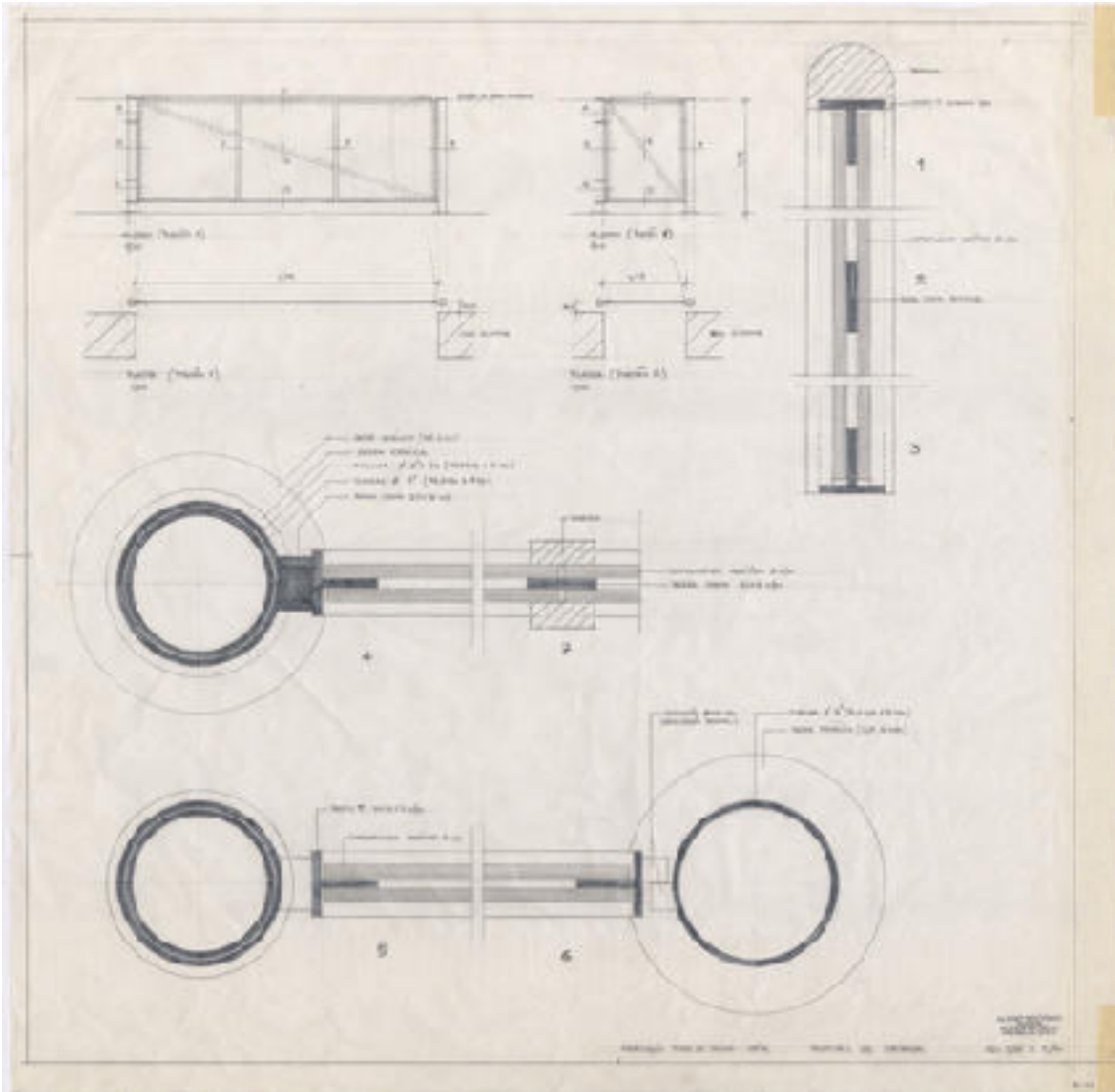
Cortes

178



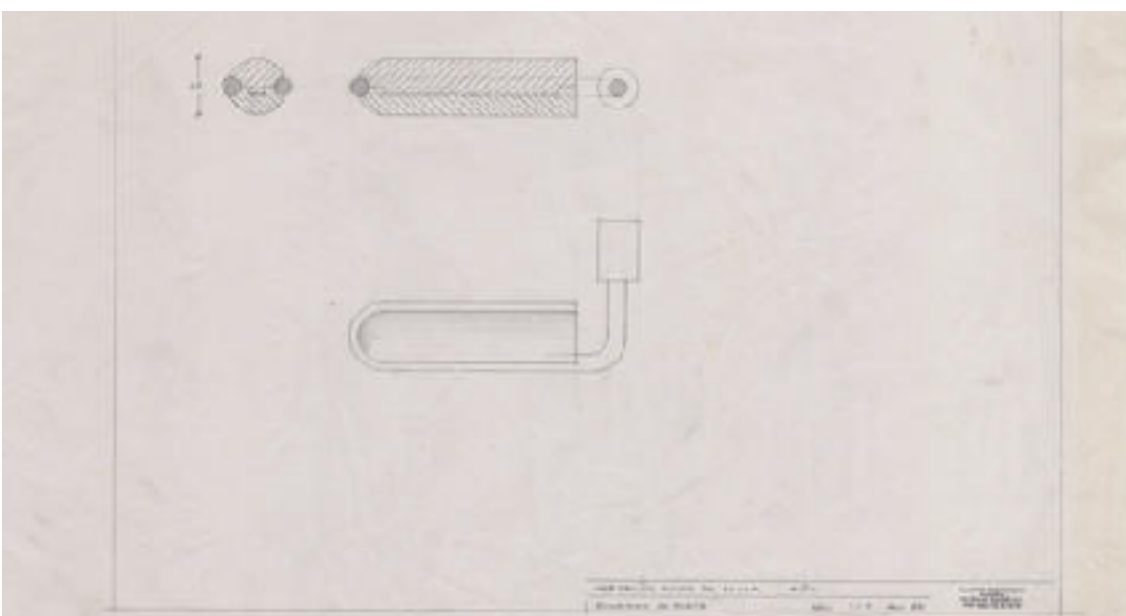
@FIMS\_AS

Porta de entrada

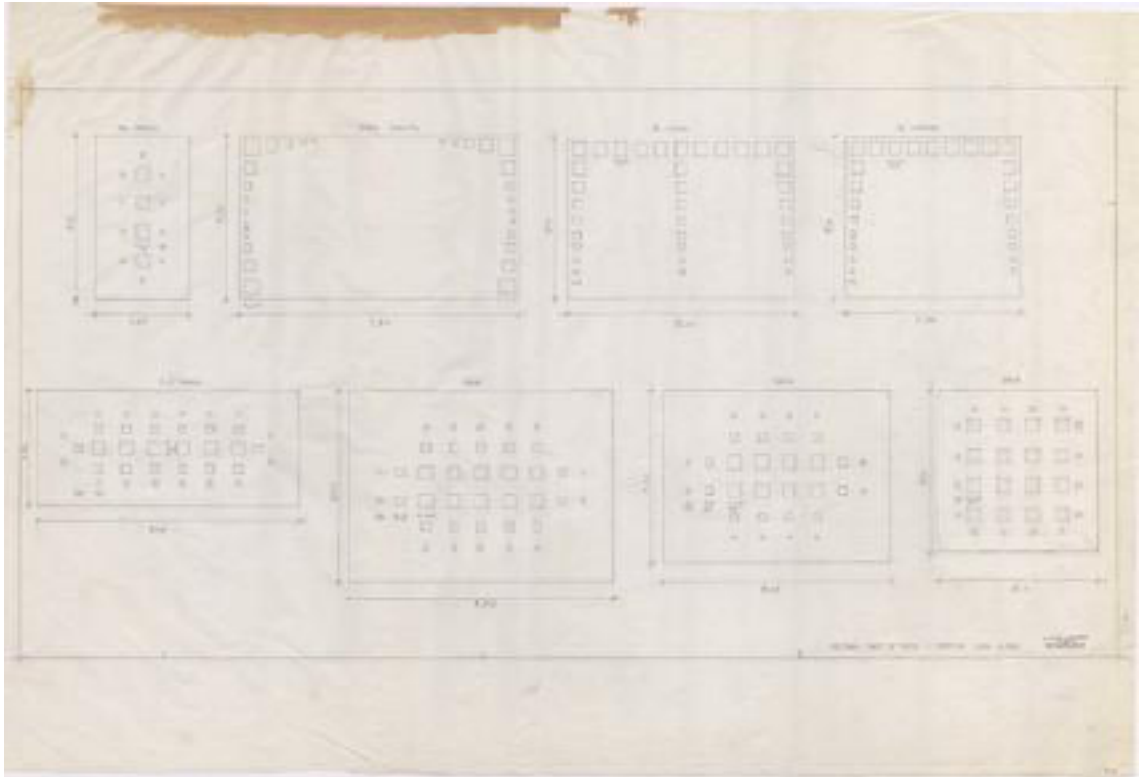


179

Puxador de Porta

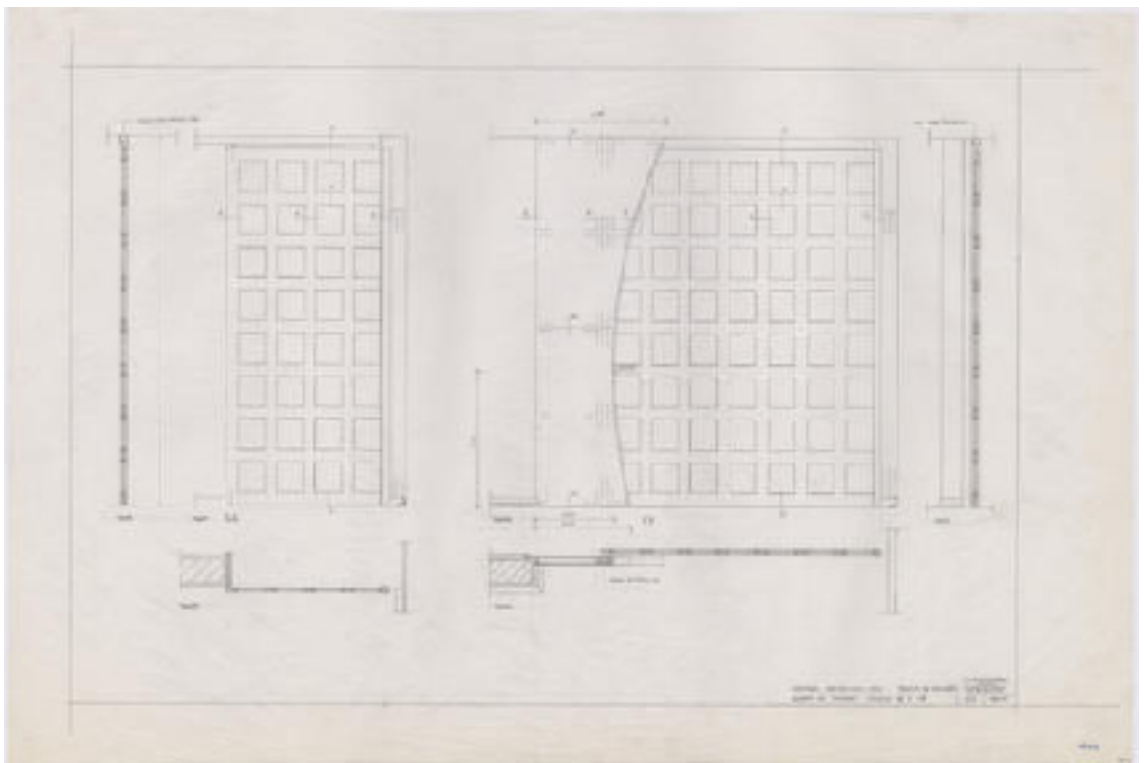


## Tapetes

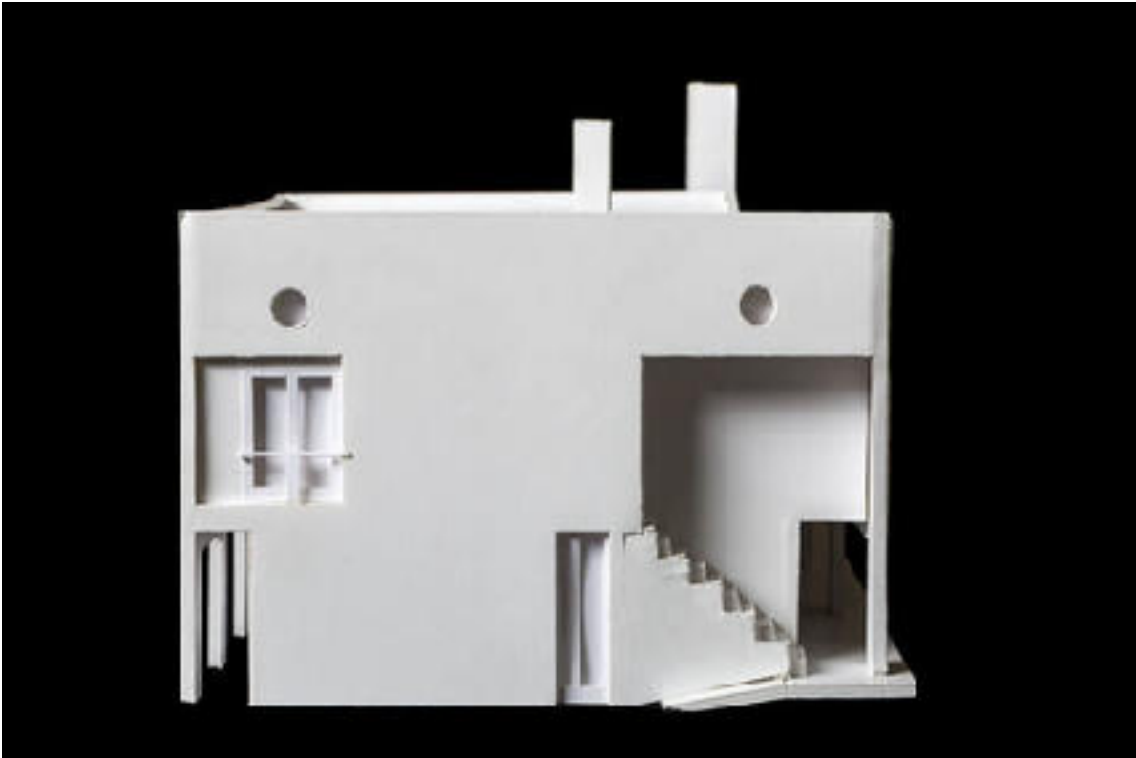


180

## Projecto de execução: Esquema de montagem: Caixilhos C2 e C3



@FIMS\_AS





182



@Alcino Soutinho





@Building Pictures



185



©João Baulosa



@João Baulosa



@João Baullosa



@João Baullosa

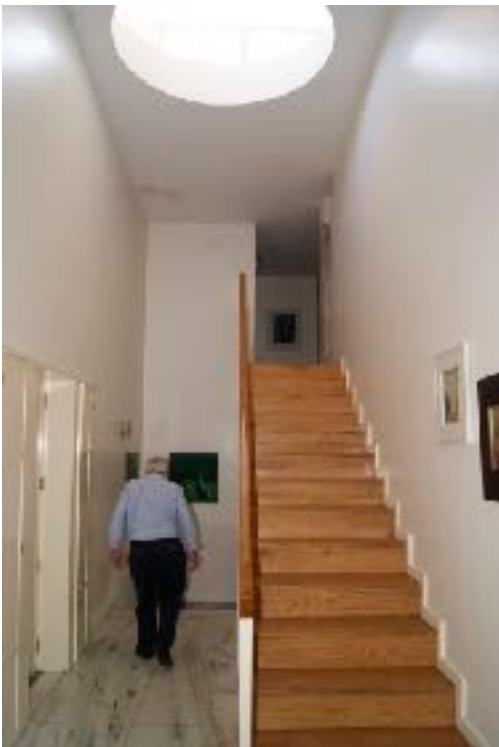


©Building Pictures





@Rita Moreira





194



@Rita Moreira

195





196



@Rita Moreira

# 1987 - HABITAÇÃO JOAQUIM MATIAS

REQUERENTE Joaquim Matias  
MORADA Avenida Bento Gonçalves 70, Barreiro  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

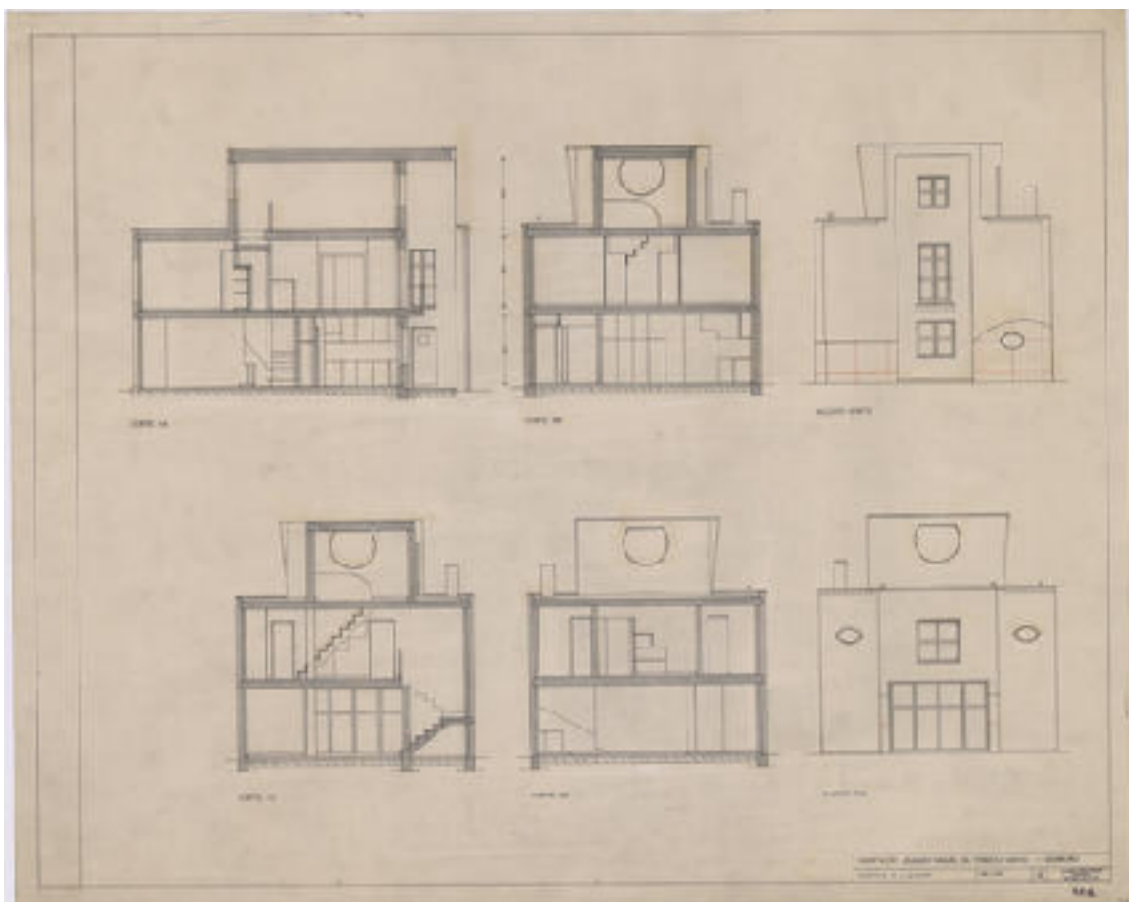
T3

T4

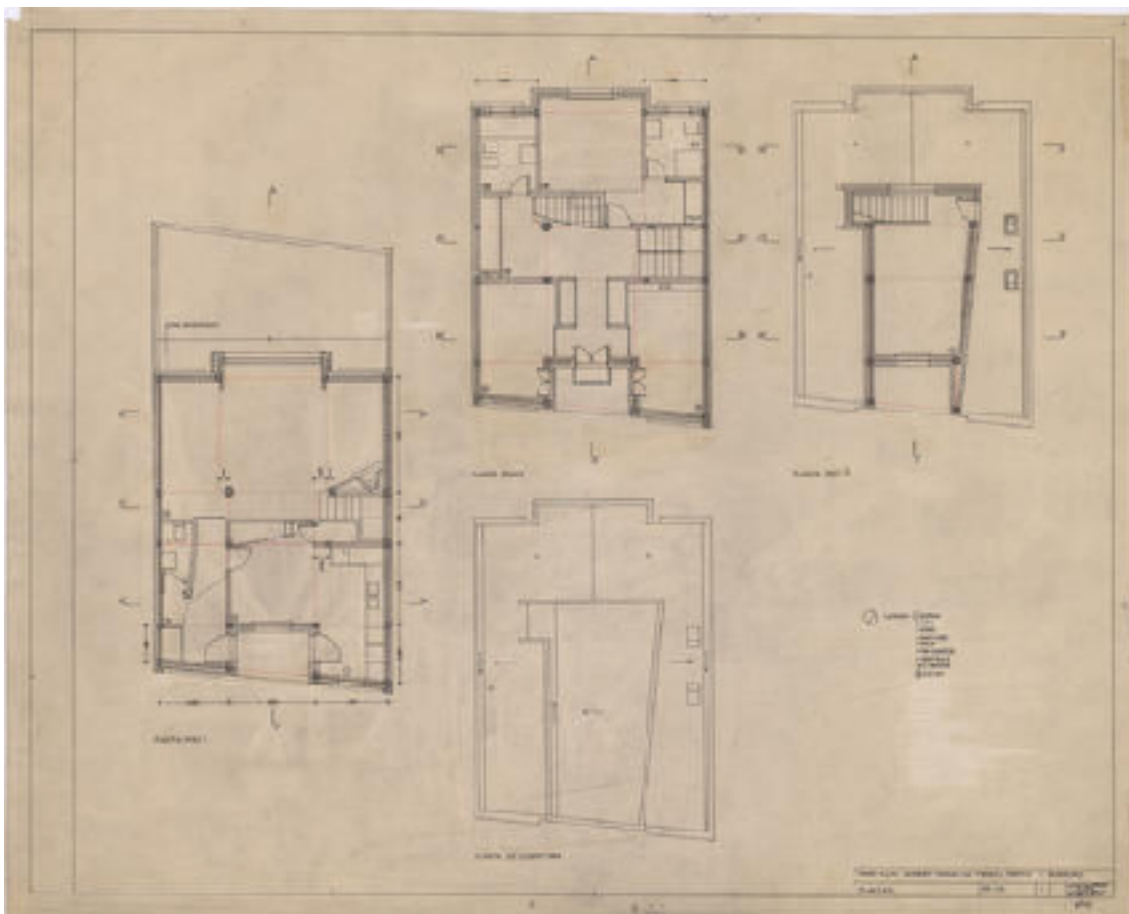
T5

X



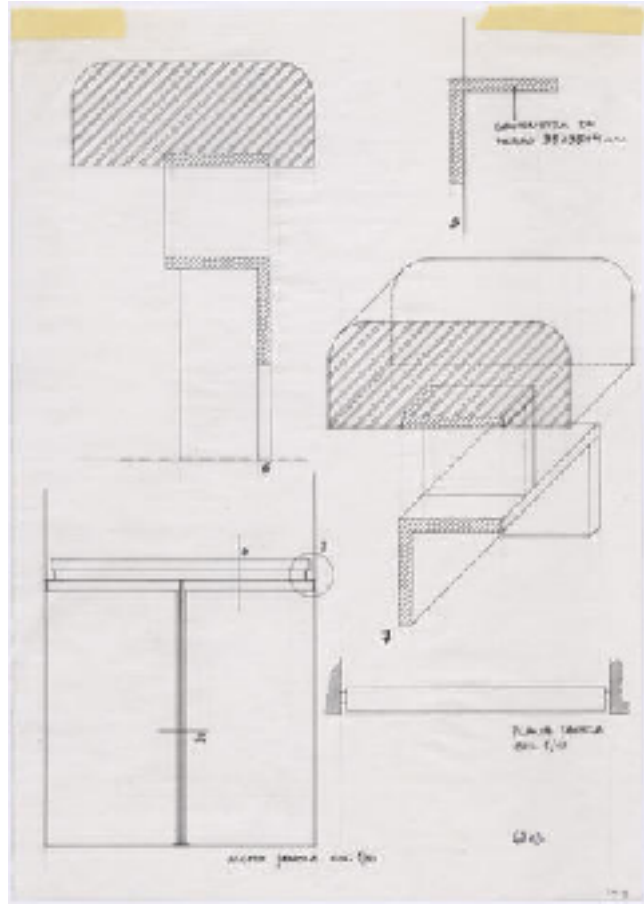


198

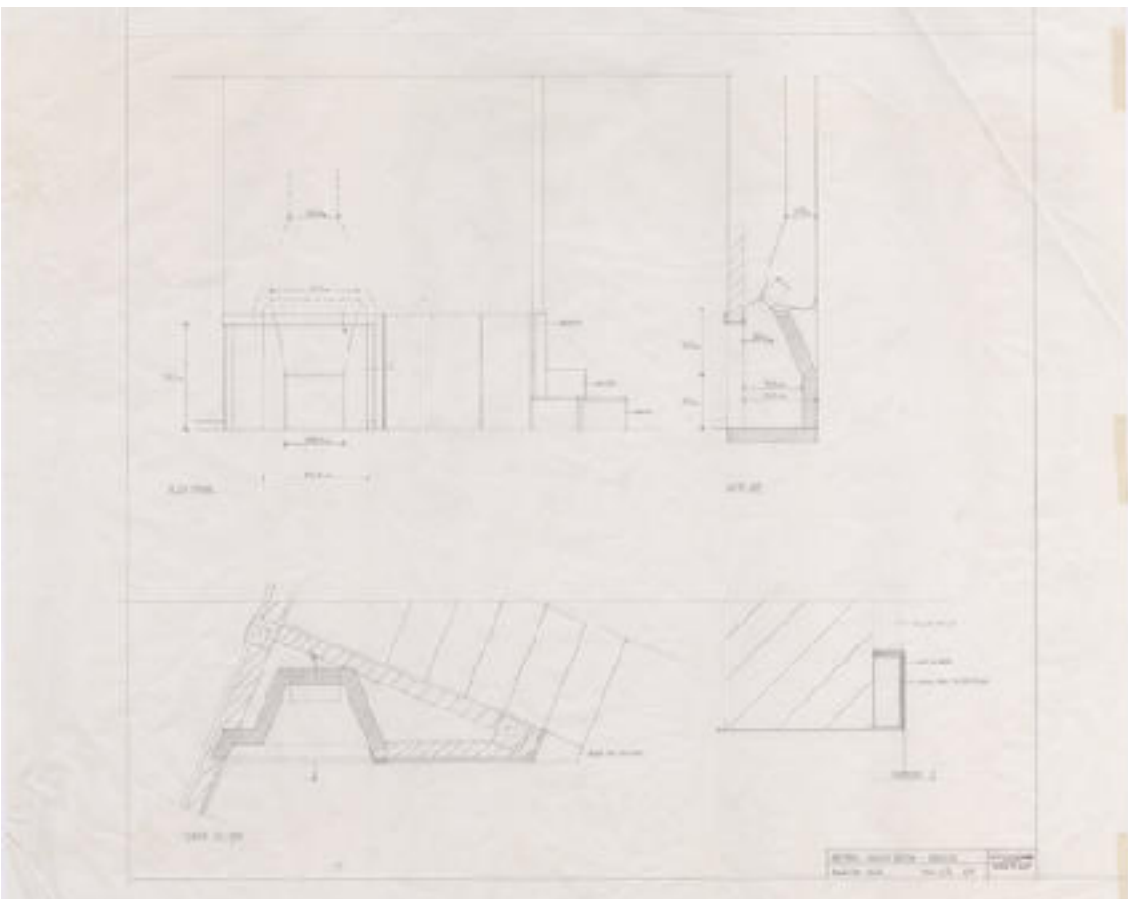


@FIMS\_AS

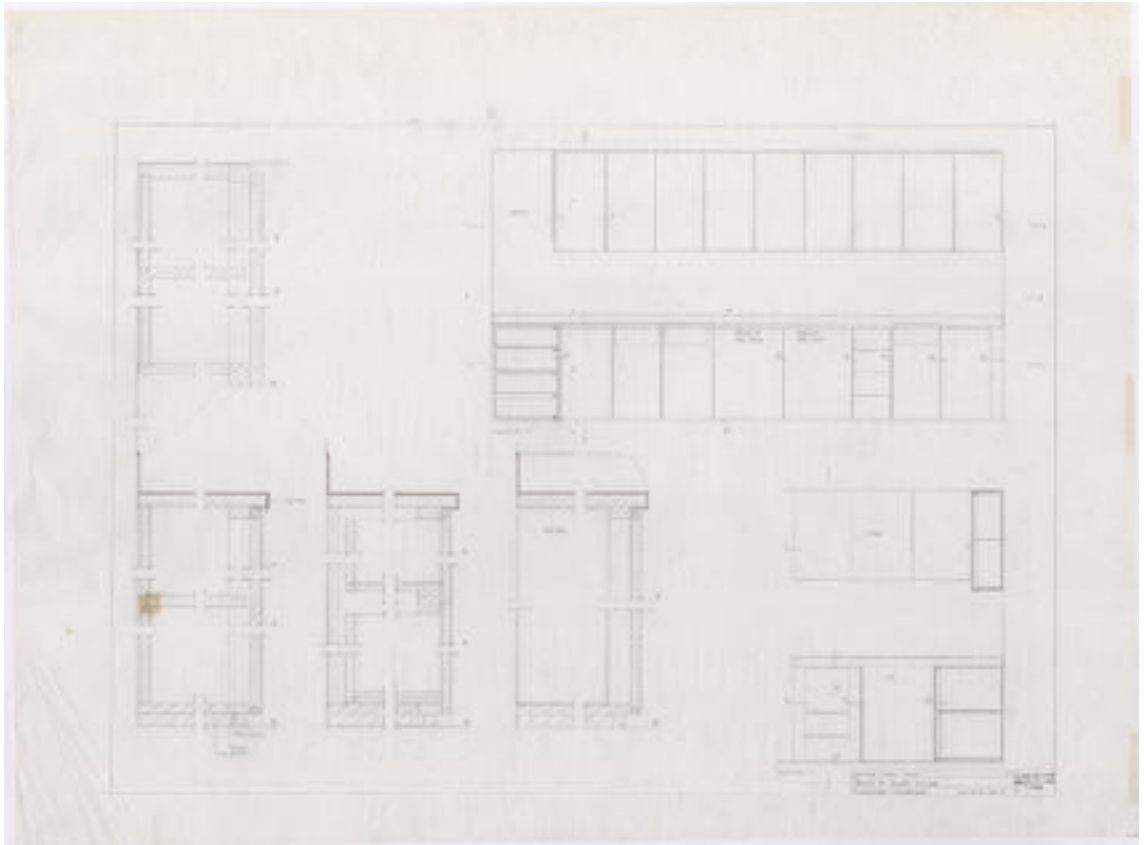
Planta e alçado de janela | Fogão de sala



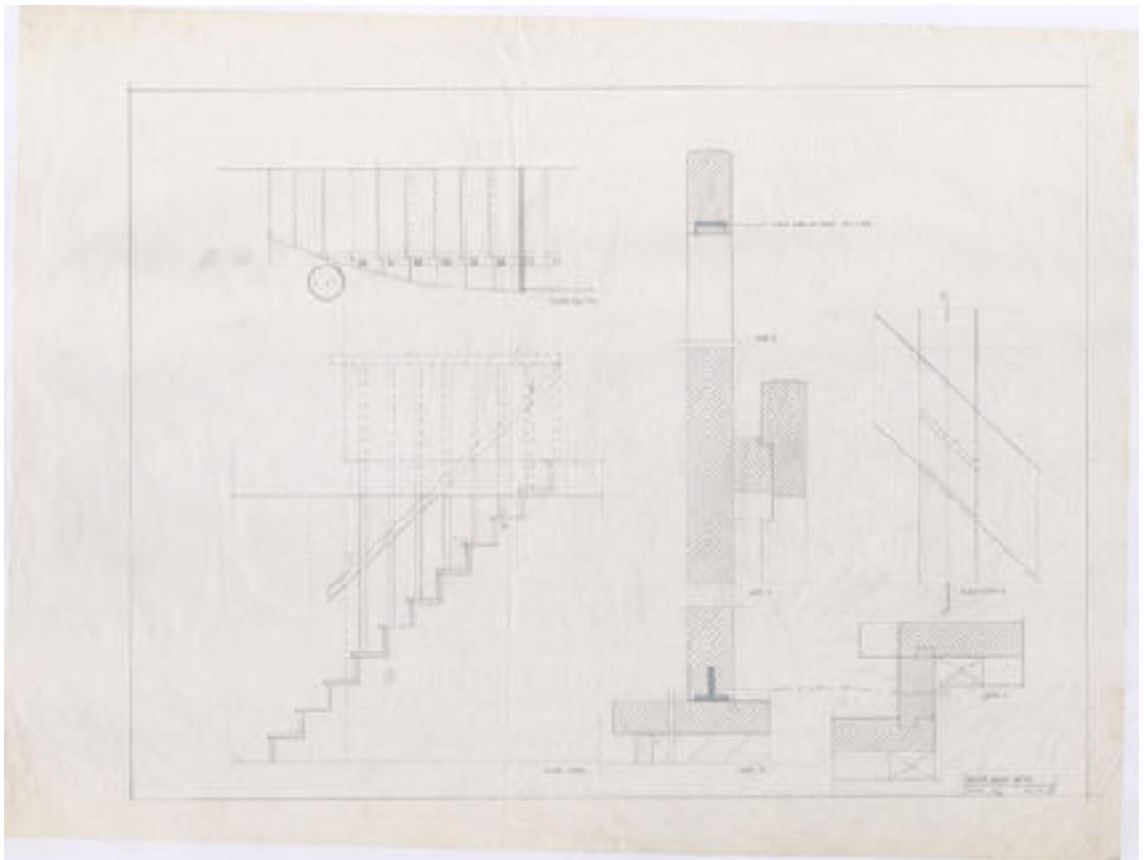
199



Cozinha: Alçados/Corte - Pormenorização | Escada



200



@FIMS\_AS

201



@Alcino Soutinho







205





206



@Rita Moreira

# 1990 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR, ALBERGARIA-A-VELHA

REQUERENTE Carlos Vidal  
MORADA Rua do Vale 37, Albergaria-a-Velha  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

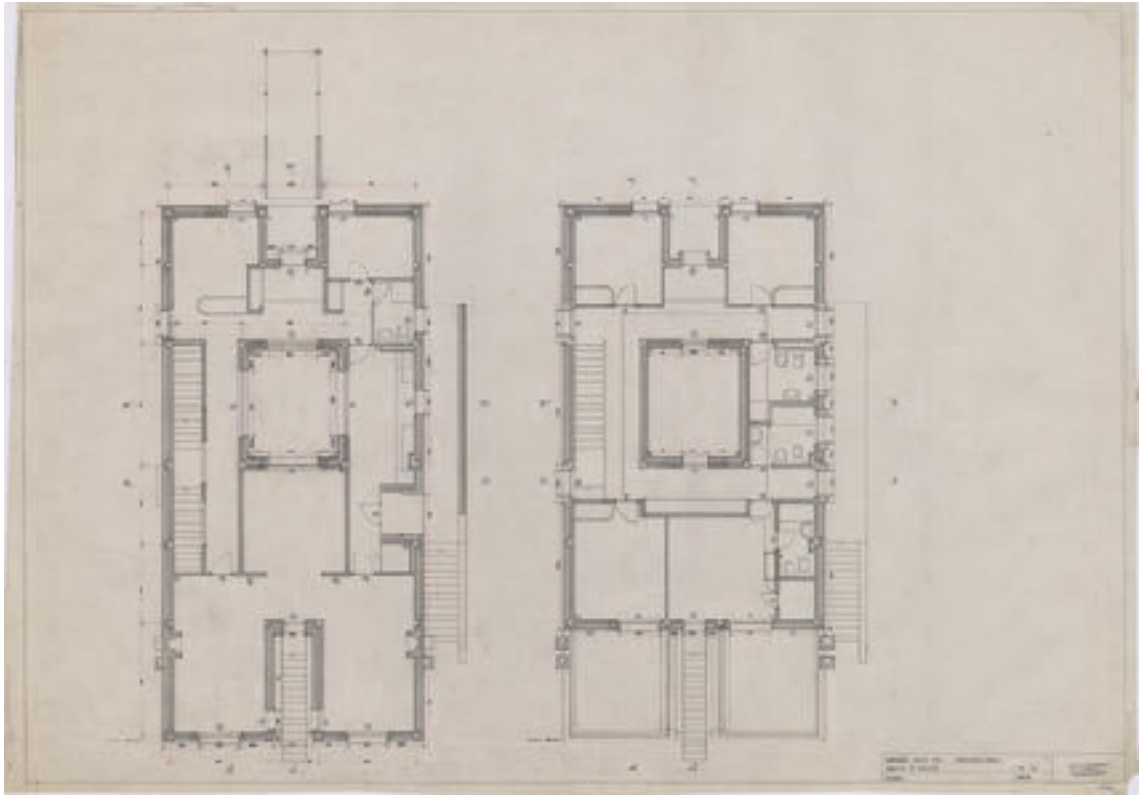
T4

T5

X

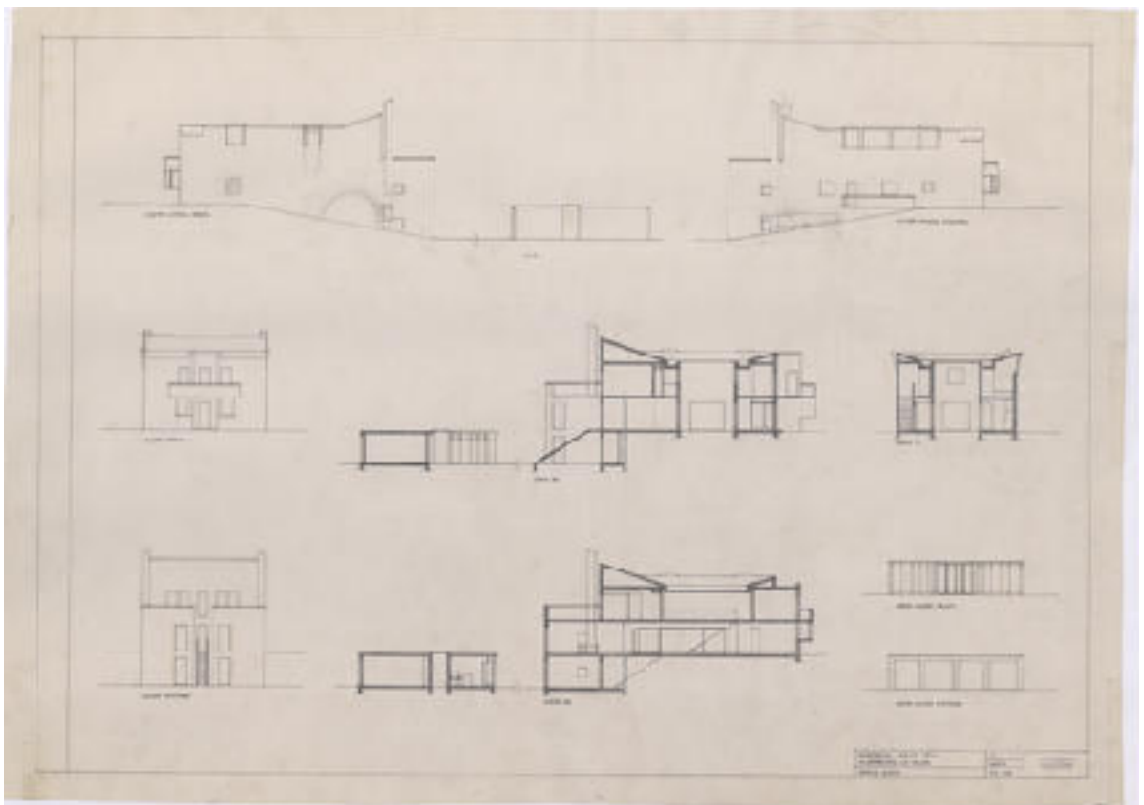


## Plantas



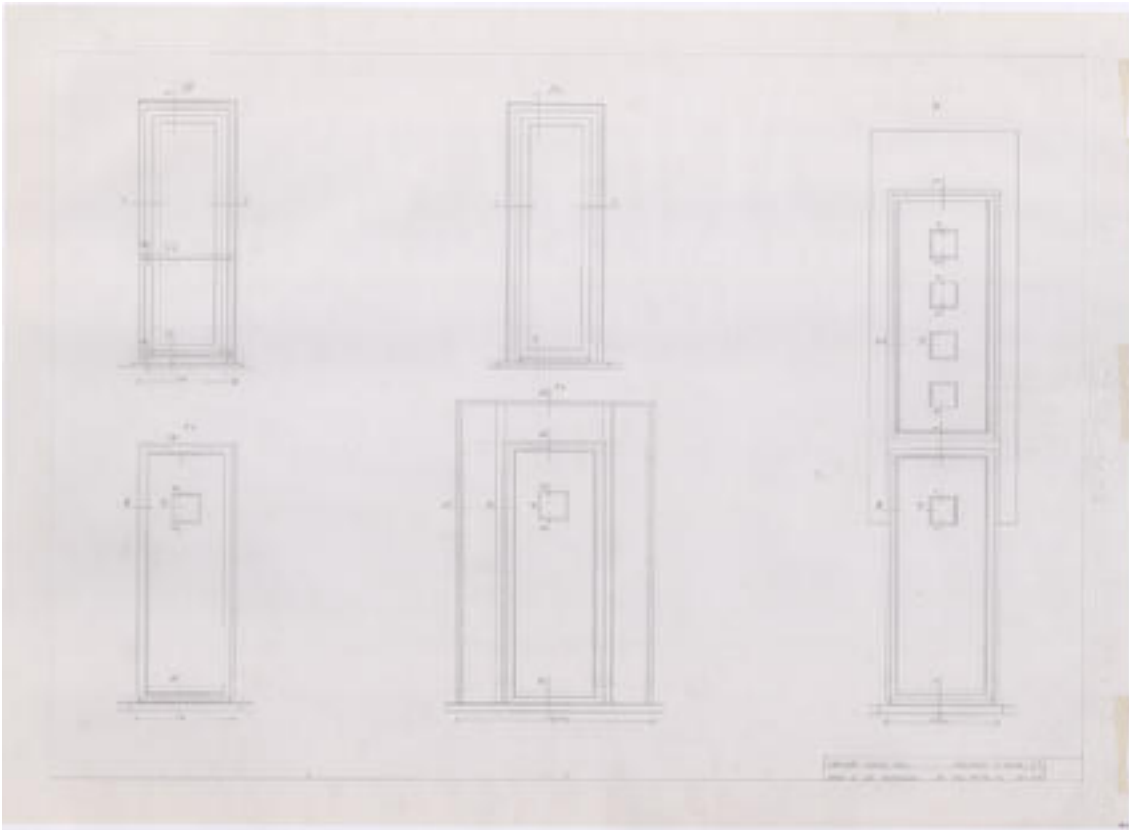
208

## Cortes e Alçados



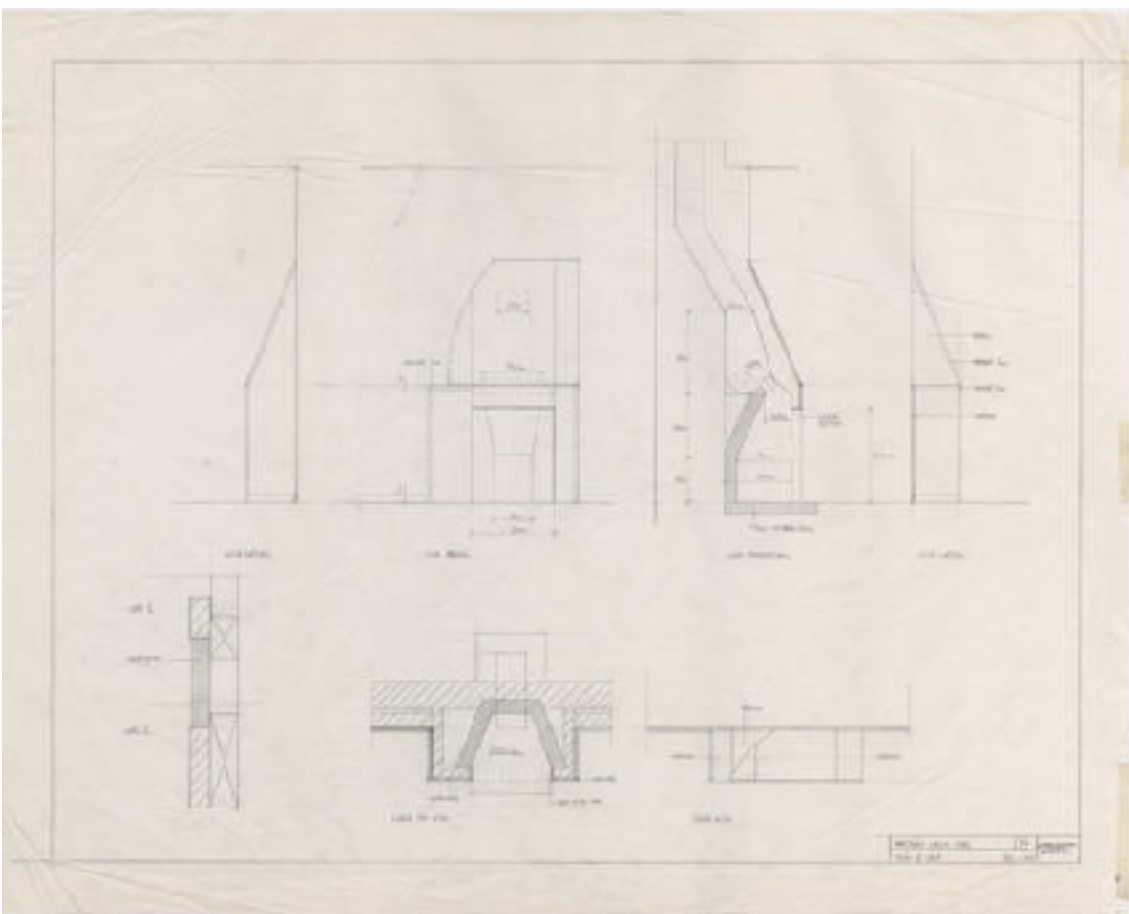
@FIMS\_AS

Mapa de vãos exteriores - J7, J7a, P1, P2, P3

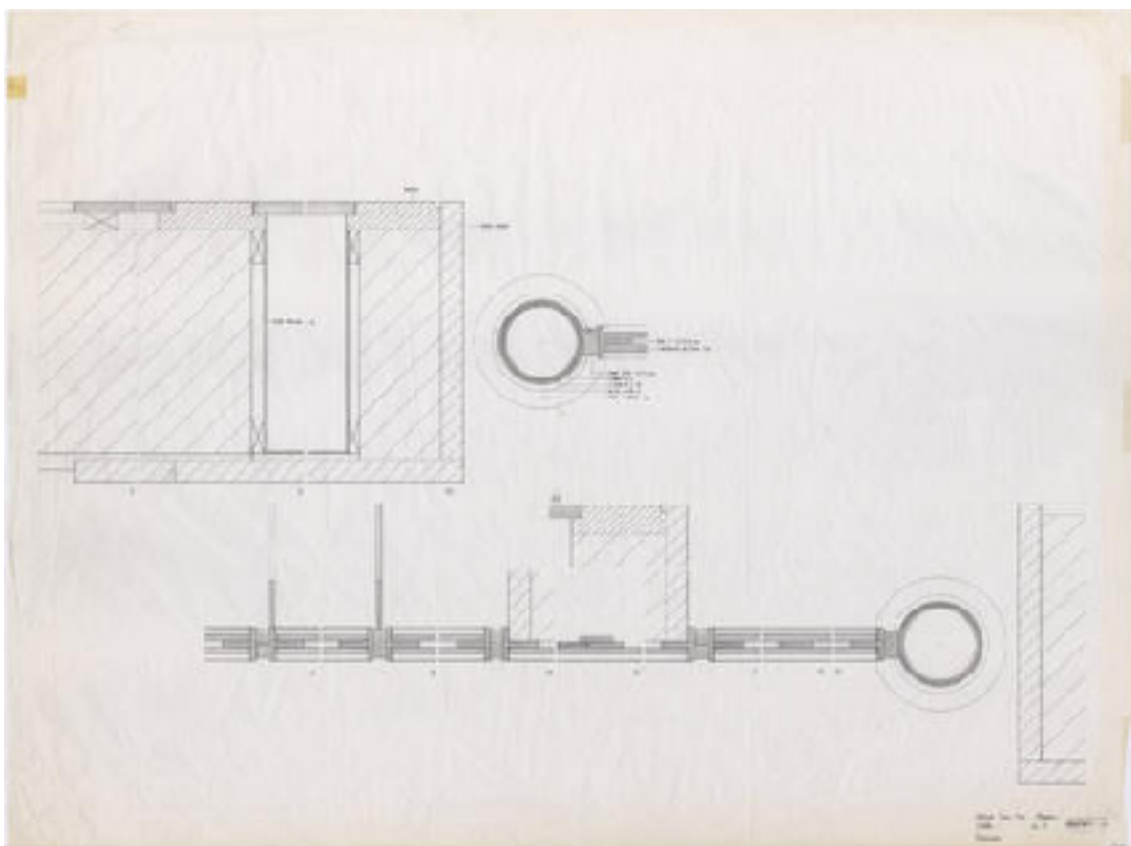


209

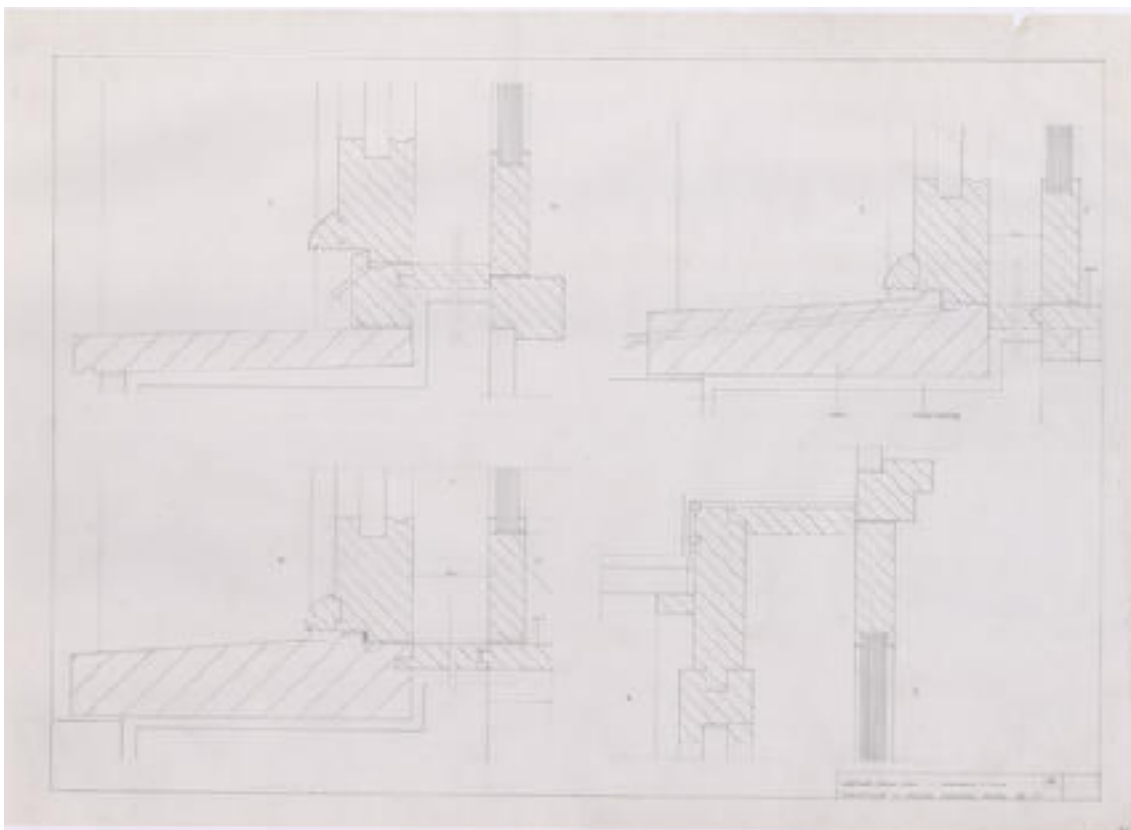
Fogão de sala



## Entrada - Pormenores



## Caixilhos exteriores - Portadas



@FIMS\_AS









214

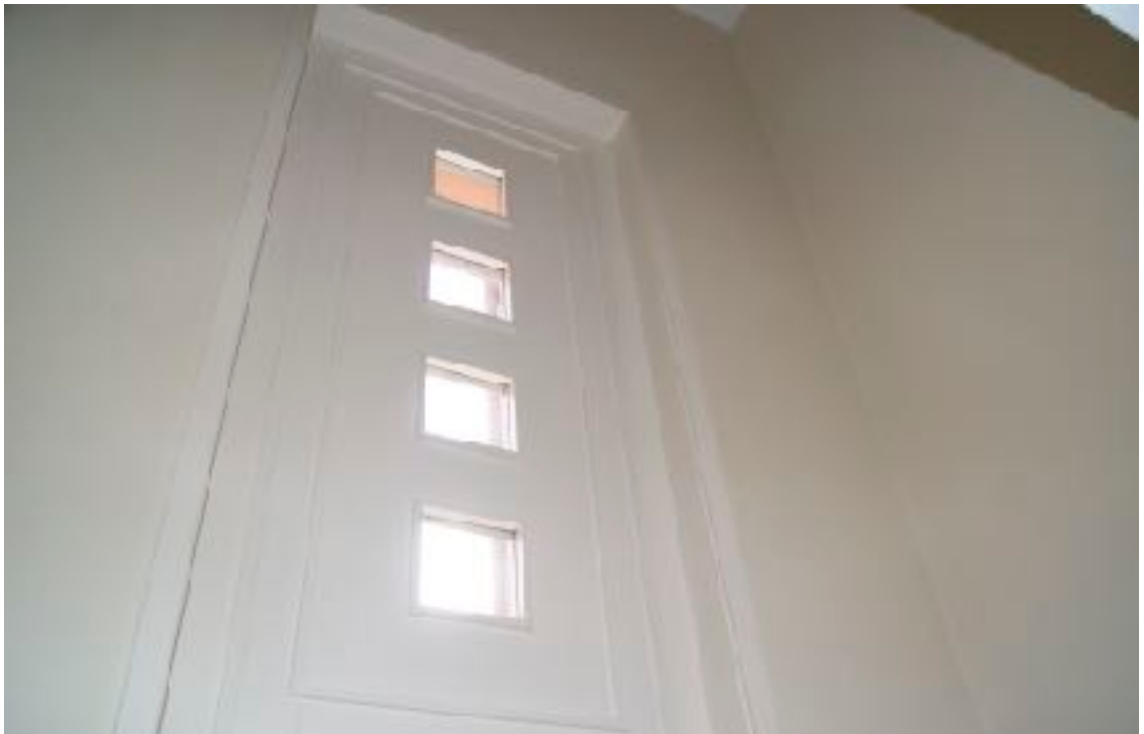


@Rita Moreira

215



@Rita Moreira



216



@Rita Moreira

# 1999 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM OFIR

REQUERENTE Pina Vaz  
MORADA Rua da Bonança 15, Ofir, Esposende  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

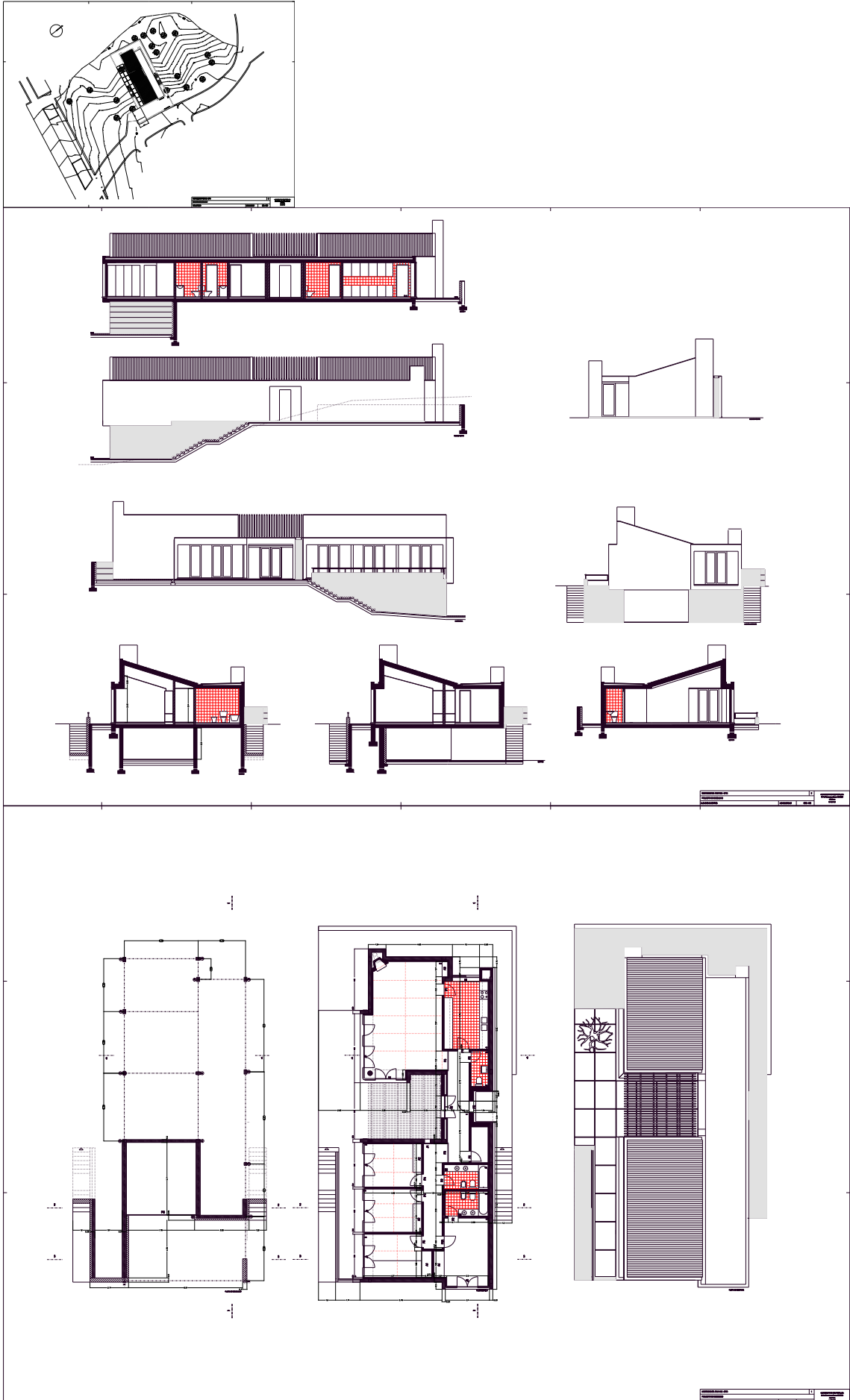
T4

T5

X



Planta de Implantação | Alçados e Cortes | Plantas de Piso e Cobertura



219





220



@Alcino Soutinho



221



222



©João Rapagão



223



# 2000 - MORADIA NA RUA JÚLIO DANTAS, PORTO

REQUERENTE Pedro Manuel Soares Duarte Bicho

MORADA Rua Júlio Dantas 197, Porto

PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

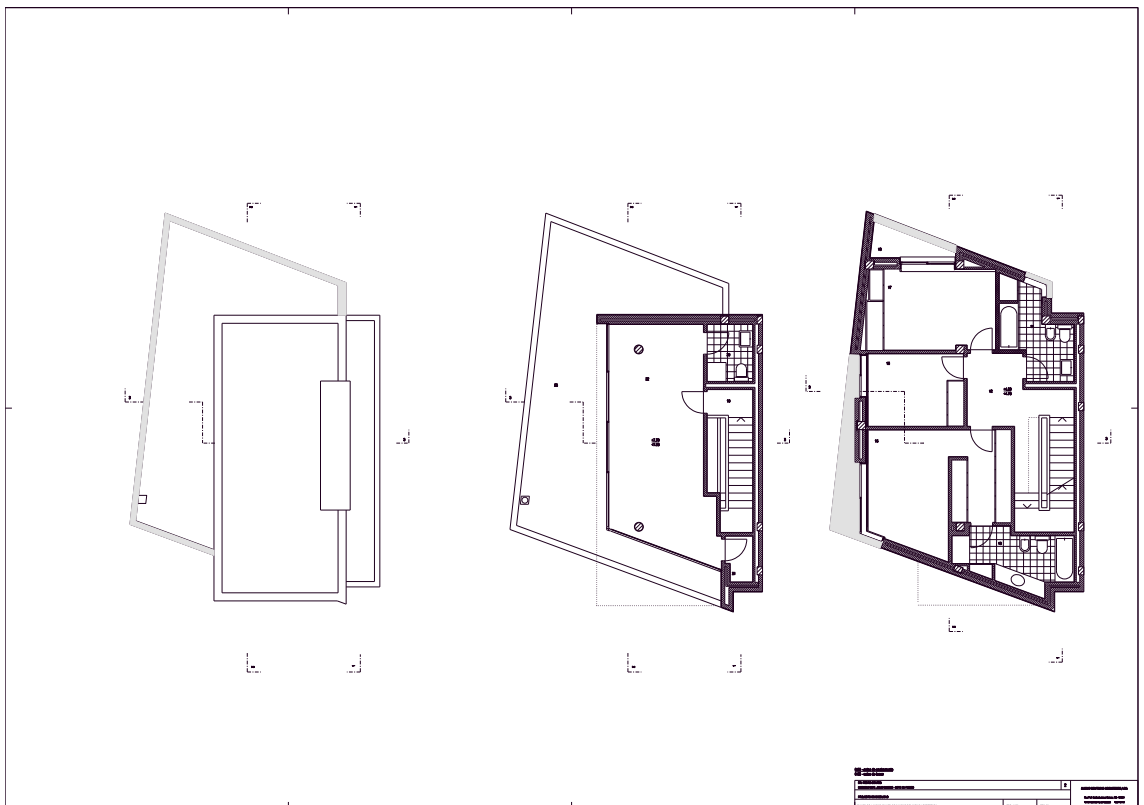
T4

T5

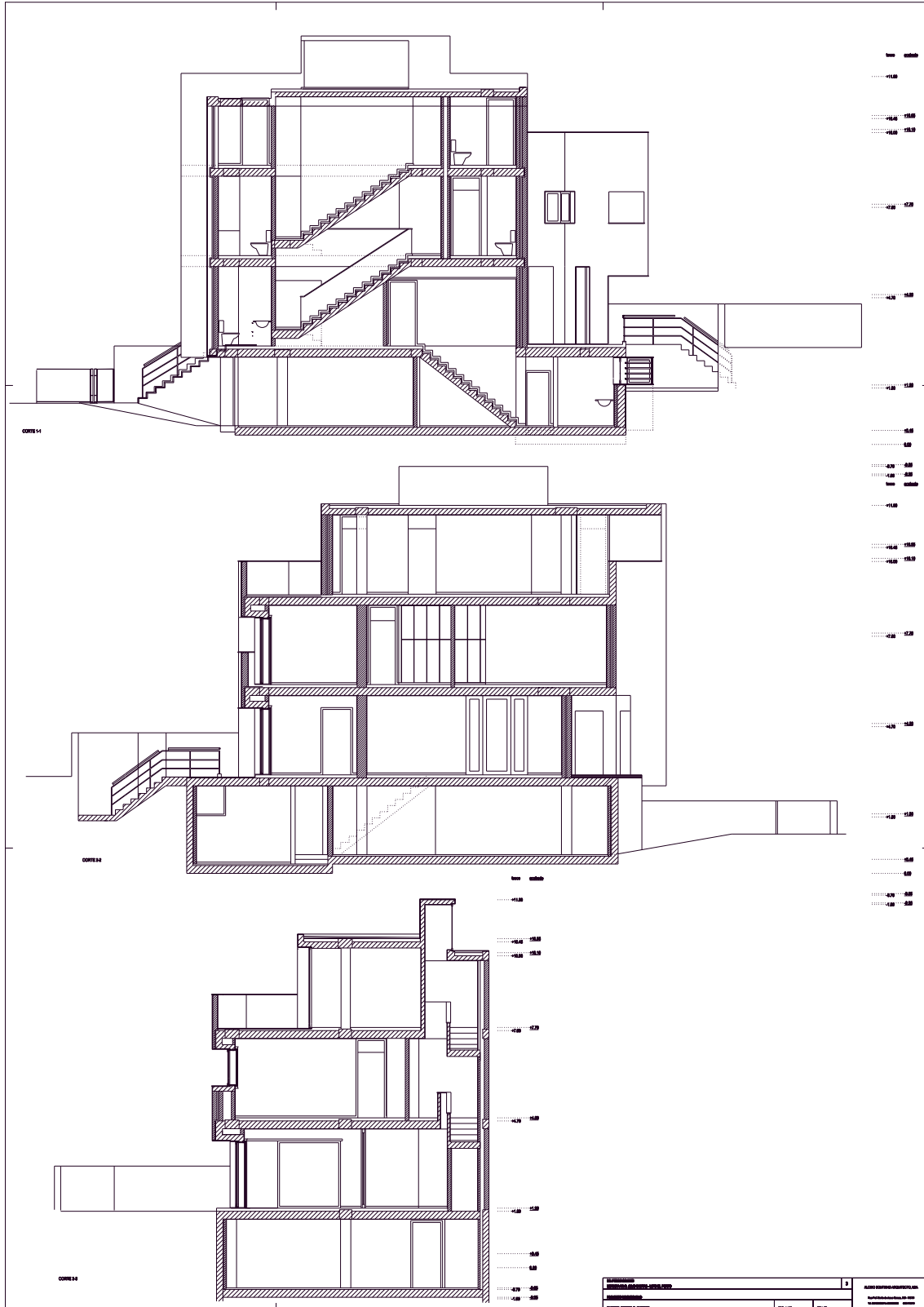
X

225



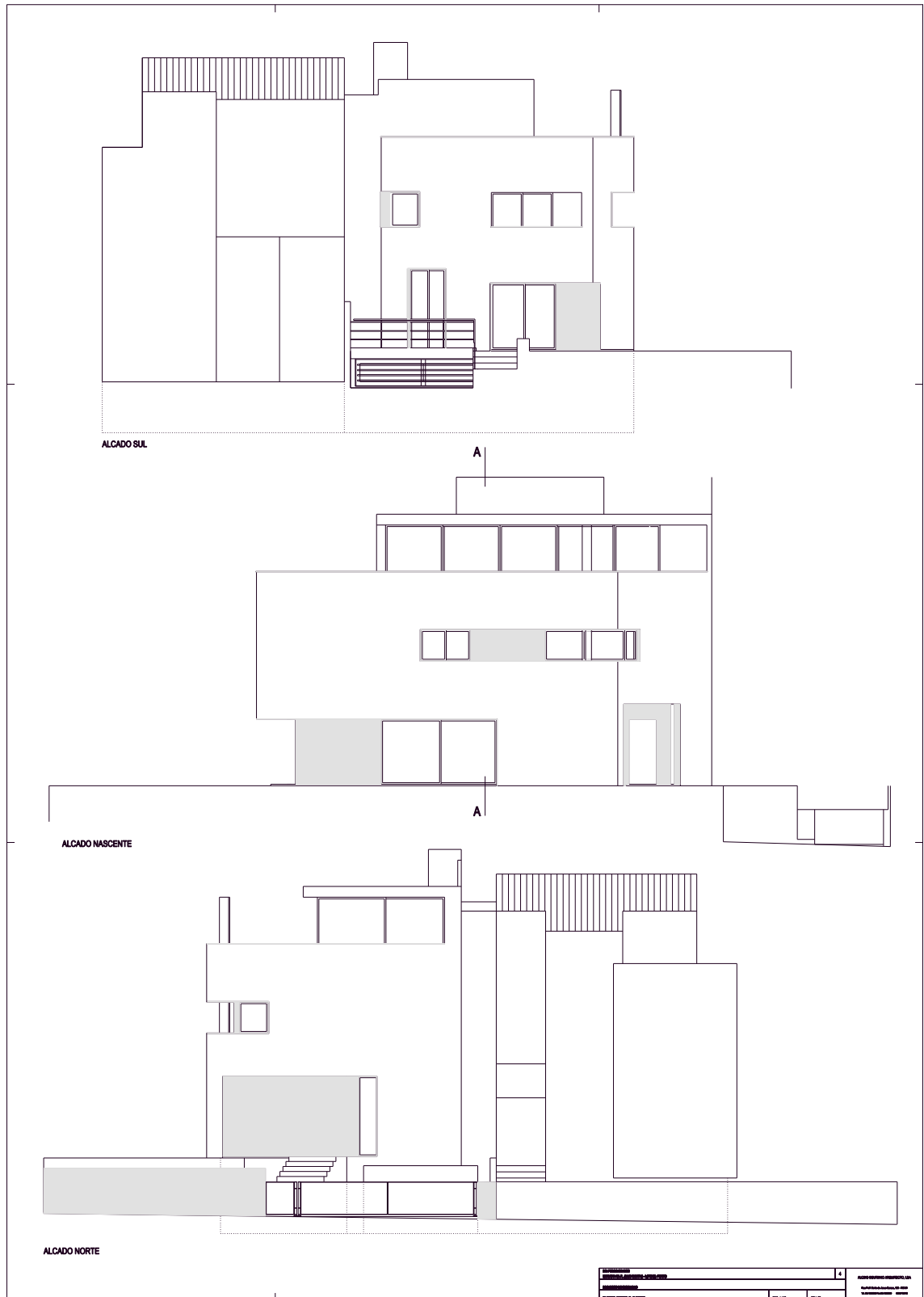


Cortes



227

# Alçados







# 2003 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR, PORTO

REQUERENTE António Cavadas Silva Santos  
MORADA Rua Rodrigues Semide 504, Porto  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

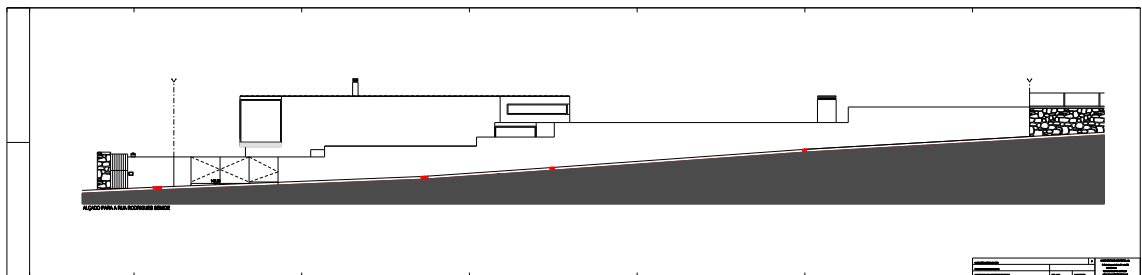
T4

T5

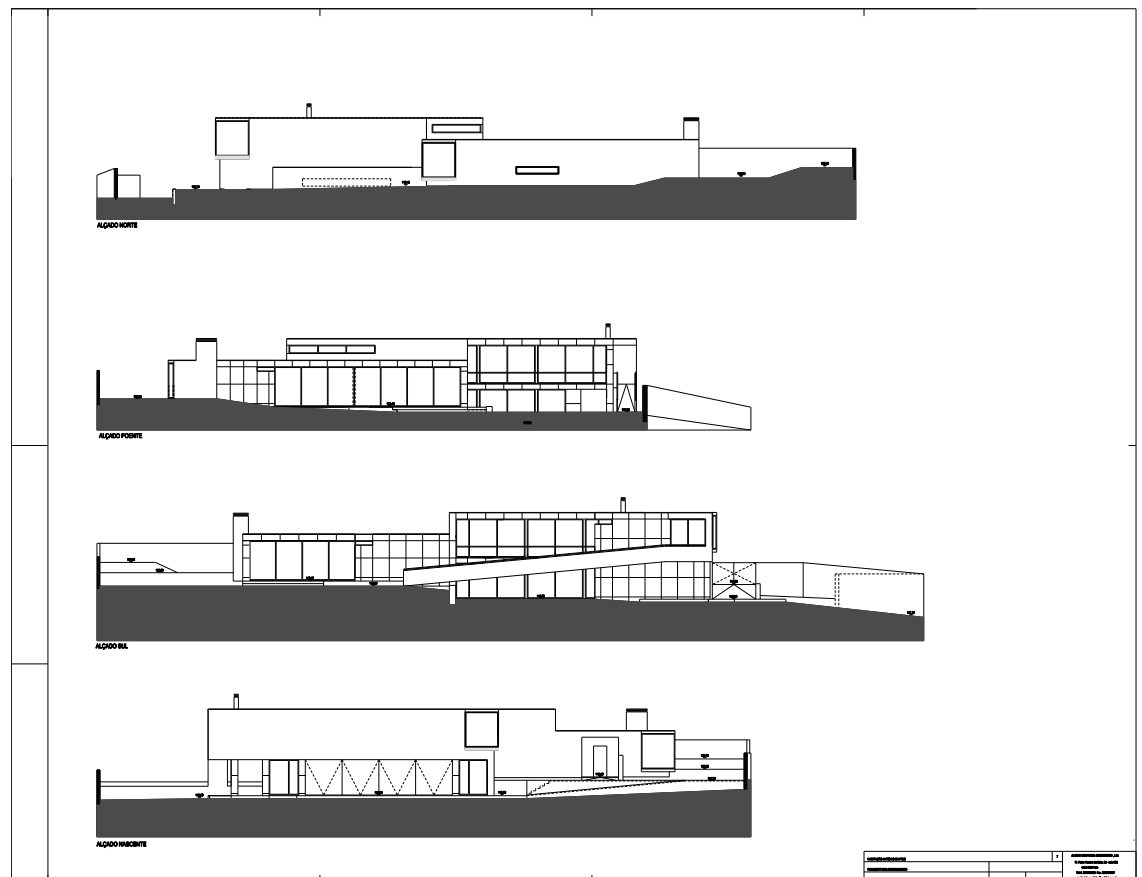
X



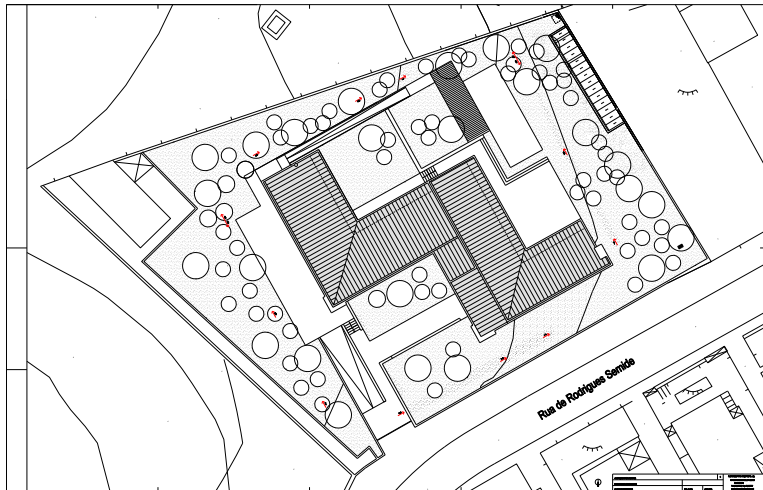
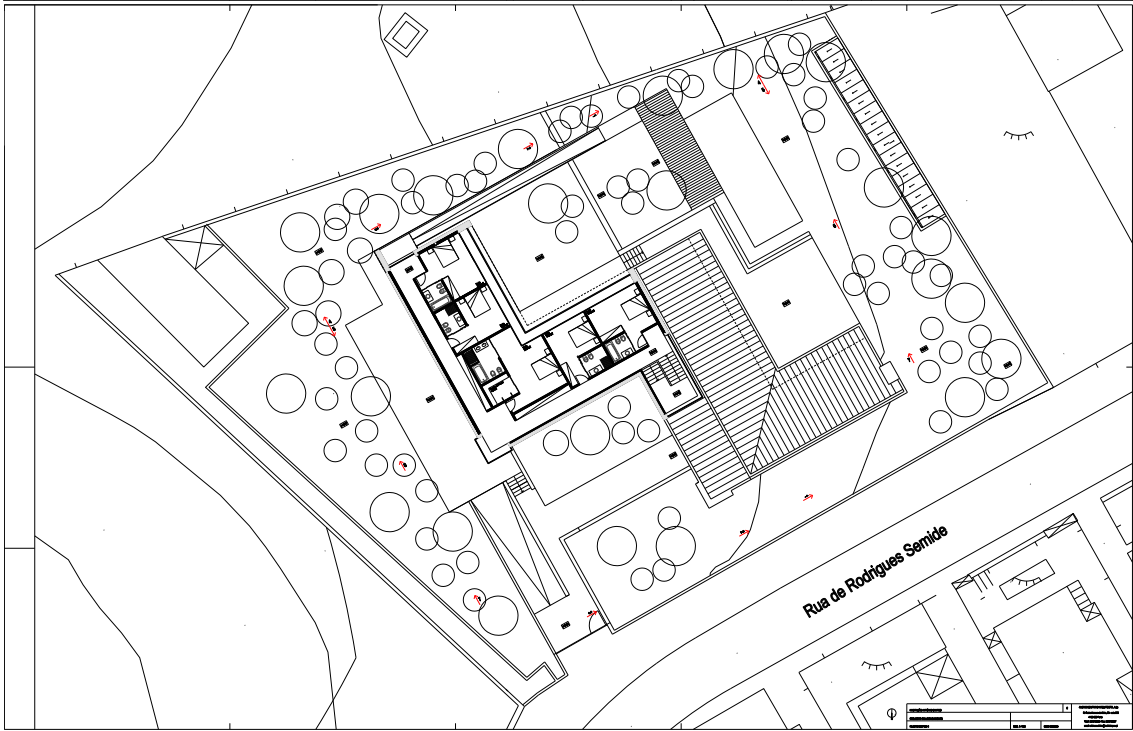
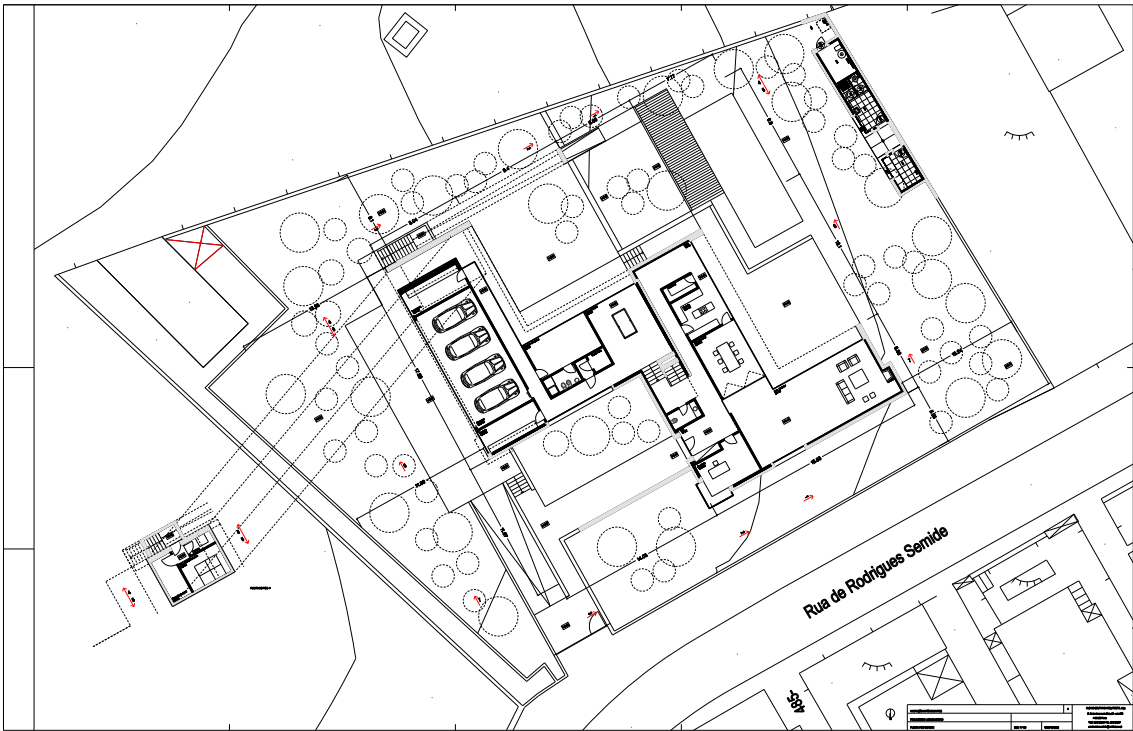
## Alçado e Muro de Vedação | Alçados



232

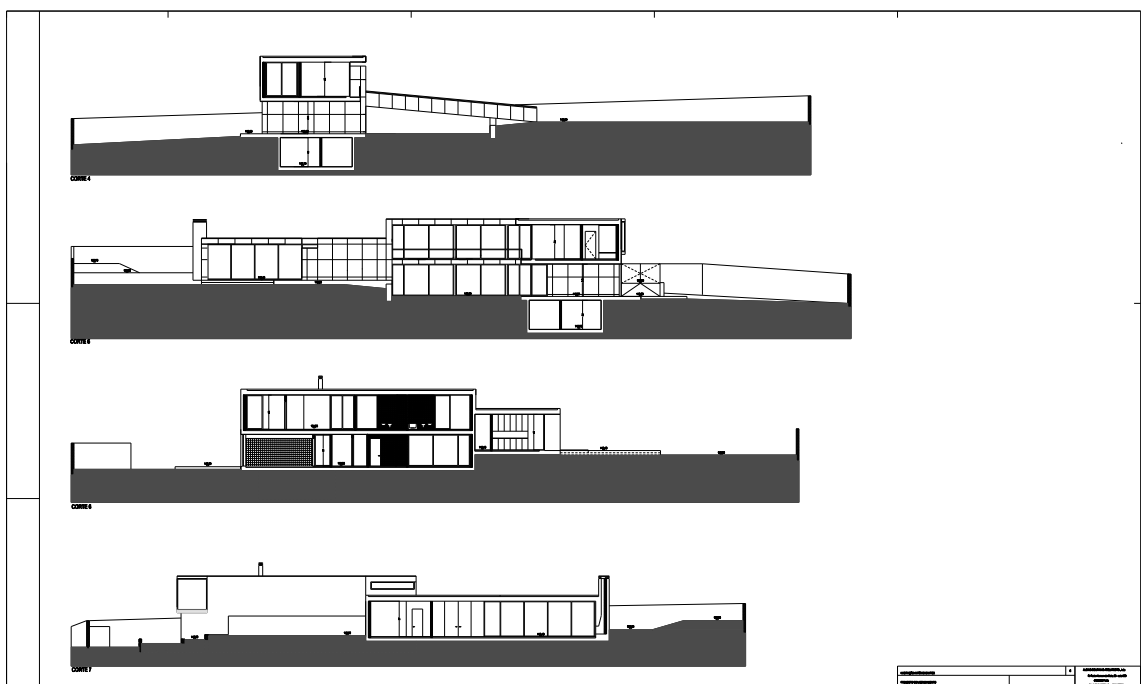
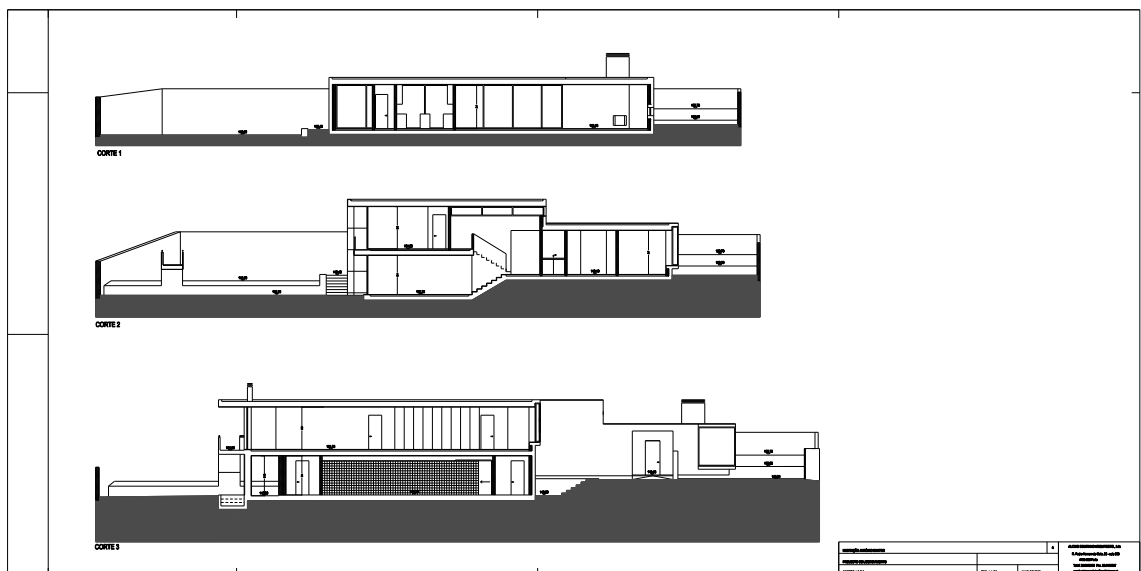


@FIMS\_AS



Planta do Piso Rés-do-Chão  
| Planta do Piso 1  
| Planta de Cobertura

Corte 1, 2, 3 | Cortes 4, 5, 6 e 7



235





236



©Alcino Soutinho





238



@Rita Moreira

## 2003 - HABITAÇÃO UNIFAMILIAR, AFIFE

REQUERENTE António Fernando Couto dos Santos  
MORADA Travessa da Sobreira 30, Afife, Viana do Castelo  
PROJETO

PRIMEIRA HABITAÇÃO

HABITAÇÃO DE FÉRIAS

X

NÚMERO DE PISOS | CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA | N.º FOGOS

T2

T3

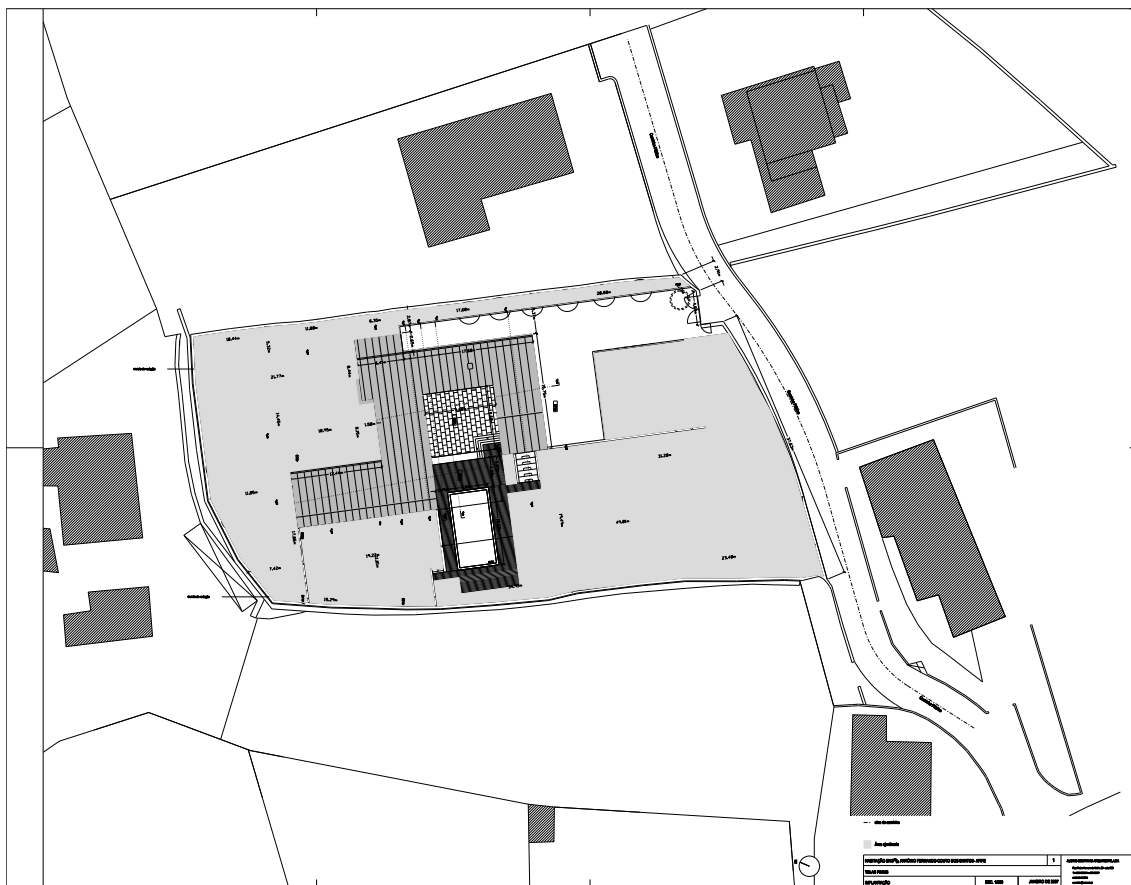
T4

T5

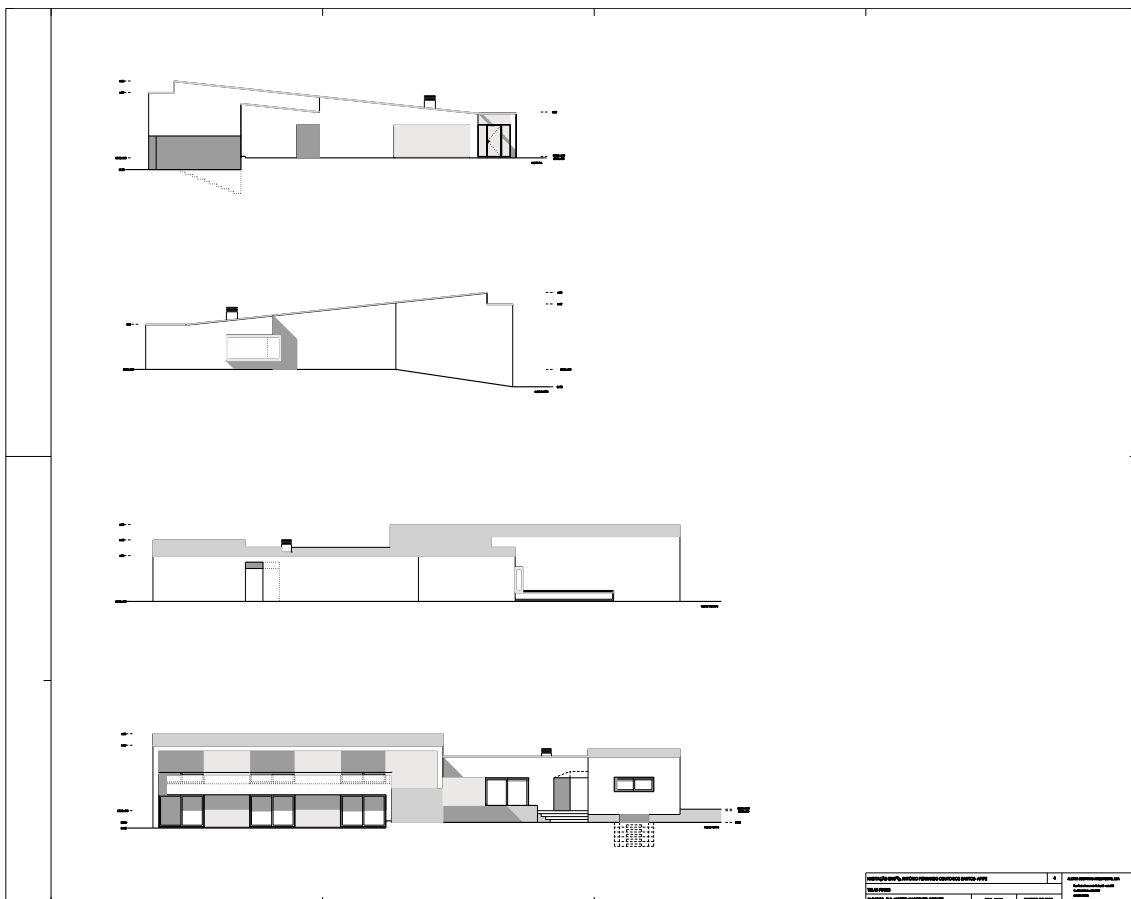
X



# Planta de Implantação | Alçados



240



@FIMS\_AS

Cortes

241



PROYECTO: [illegible]	FECHA: [illegible]	HOJA: [illegible]
PROYECTANTE: [illegible]	PROYECTANTE: [illegible]	PROYECTANTE: [illegible]

@FIMS\_AS



243







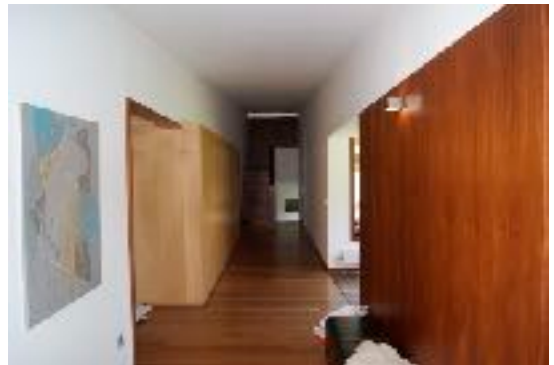


247

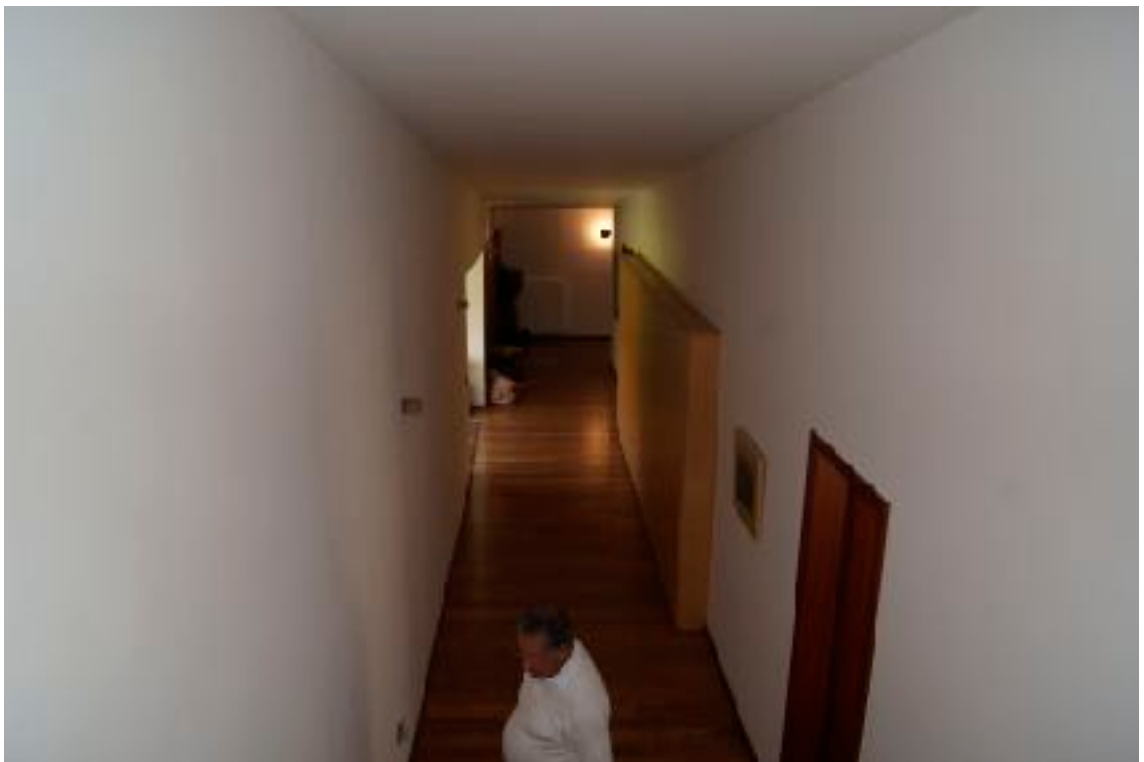








250



©Rita Moreira





@Rita Moreira



**DISSERTAÇÃO Mestrado**  
ARQUITETURA E URBANISMO

**AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO**  
estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003